



Universidade de Aveiro Departamento de Línguas e Culturas
2005

**Isa Margarida
Vitória Severino**

***A Escola Nova Cristã e Política*
de Francisco Luís Ameno – edição e
estudo de aspectos linguísticos e
pedagógico-didáticos**

Volume I

O júri

Presidente

Professor Doutor Telmo dos Santos Verdelho
professor catedrático da Universidade de Aveiro

Vogal

Professor Doutor Fernando Alberto Torres Moreira
professor associado da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Vogal

Professor Doutor António José Ribeiro Miranda
professor auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Telmo Verdelho, a confiança que depositou em mim.

Aos meus pais e irmã, Lara, expresso a minha gratidão, pelo estímulo constante ao longo deste trajecto.

Ao Jorge, pela disponibilidade e dedicação.

De igual modo, expresso o meu reconhecimento aos meus Amigos, pelas palavras de incentivo e encorajamento e, de forma muito especial, agradeço ao coronel, Jorge Santos, meu tio, pelo precioso contributo prestado na obtenção do registo de baptismo de Francisco Luís Ameno e à minha prima Ana o apoio prestado e a grande amizade que me manifestou nesta etapa.

Também à Isabel expresso o meu reconhecimento pela ajuda prestada na elaboração do *abstract*.

resumo

Os manuais escolares portugueses dedicados ao ensino elementar, anteriores ao século XIX, são pouco conhecidos e não terão sido publicados em grande número. De entre eles destaca-se a *Escola Nova Cristã e Política* editada a partir de 1756, pelo próprio autor, Francisco Luís Ameno, sob o pseudónimo de Leonor Tomásia de Sousa e Silva.

A recuperação e a reedição cuidadosa deste texto constituem uma parte importante deste trabalho. A ela se juntam a análise de alguns aspectos linguísticos, que nos mereceram particular atenção, e uma breve reflexão sobre os pressupostos pedagógico-didácticos nela presentes.

Acréscenta-se ainda uma notícia biobibliográfica de Francisco Luís Ameno, que ajuda a situar e a esclarecer as condições de aparecimento e de divulgação deste pequeno manual. Ameno foi um prestigiado tipógrafo que preencheu o século XVIII e revelou uma certa preferência pela edição de obras de tipo metalinguístico.

No decorrer da investigação, procurámos ainda pesquisar os vectores que orientaram o pensamento do autor, dado que uma das finalidades deste estudo consiste em salientar o precioso contributo que Ameno prestou na difusão do livro e o papel que exerceu no ensino da língua e da leitura.

abstract

The Portuguese manuals dedicated to elementary teaching, earlier to the 19th century, are not very well-known and only a few have been published. Among them, *Escola Nova Cristã e Política* has been edited by its own author, Francisco Luís Ameno, under the pseudonym of Leonor Tomásia de Sousa e Silva, from the 1756 onwards.

The recuperation and careful re-edition of this text represent an important part of this dissertation. Some of the linguistic features embedded in the text as well as its pedagogic and didactic purposes have also been under analysis.

Moreover, the bibliographic information gathered about Francisco Luís Ameno has proved helpful in situating and clarifying the conditions under which this manual appeared and was made public. Ameno, whose life covered almost the entire 18th century, was a prestigious typographer who expressed a certain preference for the edition of metalinguistic works.

One of the purposes of this research was also to approach some of the ideas which guided the author, bearing in mind that this dissertation also intended to highlight Ameno's precious contribution in making books widespread and his role in teaching the Portuguese language and reading methods.

«A educação imperativa é a acção de um ser inteligente sobre outro para o ir formando segundo um determinado ideal. A educação tem por fim o melhoramento do homem e por alvo a felicidade, segundo o ideal de cada época, forma da sociedade e da perfectibilidade humana.»

Ferreira Deusdado

ÍNDICE

VOLUME I

Índice de figuras	13
Índice de quadros	14
1. Introdução	15
2. Apontamento biográfico.....	17
2.1. Percurso académico.....	19
2.2. O tipógrafo	21
2.2.1. Localização da oficina	26
2.3. Biblioteca privada	34
2.4. Obras traduzidas.....	47
2.5. Autores e obras publicados	49
2.5.1. <i>Dicionário Exegético</i> – enquadramento na produção dicionarística	49
<i>Dicionário Exegético</i>	56
2.5.2. Prolegómeno	56
2.5.3. Intenções do autor e estratégias discursivas.....	57
2.6. Produção autoral	61
3. O manual – <i>Escola Nova Cristã e Política</i>	62
3.1. Descrição material	62
3.2. Estrutura da obra	75
3.2.1. Dedicatória	76
3.2.2. Marcação discursiva.....	78
3.2.3. Compêndio da doutrina cristã	80
3.2.4. Instrução política.....	81
3.2.5. Método fácil para aprender a ler	87
3.2.6. Regras gerais para aprender a escrever	94
4. Aspectos linguísticos.....	97
4.1. Ortografia.....	97
4.1.1. Grupos consonânticos latinos.....	97
4.1.2. Grafemas consonânticos	99
4.1.3. Variação gráfica dos ditongos nasais	105
4.1.4. Variação gráfica dos ditongos orais	108
4.2. Sinais não alfabéticos: acentuação e hifenação.....	109
4.2.1. Acentuação.....	109
4.2.2. Hifenação	112
4.3. Pontuação	114

4.4. Morfologia	117
4.4.1. Nomes	117
4.4.2. Adjectivos e pronomes.....	119
4.4.3. Pronomes pessoais	120
4.4.4. Possessivos – determinantes e pronomes	121
4.4.5. Demonstrativos – determinantes e pronomes.....	121
4.4.6. Pronomes indefinidos – substantivos e adjectivos	121
4.4.7. Interrogativos – determinantes e pronomes.....	122
4.4.8. Determinantes artigos definidos e indefinidos	122
4.4.9. Preposições	123
4.4.10. Locuções prepositivas	123
4.4.11. Advérbios.....	124
4.4.12. Numerais	125
4.4.13. Produtividade lexical.....	125
4.5. Sintaxe	132
4.6. Conjugação perifrástica.....	138
4.7. Marcas diacrónicas na <i>Escola Nova</i>	143
5. Considerações finais	151
Bibliografia.....	155
ANEXO I – Lista alfabética dos autores editados por Ameno	159

VOLUME II

6. A *Escola Nova Cristã e Política* – Edição

6.1. Critérios adoptados na edição	2
6.2. <i>Escola Nova Cristã e Política</i>	5
6.2.1. Índice dos capítulos	6
6.2.2. Edição do texto.....	7

7. Índices lexicais de *Escola Nova*

7.1. Nota prévia	117
7.2. Índice de frequências de todo o texto	118
7.3. Índice de frequências com inclusão da parte geográfica	140
7.4. Índice de frequências sem inclusão da parte geográfica	153
7.5. Índice directo com localização de ocorrências	165
7.6. Índice directo com inclusão da parte geográfica	188
7.7. Índice directo sem inclusão da parte geográfico.....	201
7.8. Índice inverso total	213

Índice de figuras

Figura 1 – Certidão de baptismo de Francisco Luís Ameno	18
Figura 2 – Registo de matrícula	19
Figura 3 – Registo de matrícula	19
Figura 4 – Concessão de D. João V	24
Figura 5 – Portada do <i>Compêndio histórico da vida, acções e milgares de S. Margarida de Cortona</i>	29
Figura 6 – Portada do <i>Novo Método de Gramática Latina</i>	30
Figura 7 – Portada de <i>Luz e calor</i>	31
Figura 8 – Portada do <i>Dicionário Poético</i>	32
Figura 9 – Segunda página do prolegómeno do <i>Dicionário Exegético</i>	52
Figura 10 – Terceira página do prolegómeno do <i>Dicionário Exegético</i>	53
Figura 11 – Quarta página do prolegómeno do <i>Dicionário Exegético</i>	54
Figura 12 – Quinta página do prolegómeno do <i>Dicionário Exegético</i>	55
Figura 13 – Portada de <i>Escola Nova</i> edição de 1779	63
Figura 14 – Portada de <i>Escola Nova</i> edição de 1813	64
Figura 15 – Segunda página de <i>Escola Nova</i> edição de 1779	65
Figura 16 – Segunda página de <i>Escola Nova</i> edição de 1813	66
Figura 17 – Dedicatória de <i>Escola Nova</i> edição de 1779	67
Figura 18 – Dedicatória de <i>Escola Nova</i> edição de 1813	68
Figura 19 – Quarta página de <i>Escola Nova</i> edição de 1779	69
Figura 20 – Quarta página de <i>Escola Nova</i> edição de 1813	70
Figura 21 – Quinta página de <i>Escola Nova</i> edição de 1799	71
Figura 22 – Quinta página de <i>Escola Nova</i> edição de 1813	72

Índice de quadros

Quadro 1 – Obras publicadas por Ameno (1746-1793)	33
Quadro 2– Relação da livraria de Francisco Luís Ameno	35
Quadro 3 – Sistematização da sequência discursiva do prolegómeno	59
Quadro 4 – Pronomes pessoais	120
Quadro 5 – Demonstrativos: determinantes e pronomes.....	121
Quadro 6 – Interrogativos: determinantes e pronomes	122
Quadro 7 – Determinantes artigos definidos e indefinidos	123
Quadro 8 – Produtividade lexical: prefixação	126
Quadro 9 – Produtividade lexical: sufixação	127
Quadro 10 – Formação de substantivos a partir de verbos	128
Quadro 11 – Formação de substantivos a partir de adjectivos.....	129
Quadro 12 – Formação de adjectivos a partir de verbos.....	129
Quadro 13 – Formação de adjectivos a partir de substantivos.....	130
Quadro 14 – Sufixos verbais.....	131
Quadro 15 – Sufixo adverbial	131
Quadro 16 – Sufixos diminutivos	131
Quadro 17 – Lista alfabética dos autores editados por Ameno	193

1. Introdução

O estudo que nos propusemos desenvolver incide sobre o manual pedagógico setecentista, *Escola Nova Cristã e Política*¹ de Francisco Luís Ameno, publicado em Lisboa, em 1779, sob o pseudónimo de Leonor Thomasia de Sousa e Silva.

Quando iniciámos este trabalho de dissertação, procedemos, em primeiro lugar, à edição do texto *Escola Nova Cristã e Política*, um manual de iniciação escolar. Para tal, tivemos de superar algumas dificuldades. A edição de que dispúnhamos, datada de 1799, não estava completa. Não apresentava as primeiras páginas, iniciando-se logo na página dezasseis, sem qualquer indicação da data ou do autor. Assim, a primeira preocupação que norteou a nossa pesquisa foi completar o manual, descobrir o título completo da obra, o autor, destinatários, data e local de edição e outros elementos que, geralmente, estão presentes no frontispício. Depois de termos averiguado o nome do autor – Leonor Thomasia de Sousa e Silva – as questões que se nos colocaram sobre a verdadeira autoria deste manual levaram-nos a consultar o dicionário de pseudónimos de Martinho Augusto da Fonseca² que esclareceu as nossas dúvidas. Afinal, o nome que figurava na primeira página do manual não era o verdadeiro nome do autor, mas antes um pseudónimo sob o qual Luís Francisco Ameno ocultava a sua identidade.

Terminada esta etapa, estendemos o nosso campo de investigação, acrescentando alguns dados sobre a vida e a obra do autor – Francisco Luís Ameno – um prestigiado tipógrafo do século XVIII. Consideramos que, se a obra constitui uma presença incontornável neste estudo, também não é de desvalorizar o seu autor, figura complexa e detentora de um percurso enigmático.

Para tal, propusemo-nos, num breve apontamento biográfico, estudar o percurso de Ameno. Averiguar o trajecto desta personalidade não foi tarefa fácil já que, como afirma Telmo Verdelho:

¹ Procedemos, no *corpus* da tese, à actualização da grafia dos títulos das obras setecentistas que nela vão sendo mencionadas. Na bibliografia, porém, mantivemos a grafia da época.

² Martinho Augusto da Fonseca, *Subsidios para um dictionario de pseudonyms – iniciaes e obras anonimas de escriptores portuguezes*. Reprodução fac-similada pela edição de 1896, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972.

“(...) a biografia de Francisco Luís Ameno é próxima da história de personagens romanescas inventadas por autores de ficção muito imaginativa. Com a diferença que se trata de um testemunho existencial verdadeiramente vivido (...)”³

Apesar das dificuldades que a biografia do autor nos suscitou e ainda suscita fomos descobrindo, ainda que de uma forma velada, algumas informações, baseando-nos em documentos, alguns inéditos, que nos permitiram clarificar o seu percurso. Há, no entanto, um período considerável de tempo que fica por esclarecer, não sendo, por isso, possível saciar algumas dúvidas.

Numa outra fase, centrámos a nossa atenção na análise dos conteúdos programáticos ministrados na *Escola Nova*. Neste âmbito, foi nossa preocupação organizar o presente estudo, segundo a ordem de prioridade e a ênfase com que estes são apresentados e tratados no manual.

Igualmente, os pressupostos pedagógicos presentes na *Escola Nova*, bem como as indicações e reflexões facultadas pelo autor, despertaram o nosso especial interesse na medida em que nos permitiram apreender alguns dos vectores do seu pensar e dar a conhecer a sua actividade de pedagogo praticamente desconhecida e, por isso, omissa da história do ensino português.

Procurámos fazer uma abordagem crítica, relacionando e estabelecendo paralelismos com outras obras de autores contemporâneos de Ameno, daí que a referência a esses autores surja como necessidade supletiva de contextualização.

Numa última fase, e dado que a nossa actividade – o ensino da língua – assim o determina, incidimos a nossa atenção no estudo dos aspectos linguísticos que mereceram o nosso especial interesse. Neste estudo, a edição da obra teve uma importância crucial, na medida em que nos proporcionou a elaboração dos índices que, por sua vez, nos facultaram uma ideia mais precisa e exaustiva de todo o universo linguístico presente na *Escola Nova*.

Os trabalhos de digitação e edição da obra, dado a minúcia e rigor que exigem, foram bastante morosos, ocupando uma parte considerável do tempo de que dispúnhamos para a elaboração da tese, mas revelaram ser de importância extrema na sistematização de informação metalinguística, pedagógica e ideológica, não podendo, por isso, dissociar-se de um trabalho desta índole.

³ Telmo Verdelho, “Francisco Luís Ameno, um impressor que ilumina o século XVIII” in *Das Jahrhundert der Aufklärung, Portugal und Spanien, Brasilien und die Region des Río de la Plata*, Berlim, 2003 (no prelo).

Com este estudo sabemos que não esgotámos as possibilidades de análise sobre o autor e a sua obra; cremos, todavia, ter contribuído para a recuperação de uma memória perdida no que respeita à história da iniciação escolar e, em especial, ao ensino da língua e da leitura.

2. Apontamento biográfico

Se há autores que dispensam apresentação, pois são sobejamente conhecidos, outros há que, apesar do contributo que prestaram no seu tempo para a difusão da cultura e para o ensino e estudo da língua portuguesas, sofreram, com o desenrolar do tempo e a progressão da história, um esboroamento significativo da sua memória. Parece ter sido este o percurso de Francisco Luís Ameno, caído hoje num quase completo esquecimento.

Não é nossa pretensão reconstituir toda a sua existência, uma vez que tal tarefa nos parece demasiado ambiciosa para o limitado tempo de que dispomos e, a agravar tal facto, deparamo-nos com a escassez de fontes e informações precisas, essenciais para afirmar a veracidade dos acontecimentos.

No entanto, há que clarificar, na medida do possível, alguns dados relevantes sobre a vida do autor de *Escola Nova Cristã e Política*, cuja actividade se estendeu por diversas áreas.

Foi impressor, tradutor, autor de algumas obras, que se repartem pelo teatro, pela poesia, pela instrução e pela pedagogia. Ameno destacou-se ainda como um estudioso da língua, tendo sido autor e editor de textos de carácter metalinguístico, como é o exemplo do *Dicionário Exegético* que se supõe ser da sua autoria. Alguns autores, nomeadamente o bibliógrafo Inocêncio, bem como Barbosa Machado, salientam a sua faceta de pedagogo que também irá ser abordada neste trabalho.

Propomos, por agora, uma breve incursão pela vida desta peculiar figura, de origem transmontana que, segundo reza o seu registo de baptismo, foi:

filho de António Portugal e de sua
 mulher Isabel Luís fregueses desta
 Igr.^a desta paróquia do lugar de Ar-
 gozelo nasceu aos dezasseis dias do mez
 de março de mil e treze annos e treze
 annos foi baptizado aos vinte e dois
 dias do mez era ut supra. Por mim o
 P.^e cura Diogo Salgado Soutello
 e lhe puz os santos oleos solene-
 mente e foraõ seus padrinhos Roque
 Dias solteiro filho de Luis Dias e
 Isabel Giraldes mulher de João
 Lopes todos deste povo e por ser
 verdade fiz este asento em dia era ut
 supra. O P.^e Diogo Salgado Soutello

Figura 1 – Certidão de baptismo de Francisco Luís Ameno

filho de António Portugal e de sua mulher Isabel Luís, fregueses desta Igreja de Sam
 Frutuoso do lugar de Argozelo, nasceu aos dezasseis dias do mez de Março de mil
 setecentos e treze annos foi baptizado aos vinte dois dias do mez era ut supra, por mim o
 Pe. Cura Diogo Salgado Soutello e lhe puz os santos oleos solenemente, e foraõ seus
 padrinhos Roque Dias solteiro filho de Luis Dias e Isabel Geraldês mulher de João Lopes,
 todos deste povo, e por ser verdade fiz este asento em dia era ut supra. O Pe Diogo
 Salgado Soutello⁴

O nome por que ficou registado no baptismo foi Francisco Luís, que é também o
 que figura nos boletins de matrícula. “Ameno” foi o nome adoptado e acrescentado mais
 tarde, como explica Telmo Verdelho:

“ (...) o nome poético Ameno, [é entendido como] um emblema arcádico, frequente
 entre os seus contemporâneos, mas em todo o caso trata-se de uma estranha síntese, em
 que se mistura o nome civil com o nome poético. Os seus contemporâneos geralmente
 salvaguardavam a distinção entre o nome arcádico e nome de cidadão (...)”⁵

⁴Arquivo Distrital de Bragança, Certidão de baptismo de Francisco Luís Ameno, ADBGC/PRQ/PVM503/Cx1 Lv1, f.141.

⁵ Telmo Verdelho, *Idem*.

Cedo, o autor integrou o nome poético – Ameno – no seu próprio nome, sendo, a partir dessa altura, assim conhecido.

2.1. Percurso académico

Nado em Argozelo, povoação sita na comarca de Miranda do Douro, província de Trás-os-Montes, estudou gramática latina, instruído pelo Dr. Simão Preto, Cónego da Sé de Miranda⁶ e frequentou os estudos preparatórios. Mais tarde, com catorze anos, foi para Coimbra, onde se matriculou a 26 de Novembro de 1727 em Instituta e em 1 de Outubro de 1728 na Faculdade de Direito Canónico, com o nome de Francisco Luís, como confirmam os registos:

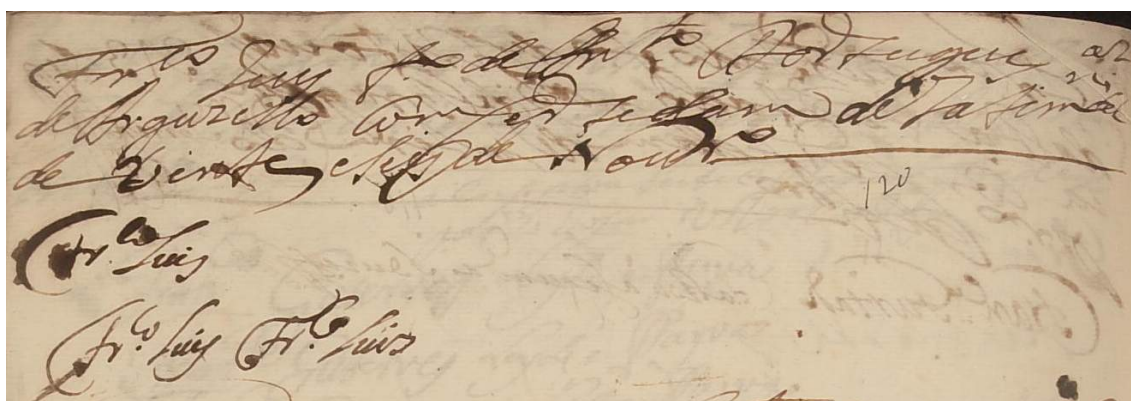


Figura 2 – Registo de matrícula

Matrícula de 1727 "Francisco Luis filho de Antonio Portugues natural de Arguzello com certidam de latim de vinte e seis de Novembro. Francisco Luis" [assinatura]⁷

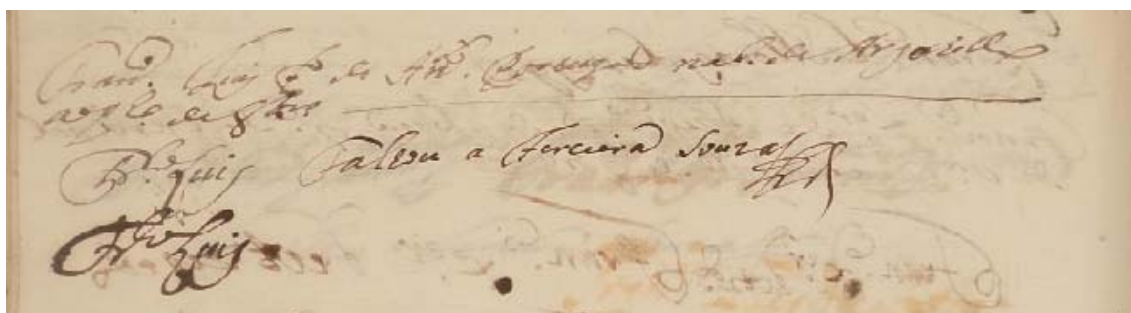


Figura 3 – Registo de matrícula

Matrícula de 1728 "Francisco Luis filho de Antonio Portugal natural de Argozello ao primeiro de Outubro. Francisco Luis Falhou a terceira. Souza" [assinaturas]⁸

⁶ Barbosa, Machado, *Bibliotheca Lusitana*, Coimbra, Atlântida, p.136.

⁷ Arquivo da Universidade de Coimbra, *Livro de Matrículas*, 127-128 – IV/1ª D/ III/53 – fl.313v.

⁸ *Idem*, *Livro de Matrículas*, 1728-1729 – IV/1ª D/ III/54 – fl.107v.

À excepção destes registos, não encontramos nenhum documento que elucide sobre a puerícia do autor, a sua propensão para os estudos nem os mestres que teve. Foi, no entanto, efémera a sua passagem por Coimbra. Com efeito, alguns entraves se depararam no trajecto daquele que viria a ser um próspero impressor e que não são devidamente clarificados.

Inocêncio refere apenas que lhe sobrevieram “obstáculos que o impediram de continuar”⁹, informação que também é reforçada por Barbosa Machado, quando refere: “obrigado a largar os estudos, passou a Lisboa.”¹⁰

Referir-se-iam os autores a razões de índole económica? Ou a razões ligadas à sua ascendência judaica?

Ainda que possamos considerar esta última questão, não existem documentos que comprovem a perseguição inquisitorial. Oliveira Barata constatou, ao longo da sua investigação, que:

“O seu nome não figura nos índices da Inquisição, nem em qualquer dos Autos de Coimbra ou Lisboa realizados nesses anos mais próximos do seu afastamento da Universidade.”¹¹

Parece-nos, no entanto, que não devemos excluir esta hipótese, uma vez que este foi um factor que causou preocupações e moléstias a alguns estudantes de Coimbra – como é o caso de António José da Silva, o Judeu, que pagou com a vida a sua ascendência – e, possivelmente, a alguns membros da sua família¹².

Depois de abandonar Coimbra, fixou-se em Lisboa. Sobre este período que medeia o abandono da cidade dos estudantes e o seu estabelecimento em Lisboa pouco se pode acrescentar.

Sabe-se que nesta última cidade exerceu, desde o início dos anos 30, a função de pedagogo, instruiu em aula pública meninos e alguns fidalgos da primeira nobreza¹³, fornecendo-lhes os pré-requisitos necessários para a progressão dos seus estudos.

⁹ Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973, tomo II, p.430.

¹⁰ Barbosa Machado, *Op.Cit.*, p.136.

¹¹ José Oliveira Barata, *Esopaida ou a vida de Esopo. Edição sinóptica e interpretativa*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1979, p.16.

¹² Oliveira Barata refere que em 1669 o pai de Ameno foi denunciado à Inquisição (*Op. Cit.*, p. 16). Apesar de não excluirmos esta hipótese, também não a asseguramos, pois, como afirma o autor de *Esopaida*, o nome que figura nos índices dos Processos de Inquisição é «António Rodrigues, curtidor», ora o nome do pai de Ameno era António Português e não António Rodrigues. Referir-se-iam à mesma pessoa?

¹³ Barbosa Machado, *Idem.*, p. 136.

Neste quadro desenvolveu uma actividade de autodidacta que lhe granjeou um universo de saber e de erudição que se repercute nas várias obras da sua autoria, especialmente nas dedicadas à instrução, como é o exemplo de *Escola Nova Cristã e Política*, que constitui o objecto de análise da nossa dissertação e nas de carácter metalinguístico, como é o caso do *Dicionário Exegético* que analisaremos mais à frente.

Não existem, todavia, informações precisas que nos ajudem a clarificar o seu súbito desaparecimento de Coimbra e o seu trajecto nos anos seguintes. Apenas em 1754 surgem notícias do autor, estabelecido, já como impressor, na “entrada da Rua das Gaveas da parte onde mora, o Ilustris., e Excelentis. Senhor Marquês de Marialva.”¹⁴

2.2. O tipógrafo

Depois de um certo declínio ao longo do século XVII, a tipografia portuguesa retomou no século XVIII, devido à iniciativa do monarca D. João V e à criação da Academia Real da História Portuguesa, um novo impulso. Surgiu, nesta mesma época, uma figura preponderante que prestou um notável contributo para o desenvolvimento desta arte – Jean Villeneuve. Este prestigiado gravador não só introduziu em Portugal a produção de caracteres tipográficos, como demonstrou ao monarca de então o dispêndio que o Reino contraía neste tipo de importação, levando o rei a proteger e estimular a tipografia portuguesa.

Assistiu-se ainda neste período a uma grande circulação de artistas e a uma efervescência cultural. Chegaram a Portugal muitos gravadores e compositores atraídos pelas ideias do monarca, mas também muitos foram enviados para o estrangeiro para aperfeiçoarem a sua arte.

As medidas que contribuíram para a difusão da tipografia em Portugal não se esgotam aqui. Para além destes factores, outros houve que concorreram para o processo de alargamento da produção e consumo tipográficos, sendo estes: a publicação do *Vocabulario Português, e Latino*, pelo teatino Rafael Bluteau, entre 1721 e 1728, que imprimiu um novo ritmo ao panorama editorial português, assim como a publicação da *Gazeta de Lisboa*, em 1715; o surgimento de uma fábrica de papel na Lousã, em 1716, que prestou um precioso contributo no fabrico e reabastecimento de papel; a fixação da primeira fábrica em Portugal, destinada à gravação e fundição de matrizes e punções para a produção de caracteres tipográficos, por iniciativa do francês Jean Villeneuve.

¹⁴ Manuel Lopes de Almeida, *Notícias históricas de Portugal e Brasil (1715 – 1750)*, Coimbra, 1961, p. 248.

Alargou-se, também, o consumo da escrita e da leitura. Lembramos o Decreto editado no reinado de D. João V, a 4 de Abril de 1735, que impedia a promoção militar de cabo, furriel, sargento, tenente e outros cargos afins, aos que não soubessem ler nem escrever. Por último, as sucessivas edições dos manuais ortográficos, o surgimento de novas escolas e a abertura de livrarias, nomeadamente a Livraria Bertrand que iniciou a sua actividade em 1732, reflectiam uma mudança de atitude e uma mentalidade que emergia.

Todos estes factores contribuíram para o desenvolvimento da arte tipográfica em Portugal e não passaram despercebidos a Ameno que se dedicou, com zelo, a esta actividade. Se a tipografia cumpriu, no Portugal de setecentos, a sua missão, contribuindo para o progresso, para o aperfeiçoamento artístico e reprodução do livro, também Ameno prestou com afincado um precioso contributo neste âmbito.

Homem dotado de uma sabedoria invulgar foi-se impondo ainda jovem, como um próspero impressor. Os excelentes caracteres, aliados ao esmero e à correcção das impressões, fizeram com que a sua oficina tipográfica fosse considerada uma das melhores que existiam no Reino, como comprovam as declarações de Inocêncio:

“Estabeleceu depois uma officina typografica, que por bem provida de excellentes typos, e pelo esmero e correcção das impressões, chegou a ser uma das melhores de Lisboa; e n’ella se estampou uma infinidade de obras, durante cincoenta annos, ou pouco menos que teve de duração, dirigida sempre pelo seu infantigavel proprietario, que não poupava diligencias para aperfeiçoar-se na arte que professava”.¹⁵

A opinião de Barbosa Machado reitera a de Inocêncio:

“Foy sempre muito applicado às letras, incitando-lhe estas a curiosidade de ajuntar huma especial collecção de livros, principalmente dos pertencentes ao seu magisterio, e à nobilissima arte de imprimir, que hoje exercita, sendo pertencente a sua Officina huma das melhores, que existem no Reino, por se achar fornecida de excellentes caracteres.”¹⁶

Apesar de a principal actividade de Ameno se centrar, essencialmente, na impressão de obras, o tipógrafo não se dedicou somente a esta arte, alargou a sua actividade à tradução de obras estrangeiras e ele próprio compôs outras, ocultando a sua autoria sob diferentes pseudónimos.

Também neste aspecto Ameno revela uma certa singularidade, pois apesar de o recurso aos pseudónimos ser um hábito recorrente naquele tempo (lembramos o exemplo de Verney, que publicou o seu *Verdadeiro Método de Estudar* sob o nome de Barbadinho, também José Macedo assinou o *Antídoto da Língua Portuguesa* com o

¹⁵ Inocêncio Francisco da Silva, *Op. Cit.*, tomo II, p.431.

¹⁶ Barbosa Machado, *Idem*, p.136.

nome de Antonio de Mello Fonseca), o autor de *Escola Nova* criou uma galeria de nomes, sob os quais ocultou a sua identidade. Entre os mais conhecidos destacamos: Fernando Lucas Alvim que, como muito bem notou Inocêncio da Silva, constitui o anagrama do seu próprio nome, Lucas Moniz Cerafino (Serafino), Nicolau Francez Siom e D. Leonor Thomasia (Thomazia) de Sousa e Silva.

Mas seriam as motivações subjacentes ao uso do pseudónimo comuns a estes autores?

Apesar de no decorrer do século XVIII o número de obras anónimas ou assinadas sob um pseudónimo ser uma prática generalizada, a verdade é que a utilização de um pseudónimo podia ter diferentes motivações. Podia ser um artifício utilizado para distanciar o autor de um certo compromisso com a obra, retirando-lhe o cariz pessoal, ou uma forma de, para quem desejava ocultar a sua identidade, obter protecção na medida que permitia preservar a sua vida particular em relação ao trânsito da publicação. Este foi o caso de Verney, que assinou o seu *Verdadeiro Método de Estudar* com o nome de Barbadinho, por antever o clima de agitação que a sua obra iria suscitar, dada a hostilidade que se fazia sentir face a ideias inovadoras que colidiam com os valores existentes.

Seria também este o caso de Ameno que se ocultou sob máscaras onomásticas numa tentativa de camuflar e dissipar suspeitas sobre o seu percurso marcado por algumas agruras e contrariedades?

O certo é que esta intenção deliberada de esconder factos e passagens da sua vida, bem como de alterar a sua identidade, usando diferentes nomes, em contextos determinados, não pode deixar de ser uma questão perturbadora para aqueles que o querem estudar e seguir o seu enalce. Mas, na verdade, Ameno irrompe, aos nossos olhos, como uma figura de presença preponderante, na medida em que atravessa quase todo o século XVIII, com a rara longevidade de 80 anos, mas, ao mesmo tempo, intermitente; aparece e subitamente desaparece, sem deixar rastros ou vestígios.

Questionamo-nos se terá sido vítima de perseguições, ostracismos ou represálias. Mas se assim foi, como pôde alcançar a ribalta? De que meios dispôs para obter uma concessão do monarca que decretava, durante um período de dez anos, exclusividade para imprimir dois tomos de Comédias Portuguesas, sob a designação de ***Teatro Cómico Português***?

Ameno por tempo de dez annos e que durante elle
 nenhum impressor ou outro qualquer p[er]soa possa imprimir
 vender nem mandar vir de fora do Reino o d[ito]s Tomos sem
 licença da Supp[lica]nte sob pena de perder todos os volumes que
 elle achar e de pagar cinquenta cruzados a metade para
 o acusador e outra para minha Camara Real. E esta Provisão se cum-
 prirá como nela se contém que seu effeito deve ou haja de durar mais
 de um anno sem embargo da ordenação do
 Livro 2º Tomo em contrário e pagou de novos direitos quinhentos e
 quarenta reis que se carregarão ao Tesoureiro deles a folhas 345 do Livro 4º
 de sua receita e se registou o conhecimento em forma no Livro 8º
 a folhas 155 verso. El Rei Nosso Senhor a mandou por
 seu especial mandado pelos Doutores António Teixeira Alvares e
 José Vaz de Carvalho ambos do seu conselho e seus Desembargadores
 do Paço Francisco Xavier da Cunha a fez e escreveu

Dom João por graça de Deus Rei de Portugal faço saber que Francisco Luiz Ameno me
 apresentou por sua petição que ele se acha imprimindo dois tomos de Comédias Portuguezas
 com o título de Teatro Cómico Português as quais se tinham representado na Casa do Teatro
 publico do Bairro Alto e com o mesmo título havia de continuar mais volumes e porque na
 referida impressão tinha feito considerável despesa e ainda havia de fazer na continuação dos
 mais volumes receava que lhe imprimisse outrem a referida obra no que se lhe seguia grave
 prejuízo; pedindo-me lhe fizesse mercê conceder-lhe privilégio para que nenhum livreiro
 impressor ou outra qualquer pessoa pudesse imprimir vender nem mandar vir de fora do Reino a
 dita obra atendendo ao prejuízo que do contrário se lhe seguia ao suplicante e debaixo das penas
 costumadas e visto seu requerimento informação que se ouve pelo corregedor do Cível [?]

Simão da Fonseca de Sequeira: e reposta, do meu Procurador da Coroa a que se deu vista que
 não teve dúvida a este requerimento. Hei por bem fazer mercê ao suplicante de lhe conceder o
 privilégio de que faz menção por tempo de dez annos para que durante eles nenhum impressor
 livreiro nem outra qualquer pessoa possa imprimir nem vender nem mandar vir de fora do Reino
 os dous tomos referidos sem licença do suplicante sob pena de perder todos os volumes que lhe
 forem achados para o mesmo suplicante e de pagar cinquenta cruzados a metade para o
 acusador e outra para minha Camara Real. E esta provisão se cumprirá como nela se contém que
 valerá posto que seu effeito deve ou haja de durar mais de um anno sem embargo da ordenação do

Lisboa a 27 de Dezembro de 1743 anos de feitió desta duzentos reis António Pedro Vergolino a fez escrever // Gregório Pereira Fidalga da Silva // José Vaz de Carvalho // Por Resolução de sua Magestade de 28 de Setembro de 1743 em consulta do desembargador do Paço // José Vaz de Carvalho // Pagou quinhentos e quarenta reis e aos oficiais, trezentos e catorze reis. Lisboa 13 de Fevereiro de 1744. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João V*, livro 106, f. 235- 235v.

Dúvidas que persistem, mas que por enquanto não podem ser resolvidas. Fica, porém, a certeza que Ameno foi um homem astuto e sabedor. Moveu-se habilmente pelos meandros influentes de Lisboa, inseriu-se no meio como um notável e próspero editor, granjeando grande prestígio, a ponto de ser considerado um dos melhores do Reino.

Esta posição de notoriedade deve ter sido facultada pela sua astúcia, pela perícia na arte de impressão e pelo seu carácter expedito que conferiram à sua oficina uma posição de destaque, a par de outras que existiam no Reino naquela época, e nem as sucessivas alterações do estabelecimento fizeram esmorecer o ânimo do seu proprietário.

2.2.1. Localização da oficina

Como já referimos, Ameno iniciou a sua actividade tipográfica em 1754, com oficina na Rua das Gáveas. Porém, esta não permaneceu sempre no mesmo local. Durante os anos que balizaram a sua actividade enquanto impressor, Ameno fixou a sua oficina em diferentes ruas da cidade de Lisboa. Surgem, contudo, informações contraditórias a este respeito.

Segundo Isabel Alexandre, Ameno abriu em 1745 a sua oficina tipográfica, que era também loja de livros, na Rua das Gáveas, junto à igreja do Loreto, nas mediações da Livraria Bertrand, que teve em Francisco Ameno um dos primeiros tipógrafos e aí permaneceu durante um período de dois anos, até 1747.¹⁷ Em 1748, a tipografia de Francisco Luís Ameno estava sediada na Rua da Atalaia junto à Travessa dos Fiéis de Deus ao Bairro Alto, ou na Rua do Carvalho, igualmente junto à Travessa dos Fiéis de

¹⁷ Maria Isabel Vieira Martins Alexandre, *Inventário dos livreiros, impressores e mercadores de livros de Lisboa, no século XVIII, citados na Gazeta de Lisboa*, 1985, p. vi – “A designação de livreiros era, na época, indistintamente aplicada a mercadores de livros, impressores e encadernadores, pois era vulgar serem estas funções acumuladas pela mesma pessoa.”

Deus.¹⁸ José Vitorino Ribeiro refere ainda que entre 1753-1754, Ameno foi impressor da Congregação Cameriana da Santa Igreja de Lisboa.¹⁹

Curiosamente, o nosso autor surge ainda referenciado no ano de 1754 como “impressor do Colégio e Fábrica da Igreja de Lisboa, francamente pelos jesuítas”.²⁰

Depois do terramoto de 1755, e por força das circunstâncias, Ameno terá sido obrigado a mudar o seu estabelecimento e instala-se na Rua da Procissão. Posteriormente, fixa-se na Rua do Jasmim, próximo do Príncipe Real, e a sua oficina denomina-se de Patriarcal.²¹ Porém, em várias notícias que surgem na *Gazeta de Lisboa*, o tipógrafo é mencionado com Oficina ao Pombal, na Rua da Nossa Senhora da Conceição, em 1756-1758-1759 e em 1785-1789-1791-1793,²² com oficina estabelecida junto à Patriarcal Queimada à obra do Erário Régio, designada também por Oficina da Patriarcal.

Podemos ainda constatar pela numerosa lista de livros impressos na sua Officina que, durante um período de 59 anos, compreendido entre 1737-1793, as obras eram impressas na Officina Patriarcal de Francisco Luís Ameno. Este facto levou-nos a ponderar a crescente influência e prestígio deste impressor. Supusemos que este tipógrafo tivesse a seu cargo a gestão de uma tipografia que fosse pertença do Patriarcado. No entanto, as sucessivas pesquisas no Patriarcado de Lisboa não comprovaram as nossas dúvidas. E, uma vez mais, não podemos deixar de concordar com José Oliveira Barata que refere:

“O facto de surgir como impressor da *Officina da Patriarcal* não significa que Ameno tivesse obtido ou estabelecido com o Patriarcado qualquer acordo. Tratava-se sim, e tão só, de concessões dadas pelo Patriarcado e que revertiam em prestígio do impressor. Não há nenhum documento que atribua a Ameno o exclusivo da gestão de qualquer tipografia propriedade do Patriarcado. Continuava a ser uma oficina privada.”²³

A partir de 1793, data de falecimento do impressor, sucedeu-lhe João Procopio Corrêa da Silva que prosseguiu com a mesma arte e manteve a referência de Officina Patriarcal.²⁴

¹⁸ Cf. *Gazeta de Lisboa*, 1748-1749-1750-1751-1753-1754-1756.

¹⁹ José Vitorino Ribeiro, *A imprensa nacional de Lisboa. Apontamentos e subsídios para a sua história 1768-1912*, pp 6-7.

²⁰ António Alberto de Andrade, “Vernei e a cultura do seu tempo”, *Actas das Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1966, p.457.

²¹ José Vitorino Ribeiro *Idem, Ibidem*.

²² Maria Isabel Vieira Martins Alexandre, *Idem* p 20.

²³ José Oliveira Barata, *Esopaida ou a vida de Esopo. Edição sinóptica e interpretativa*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1979, p.17.

²⁴ Telmo Verdelho, *Idem*.

As notícias sobre a actividade tipográfica do autor não ficariam completas se não abordassem o considerável número de obras que saíram dos seus prelos e se estendem por várias áreas, nomeadamente: a Teologia, a Poética, a Filosofia, o Teatro, obras de carácter didáctico, linguístico e metalinguístico, entre outras. Por isso, apresentamos em anexo as obras que foram impressas na tipografia de Ameno, organizadas por ordem alfabética dos autores. Consideramos que é pertinente observar esta produção literária com uma importância considerável na configuração do século.²⁵

Nas páginas seguintes reproduzem-se algumas portadas das obras por ele impressas, por constituírem um bom testemunho da qualidade da sua arte tipográfica.

²⁵ Cf. Anexo I, pp. 159-193.

COMPENDIO HISTORICO

DA VIDA, ACCÇÕES, E MILAGRES
D E

S. MARGARIDA
DE CORTONA,

Espelho purissimo, e segunda Mãi dos Pec-
cadores,

Composta no Original Italiano

PELO PADRE

FRANCISCO MARCHESI,

*Da Congregação do Oratorio; e agora concisamente
traduzida para a lingua Portugueza*

P O R

JOAÕ JOZE' PINTO DE VASCONCELLOS.



L I S B O A

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno,

M. DCC. LXXX.

Com licença da Real Mesa Censoria.

Figura 5 – Portada do *Compêndio histórico da vida, acções e milgares de S. Margarida de Cortona*

NOVO
METHODO
DA GRAMMATICA
LATINA,

DIVIDIDO EM DUAS PARTES,

*Para o uso das Escolas da Congrega-
ção do Oratorio.*

SEU AUTOR

ANTONIO PEREIRA,

Padre da mesma Congregação de Lisboa.

Terceira impressão.



LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno

M. DCC. LVI.

Com as licenças necessárias, e Privilegio Real.

1756

Figura 6 – Portada do Novo Método de Gramática Latina

L U Z, E C A L O R,

OBRA ESPIRITUAL PARA OS QUE TRATAM
do exercicio de virtudes, e caminho de perfeição,
DIVIDIDA EM DUAS PARTES.

Na primeira se procura communicar ao entendimento Luz de muitas verdades importantes, por meyo de Doutrinas, Sentenças, Industrias, e Dictames espirituaes. Na segunda se procura communicar à vontade Calor do Amor de Deos, por meyo de Exhortações, Exemplos, Meditações, Colloquios, e Faculatorias.

E S C R I T A

PELO PADRE

MANOEL BERNARDES,

Da Congregação do Oratorio,

Que dedica, e offerece

A' SOBERANA, E CLEMENTISSIMA SENHORA
de todas as creaturas

M A R I A

S A C R A T I S S I M A

Concebida em resplandores de Graça, e incendios de Amor
Divino no primeiro instante de seu ser.

Quarta impressão.



L I S B O A,

Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

M. DCC. LVIII.

Com as licenças necessárias.

Figura 7 – Portada de *Luz e calor*

DICCIONARIO POETICO,

PARA O USO DOS QUE PRINCIPIAÕ
a exercitar-se na Poesia Portugueza:

Obra igualmente util

AO ORADOR PRINCIPIANTE.

SEU AUTHOR

CANDIDO LUSITANO.

*Floriferis ut apes in saltibus omnia libant,
Omnia nos itidem depascimur aurea dicta,
Aurea perpetuâ semper dignissima vitâ.*

Lucret. 3.

T O M O I.



L I S B O A,

Na Offic. Patriarcal de FRANCISCO LUIZ AMENO.

MDCCLXV.

Com as licenças necessarias.

Yende-se na portaria da Casa de N. Senhora das Necessidades, e na
logea de Francisco Tavares livreiro ao Senhor da Boa Morre.

Figura 8 – Portada do Dicionário Poético

O levantamento dos títulos publicados na "Officina de Francisco Luís Ameno" ou "Officina Patriarcal de Francisco Luís Ameno" constitui uma pesquisa dificultada por informações dispersas e nem sempre precisas. Conseguimos, todavia, recolher um conjunto de elementos que nos permitem tecer considerações sustentáveis sobre a actividade tipográfica de Ameno:

1746	2	1760	13	1774	—	1788	16
1747	1	1761	11	1775	—	1789	13
1748	15	1762	14	1776	—	1790	4
1749	8	1763	5	1777	—	1791	6
1750	12	1764	2	1778	—	1780	9
1751	8	1765	3	1779	6	1792	4
1752	8	1766	3	1780	9	1793	2
1753	4	1767	1	1781	9		
1754	7	1768	1	1782	4		
1755	12	1769	1	1783	16	48 Anos	332
1756	6	1770	2	1784	12		
1757	13	1771	—	1785	15		
1758	11	1772	—	1786	20		
1759	15	1773	—	1787	9		

Quadro 1 – Obras publicadas por Ameno (1746-1793)

Os trezentos e trinta e dois títulos publicados com a sua chancela, nas datas compreendidas entre 1746 até 1793, como refere Telmo Verdelho, “não dizem única e exclusivamente respeito a obras, mas também a folhetos de curta extensão e outros volumes *in folio* de setecentas páginas.”²⁶ Estes títulos facultam-nos, porém, uma perspectiva sobre a actividade deste diligente tipógrafo.

Constatámos ainda que as vicissitudes que pautaram a sua adolescência também se reflectem no âmbito laboral. Com efeito, o ritmo editorial do autor distribui-se de forma heterogénea ao longo destes quarenta e oito anos. É a partir de 1755 que a actividade de Ameno sofre um significativo aumento, como podemos constatar pelo quadro apresentado.

²⁶ Telmo Verdelho, *Idem*.

2.3. Biblioteca privada

Não obstante ter abandonado os estudos precocemente, o nosso autor continuou a fomentar os seus interesses filológicos, como documenta a sua biblioteca privada. Este espólio representa um legado importante para quem deseja entender, perceber e enquadrar Ameno numa filiação literária e num universo de erudição.

A listagem que reproduzimos poderá constituir um legado fundamental e incontornável em futuras investigações, para quem pretenda acompanhar o percurso de Ameno. Julgámos, por isso, que seria oportuno divulgá-la aqui, apesar de não termos obedecido a rigorosos critérios de transcrição e de sabermos que esta padece de uma análise e apreciação mais profundas. No entanto, a nossa principal intenção é recuperar e divulgar as obras que condicionaram e fundamentaram o saber do nosso autor.

Recuperemos, deste modo, o seu tempo, que também é nosso, pois os autores morrem, mas os livros subsistem às intempéries, podendo testemunhar os seus efeitos e repercussões.

(Biblioteca privada)
Francisco Luiz Ameno

Fl. 163

Era da impressão	Nome das oficinas	Donde se imprimirão	Nome dos autores	Matéria
1664	Antonio Craesbeck	Lisboa	Padre Francisco Ayres da Companhia	Epitome Espiritual da Doutrina Christã
1733	Jozeph Antonio da Silva	Lisboa	Padre Valerio de Oliveira Bernardes	Novena do Coração de Jesus
1666	Domingos Carneiro	Lisboa	Padre Bento Pereira	Regras Geraes de Ortografia
1686	João Galvão	Lisboa	Tradução do Padre Manoel Coimbra	Difiniçoens da Fe compostas por Francisco Fernandes Prata
1705	Jozeph Antunes	Coimbra	Manoel Mendes Videgueira	Fabulas de Esopo
1732	Mauricio Vicente de Almeida	Lisboa	Tradução do Padre Manoel Coimbra	Vida de Santa Genoveva
1732	Da Musica	Lisboa	Tradução do Irmão Alberto Gomes da Divina Providencia	Mistérios da Santa Fe
1711 [?]	João Antunes	Coimbra	Frei Manoel de Santa Roza de Viterbo Ordem de São Francisco	Horas latinas seraphicas
1736	Rita Cassiana	Lisboa	Frei Faustino da Graça Ordem de Santo Agostinho	Ceremonial Alphabetico
1733	Pedro Ferreira	Lisboa	Francisco Lopes	Enigmas com o titulo de Passatempo Honesto
1616	Pedro Crasbeck	Lisboa	Frei Nicolao Dias da Ordem dos Pregadores	Rosario de Nossa Senhora
1732	Miguel Rodriguez	Lisboa	O Padre Marcos Jorge	Cartilha da Doutrina Christã
1732	Maurício Vicente	Lisboa	O Padre Ignacio Jesus Maria da Ordem do Carmo	Cartilha da Doutrina Christã esta compoz o Cardeal Durazo e o Padre Inácio de Jesus acrescentou-a

Quadro 2– Relação da livraria de Francisco Luís Ameno, (BN, COD.913, f.163-166)

1680	João Galvão	Lisboa	Tradução do Padre João Pissarro de castelhano em português	Cartilha da Doutrina Christã composta por D. Francisco Reynozo Bispo de Córdoba
1672	A custa de Antonio Leite, não dis mais	Lisboa	Padre D. Leonardo de São Jozeph ulisiponense Conego Regrante de Santo Agostinho da Congregaçam Lateranense da Santa Crus de Coimbra Pregador de Sua Magestade	Cartilha da Doutrina Christã
1735	Joaquiniana da Musica	Lisboa	Padre Manoel Velho do Algarve	Cartilha da Doutrina Christã
1704	Jozeph Antunes da Silva	Coimbra	Tradução de João da Costa	Polícia e urbanidade christã composta em latim pelos Padres do Collegio Mossipontano [?] de Coimbra
1657	Henrique Valente de Oliveira	Lisboa	Tradução de Diogo Gomes Carneiro	Historia do Capuchinho Escoces composta em italiano digo em toscano por Monsenhor João Bauptista Rosuchino [Rinoccini] Principe e Arcebispo de Termo
1689	Não diz	Lisboa	Soror Violante do Céu	Meditações da Missa
1701	Manoel Lopes Ferreira	Lisboa	Hum religioso de São Francisco cujo nome não dis	Novena de São Francisco
1734	Augustiniana	Lisboa Oriental	Frei Antonio de Aragam da Ordem da Graça	Indulgencias da Correa
1688	Jozeph Ferreira	Coimbra	O padre Frei Manoel da Conceiçam Pregador Missionário Apostolico	Compendio da Regra da Ordem 3ª da Penitencia de São Francisco

Fl. 163v

734	Miguel Rodrigues	Lisboa	Anónimo	Officio de Santa Barbara
1731	Maurício Vicente	Lisboa	O padre Manoel da Companhia do Oratorio	Coroa Angelica de São Miguel
1715	Deslandesiana	Lisboa	Idem	Obsequios a São Jozeph

1709	Eadem	Lisboa	Hum devoto	Novena de São Caetano
1732	Maurício Vicente	Lisboa	Hum devoto	Oração de Santa Barbara
1734	Pascoal da Silva	Lisboa	Hum devoto	Oração de Santa Barbara
1732	Pedro Ferreira	Lisboa	Hum devoto	Novena de São Rafael
1724	Musica	Lisboa	D. Francisco Xavier de Menezes Exmo. Conde da Ericeyra	Egloga na Morte de Senhor Infante D. Miguel
1737	Pedro Ferreira	Lisboa	Francisco de Assis Amado	Discurso jocoserio em metaphora de Demanda entre a Formusura, e Discrição
1737	Pedro Ferreira	Lisboa	António da Silva Pereira	Conselho de hum pay a hum filho que queria cazar
1697	Jozeph Ferreira	Coimbra	João de Souza de Carvalho. Reutor do Collegio de São Paulo Conego Magistral da Sé de Coimbra, e lente de Theologia na universidade	Sermão do Auto da Fé de Coimbra
1705	António Pedrozo	Lisboa	D. Diogo da Anunciação Justiniano do Conselho de Sua Magestade	Sermão do Auto da Fé de Lisboa
1706	Manoel Lopes Ferreira	Lisboa	O padre mestre frei Francisco de Santa Maria Geral da Companhia de São João Evangelista	Sermão do Auto da Fé de Lisboa
1735 [?]	Occulta com o nome de Amsterdam		Anonymo	Pragmatica contra as parvoices dos homens
1735	*	Coimbra	Por ordem de Paulo Jerónimo de Medicis	Relação da fábrica do sepulchro da igreja do Loreto de Lisboa
1737	Joaquiniana da Musica	Lisboa	O padre frei Rodrigo de Deus [Gam.?] do Convento de Nossa Senhora da Arrábida	Tratado dos Passos que se andão na Quaresma

1736	Rita Cassiana	Lisboa	Francisco de Souza e Almada	Thalia sacra de vários misterios de Christo
1736	Pedro Ferreira	Lisboa	O padre Vitorino Jozeph	Romance do Peccador Arrependido
1736	Eadem	Lisboa	Idem	Remedios stoicos christãos
1736	Jozeph António da Silva	Lisboa	Os mestres das ceremonias da Santa Igreja Patriarcal tradução do italiano	Instrucçoens, e ordens, que se devem observar na oração continuada das 40 horas
1734	Augustianiana	Lisboa	Anonymo	Carta escrita de Gallipoli bayro em que habitão os christãos na cidade de Constantinopla
1730	Pedro Ferreira	Lisboa	Roberto da Fonseca – tradução do italiano	Relação de dous milagres de Santa Rita de Cassia e do Beato Andre de Monreal
1732	Maurício Vicente	Lisboa	O Reverendissimo Padre D. Jozeph Barboza	Sermão das exéquias de D. Izabel Maria de Gambôa
1736	Rita Cassiana	Lisboa	Hum devoto	Acto de contrição glozado
1731	Manoel Fernandes da Costa	Lisboa	Nuno Marques Pereira	Historia do Peregrino da América
1720	Bernardino da Costa	Lisboa	Francisco Rodrigues Lobo	Auto do nascimento de Christo em castelhano
1663	Domingos Carneiro	Lisboa	Francisco Lopes natural de Lisboa	Auto do nascimento de Christo
		Lisboa		Pratica de 3 pastores

Fl. 164

1559	Domingos Carneiro	Lisboa	O padre Francisco Vaz de Guimarães	Auto da payxão de Christo
1659	Domingos Carneiro	Lisboa	Affonso Alvarez	Auto de Santo António
1664	Domingos Carneiro	Lisboa	*	Auto de Santa Barbara

1673	Domingos Carneiro	Lisboa	Diogo Vaz Carrilho tradução do castelhano	Vidas de Santa Maria Egypciana, Santa Thais e São Theodoro compoz o Padre Pedro de Ribadadeira da Companhia de Jesus
1691	Domingos Carneiro	Lisboa	Tradução del castelhano por hum devoto	Vida de São João de Deos. Portugues escreveo a em castelhano o mesmo padre
1659	Domingos Carneiro	Lisboa	Balthezar Dias	Auto da vida de São Aleixo
1659	Domingos Carneiro	Lisboa	O Balthezar Diaz	Auto da vida de Santa Catarina
1732	Pedro Ferreira	Lisboa	Diogo da Costa natural de Lisboa	Auto da barca da morte
1723	Francisco Xavier de Andrade	Lisboa	—	Auto da barca do purgatório
			Gil Vicente	Auto da barca do inferno
1665	Domingos Carneiro	Lisboa	—	Auto do dia de juízo
1718	Antonio Pedrozo Galvão	Lisboa	O padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão	Sermão de Nossa Senhora do Desterro pregado em Coimbra na igreja de São João de Almedina
1728	[Oficina] da Musica	Lisboa	O padre frei Simão Antonio de Santa Catarina da Ordem de Bellem	Sermão do descemento pregado no mesmo convento
1736	[Oficina] da Musica	Lisboa	O padre Jozeph Rodriguez Penella	Glorias de Portugal, oração académica
1736	Pedro Ferreira	Lisboa	Manoel Marques Resende	A fermosa Feniz de Lisboa. Historia de huadama naufragante
1690	Domingos Carneiro	Lisboa	Gomes de São Estevão hum dos doze que acompanharao ao Infante D. Pedro	Historia do Infante D. Pedro de Portugal
1680	Domingos Carneiro	Lisboa	Balthezar Dias	Conselho para bem cazar
—	—	Lisboa	—	Trovas do moleyro

1721	Bernardo da Costa	Lisboa	—	Pastor Crisfal
1638	Antonio Alvarez	Lisboa	—	Auto das padeyras
1720	Bernardo da Costa	Lisboa	Gil Vicente	Historia de D. Duardos em hespanhol
1676	Domingos Carneiro	Lisboa	D. Francisco Manoel e Mello	Auto do fidalgo aprendiz
1733	Bernardo da Costa	Lisboa	Jeronimo Moreira de Carvalho	Historia do grande Roberto do Diabo
1733	O mesmo	Lisboa	O mesmo	Historia da princeza Magalona
1690	Domingos Carneiro	Lisboa	—	Historia da emperatris Porcina
1665	O mesmo	Lisboa	—	Prantos de Maria Parda por ver poucos ramos nas tavernas
1656	O mesmo	Lisboa	—	Trovas da menina Fermoza
1649	O mesmo	Lisboa	Gregorio Afonso e Gil Vicente	Arrenegos que ambos fizerão
1721	Bernardo da Costa	Lisboa	Gil Vicente	Auto do juis da beira
1721	O mesmo	Lisboa	—	Auto do caseiro de Alvalade

Fl. 164v

721	Bernardo da Costa	Lisboa	Tradução de castelhano por António de Faria Barreiros	Historia jocosa de Lazarinho de Tormes
1721	O mesmo	Lisboa	—	Historia do Marques de Mantua
	Pedro Ferreira	Lisboa	—	Testamento de Muley Ismael com hum breve resumo da sua vida
1653	Craesbeck	Lisboa	Amaro de Roboredo traduzio de italiano	Declaração do símbolo composta pelo Cardeal Belarmino
1657	Henrique Valente	Lisboa	—	Comento de Horácio
1713	Deslandesiana	Lisboa	Domingos Lopes Coelho	Vida de São Vicente Ferreira
1733	Augustiniana	Lisboa	Frei João de Azevedo da Ordem de Santo Agostinho	Tribunal de dezenganos

1719	Bernardo da Costa	Lisboa	Manoel de Andrade Figueiredo	Nova escolla para aprender a ler, escrever
1732	Universidade	Évora	O padre Bento Pereira da Companhia	Prosódia
1734	Augustiniana	Lisboa	O padre frei João Pacheco da Ordem de Santo Agostinho	Divertimento erudito
1711	Deslandesiana	Lisboa	Antonio de Souza Macedo	Eva, e Ave
1625	Geraldo da Vinha	Lisboa	O padre frei Felipe da Luz da Ordem de Santo Agostinho	Sermonario de varias festividdes
1734	Bernardo da Costa	Lisboa	O padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus	Arrore da vida: Jesus Christo cruxificado
1735	Universidade	Évora	O mesmo	Escolla de Bellem
1720	Musica	Lisboa	O mesmo	Eleyção do bem, e mal eterno
1734	Bernardo da Costa	Lisboa	O mesmo	O corvo, e as pombas da Arca de Noé
1685	Universidade	Évora	O mesmo	O predestinado peregrino, e seu irmão Precito
1696	Miguel Manescal	Lisboa	O padre João da Fonseca da Companhia de Jesus	Sylva moral, e histórica
1688	Universidade	Évora	O mesmo	Escolla da doutrina christã
1700	Universidade	Évora	O mesmo	Satisfação de agostinhos (?) e confusão de vingativos
1724	José Antunes	Coimbra	O mesmo	Norte espiritual da vida christã
1687	Universidade	Evora	O mesmo	Espelho de penitentes
1689	Miguel manescal	Lisboa	O mesmo	Instrução espiritual para acommunhão
1733	Augustiniana	Lisboa	Frei Thome de Jesus da Ordem de Santo Agostinho	Trabalhos de Jezus 1. ^a e 2. ^a parte
1720	Mathias Pereira da Silva	Lisboa	O padre João Antunes da Congregaçam do Oratorio	Arvore da vida, que conthem as vidas dos santo do mês de Janeiro

1635	Antonio Alvarez	Lisboa	O licenciado Gaspar Pires Ribeiro sacerdote freire professo da Ordem de São Tiago, e natural de Aljustrel	Thesouro de pensamentos concionativos sobre a explicação dos misterios, e ceremonias do santo sacrificio da missa
1634	Craesbeck	Lisboa	O padre frei Pedro de Santa Maria da ordem de São Domingos natural de Lisboa	Tratado da boa criação e policia christã em que os pays devem criar seus filhos
1696	Manoel Lopes	Lisboa	D. Frei Fradique Espinola monge de São Bernardo	Escolla decurial – 12 tomos
1719	Miguel Manescal	Lisboa	Francisco Sarayva de Souza natural de Trancoso	Baculo pastoral, flores de exemplos divinos sobre a doutrina christã 1. e 2. parte

Fl. 165

1722	Musica	Lisboa	Tradução de castelhano do padre frei Simão Antonio da Ordem de Bellem	Lus de verdades catholicas compoz em castelhano o padre João Martinz da Companhia
1721	O mesmo	Lisboa	D. Francisco Xavier do Rego Clerigo regular da Divina Providencia	Vida de Santa Victoria
1735	Antonio de Souza as Silva	Lisboa	Balthazar Luis da Fonseca natural de Lisboa	Auto da vida de Santa Genoveva
1734	Domingos Gonçalvez	Lisboa	João de Carvalho	Itineraio da viagem que fez a Jerusalem o padre Francisco Guerreyro
1725	Bernardo da Costa	Lisboa	O padre frei Paulo de Vasconcellos da Ordem de Christo	Arte espiritual que ensina o que hé necessario para a meditação, e contemplação
1699	Manoel Lopes Ferreira	Lisboa	D. Gaspar Pinto Correa	Comentos de Virgelio 3 tomos
1717	Pascoal da Silva	Lisboa	Jozeph Soares da Silva	Diario metrico em aplauzo da Immaculada Conceição de Nossa Senhora escreveo em hespanhol

1734	Miguel Rodriguez	Lisboa	Jpzeph Correa Leytão	Novena de Santo António
1697	Miguel Deslandes	Lisboa	Lourenço Pires de Carvalho	Epitome das indulgencias da Bulla da Cruzada
1732	Musica	Lisboa	Tradução de Francisco Xavier Pinto de Magalhães	Galateo corteção traduzio de italiano
1617	Antonio Alvarez	Lisboa	O padre frei João da Madre de Deos frade menor da província da Arrábida	Processo de payção de Christo Senhor Nosso
1735	Rita Cassiana	Lisboa	Frei Jeronimo de Belem da Ordem e São Francisco da provinciado Algarve	Devoto da Conceiçam Immaculada de Maria Santissima Senhora Nossa
1695	Miguel Delandes	Lisboa	Frei Antonio Lopes Cabral freire da Ordem de Christo tradução	Vida de Santa Maria Magdalena compoz em italiano D. Anton Jullio Brugnole Sale
1669	Crasbeck	Lisboa	Francisco Rodrigues Lobo	Varias obras
1731	Miguel Rodriguez	Lisboa	Frei Manoel de Deos	Peccador convertido
1725	Musica	Lisboa	Tradução de João Correia da Costa	Alma choroza do peccador arrependido
1654	Crasbeck	Lisboa	Tradução que mandou fazer Paulo Crasbeck	Explicação da doutrina christã
1791	Antonio Simois Ferreira	Coimbra	Tradução do padre Damião Gomes da Silva	Historia chronologica dos Papas emperadores e reys que tem reynado na Europa do nascimeto de Christo athe o fim do anno de 1730
1686	Domingos Carneiro	Lisboa	Doutor João Pissarra	Compendio da doutrina christã
				Mais dous sem noticia de authores
1682	Miguel Deslandes	Lisboa	Doutor Thome Botelho Chacon	Compendio brevissimo da theologia moral
1731	Musica	Lisboa	Remiller Sylveira de Lemos	Opusculo breve para converter a lingoa latina no idioma português

1733	Pedro Ferreira	Lisboa	D. Leonarda Gil da Gama natural da Serra de Cintra	Vida de Santa Roza de Santa Maria
1649	Crasbeck	Lisboa	O padre Manoel Monteiro da Companhia	Meditações para todo o anno 1. ^a e 2. ^a parte
1700	Antonio Pedrozo Galvão	Lisboa	Tradução de castelhano por Felis Thomas Correia natural de Lisboa	Declaração da doutrina christã composta em italiano pelo Cardeal Belarmino e traduzida em castelhano por Luís d'Evora

Fl. 165v

1728	Jozeph Antonio da Silva	Lisboa	Frei Manoel de Figueiredo da Ordem de Santo Agostinho	Epitome da vida de Santa Rita de Cassia
1731	Maurício Vicente	Lisboa	Francisco Pereira da Silva	Caminho, dos 3. ^{os} seraficos para a celestial pátria
1735	Antonio de Souza e Silva	Lisboa	Tradução de Manoel Moreira de Carvalho	Historia de Sempriles e Generodano, compoz João Henriques de Zuniga
1726	Miguel Rodriguez	Lisboa	Diogo de Payva de Andrade	Casamento perfeito
1701	Miguel Manescal	Lisboa	Tradução de Guilherme de Aguiar de Azevedo	Eblado (?) das almas do Purgatorio compoz o padre Martim de Rua (?) da Companhia de Jesus
1734	Pedro Ferreira	Lisboa	Diogo Manoel Ayres de Azevedo	Portugal illustrado pelo sexo feminino
1716	Bernardo da Costa	Lisboa	Gaspar Nicolas	Arismetica acrescentou Manoel de Figueiredo cosmographo mór que foi destes reynos
1714	Bento Seco	Coimbra	Padre João Antunes de Brito da Bahia	Mapa da gramatica latina
1737	Manoel Fernandez da Costa	Lisboa	Belchior Domingos de Araujo e acrescentou António Felix Mendes	Gramatica latina
1652	—	Lisboa	Frei Fructuozo Pereira d Ordem de São Bento	Gramatica latina
1596	—	Lisboa	O padre Manoel Alvarez da Companhia de Jesus	Arte latina

1726	Felipe de Souza	Lisboa	Tradução de Antonio da Silva e Brito	Lunario perpetuo compoz Jeronimo Cortes Valenciana
1728	Pedro Ferreira	Lisboa	Traduzio, e acrescentou o padre Jozeph Pereira Bayão natural de Gondelim bispado de Coimbr	Historia da vida de São Fernando rey de Castella compoz D. Afonso Nunes de Castro chronista dos reys de Castella
1713	José Lopes Ferreira	Lisboa	António Pereira	Arismetica, e álgebra
1682	Deslandesiana	Lisboa	António de Souza de Macedo	Dominio sobre a fortuna
1698	Miguel Manescal	Lisboa	Tradução de soror Maria Francisca Izabel religioza do Crucifixo	Vida da Madre Amada de Blonay compoz em frances o illustrissimo Carlos Augusto de Sales princepe e bispo de Genebra
1703	António Pedrozo Galrão	Lisboa	Tradução de castelhano que mandou fazer António Pedrozo Galrão	Reformação christã compoz o padre Francisco de Castro da Companhia de Jesus natural de Granada

Fl. 166

1670	Crasbeck	Lisboa	Gaspar Pires Rebello	Novelas exemplares, e as 2. partes de Florinda
1716	Bernardo da Costa	Lisboa	Tradução de Antonio de Faria Barreiros	Vida de Santa Anna compoz em castelhano o padre frei Francisco de Lizana da Ordem de Nossa Senhora da Mercê
1724	António Manescal	Lisboa	Thomas Jozeph de Macedo e Miranda natural de Lisboa	Ramalhete do jardim da erudição compendio de sentenças dos melhores authores
1671	João da Costa	Lisboa	João Franco Barreto	Ortografia da lingua portugueza
1724	Felipe de Souza Villilla	Lisboa	Manoel Fonseca Borralho natural de Santarém	Luzes da poesia
1707	Deslandesiana	Lisboa	Tradução de [não se vê na fotocópia]	

Esta listagem considerável de obras corresponde apenas a uma parte do espólio de livros de Francisco Luís Ameno, mas deixa-nos antever os seus gostos e a sua enciclopédia de referência, revelando um homem curioso, com apetência pela erudição, como se pode verificar pelas diversas temáticas sugeridas pelos títulos. Os livros serviram certamente para formar e informar o nosso autor e dão-nos um contributo para o esclarecimento do seu discurso, das suas concepções morais, pedagógicas, didáticas e sociais. Este universo enciclopédico repercutiu-se no seu percurso editorial e na elaboração das obras de que foi autor.

Podemos considerar que Ameno terá angariado pela leitura destas obras, sobretudo das que se dedicam às temáticas religiosas, nomeadamente o *Epítome Espiritual da Doutrina Cristã* da autoria de Padre Francisco Ayres da Companhia, *Meditações da Missa* de Soror Violante do Céu, elementos suficientes que constituíram firmes alicerces para as ideias religiosas que transparecem na sua obra. Do mesmo modo, a leitura atenta e reflectida de obras dramáticas, como são os *Autos* de Gil Vicente, terão contribuído para depurar a sua destreza linguística e o seu jogo vocabular. Ameno possuía, como apontou Oliveira Barata na sua dissertação de doutoramento, “o virtuosismo necessário para cultivar um género que exigia um apurado sentido do jogo vocabular”²⁷. Pensamos que, à semelhança do pai do teatro português, também Ameno adaptou o registo e o nível de língua à condição e estrato social das personagens. Condições que indubitavelmente terão contribuído para despontar o interesse e a adesão do público.

Também nas obras de pendor didáctico-pedagógico há sinais da influência de outros autores que incorporam a biblioteca de referência de Luís Ameno. Referimo-nos, por exemplo, a *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo que fornece uma série de considerações e de normas essenciais a que deve obedecer a prática de conversação de um cortesão. Ainda que os contextos e temáticas se distanciem, notamos em *Escola Nova*, mais especificamente no capítulo referente à “Instrução Política”, uma proximidade aos valores veiculados na obra de Lobo. As advertências que o mestre dirige ao discípulo estão, ainda que de uma outra forma, implícitas no IX Diálogo de *Corte na Aldeia*, no qual Eduardo faz a apologia de uma boa conversação.

²⁷ José Oliveira Barata, *Criação e realidade*, Coimbra, Serviço de Documentação e Publicações da Universidade, 1985, vol. II, p.316.

2.4. Obras traduzidas

A actividade de Ameno, como já tivemos oportunidade de referir, não se restringia apenas à arte de impressão. Na verdade, ele assinou várias traduções com o pseudónimo Fernando Lucas Alvim. Na recolha bibliográfica sobre *A tradução em Portugal*, Gonçalves Rodrigues atribui dezanove traduções a Francisco Luís Ameno e menciona que saíram dos seus prelos sessenta e duas obras traduzidas, sobretudo do italiano (essencialmente textos de teatro de apologética cristã e de música) e do francês (textos de teatro e obras de actualidade e de informação técnica), entre as quais destacamos:

METASTASIO, Pietro, *Comedia A mais heroica virtude ou Zenobia em Armenia* [Manuscrito], Agosto, 1792. Edição traduzida por Fernando Lucas Alvim, publicada em: Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1755 [BN COD. 1377//3].

METASTASIO, Pietro, *Opera intitulada Antigono em Thessalonica* [Manuscrito] /e traduzida em portuguez por Fernando Lucas Alvim. 1793, Dezembro 2. - Ópera em 3 actos. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1755. [BN F. 111].

METASTASIO, Pietro, *Opera intitulada A clemencia de Tito* [Manuscrito], há uma tradução de Fernando Lucas Alvim. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1755. [BN COD. 1384//5].

METASTASIO, Pietro, *Drama intitulado Alexandre na Índia* [Manuscrito], traduzida por Fernando Lucas Alvim. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1755. [BN COD. 1395//4].

METASTASIO, Pietro, *Antigona em Thessalonica*, traduzida por Fernando Lucas Alvim. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1755. [BN L. 46241//1 P].

METASTASIO, Pietro, *A clemência de Tito: drama serio em 2 actos*, traduzida por Fernando Lucas Alvim. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1755. [BN COD. 11721].

METASTASIO, Pietro, *Comedia nova intitulada Alexandre na India* [Manuscrito], traduzida por Fernando Lucas Alvim. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1755. [BN COD. 1385//1].

METASTASIO, Pietro; COSTA, Manuel Pereira da, *Opera intitulada Achilles em Sciro* [Manuscrito], 1784 Fevereiro, 29. - Ópera em 3 actos. Lisboa: na Officina de Francisco Luis Ameno, 1755 [BN COD. 1377//6].

METASTASIO, Pietro; SANTA TERESA, Francisco Xavier de, *Opera A clemencia de Tito* [Manuscrito]. Ópera em 3 actos. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1755 traduzida em portuguez por Fernando Lucas Alvim, 1793. [BN COD. 1390//1].

VOLOGESO, E BERENICE: *opera* / trad. Fernando Lucas Alvim. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1761. [BN L. 47071 P].

José Oliveira Barata aprecia e comenta esta actividade de tradução e de adaptação de Ameno – “cultor de letras, tradutor de obras do italiano Metastásio e autor de algumas peças ao gosto da época [...]”²⁸ – e analisa especialmente o empenho na valorização das traduções que aquele executou, como se pode constatar pela versão italiana de *Il teatro alla moda* de Benedetto Marcello:

“Ameno não traduziu fielmente o texto de B. Marcello. A tarefa não era fácil [...] Não se tratando de uma tradução fiel, não significa que Ameno se tenha afastado decisivamente do original italiano. Independentemente dos problemas que a obra de B. Marcello colocava a nível linguístico, concluímos, pelo confronto com a edição italiana, que o trabalho de Ameno não foi por certo empreendido por mero passatempo ou deleite cultista.”²⁹

Deparamo-nos, mais uma vez, com um testemunho que confirma a diligência e esmero que Ameno aplica na execução das suas tarefas.

Os conhecimentos que possuímos sobre as suas traduções não nos possibilitam tecer considerações fundamentadas sobre a qualidade das mesmas, uma vez que o tempo de que dispomos não nos permite deter a nossa atenção em todas as vertentes da actividade do autor. Pensamos, no entanto, que, também a este propósito, a investigação de Barata nos faculta um precioso contributo, pois ao considerar que “Ameno não era leigo em matéria de teatro, inclusive pelo que toca à terminologia específica do teatro da época”³⁰, leva-nos quase a assegurar a eficácia do impressor nesta arte, até porque a versão que apresentou parece ter conquistado a simpatia do público.

²⁸ José Oliveira Barata; *Op. Cit.*, Vol. I, p.193.

²⁹ José Oliveira Barata, *Op. Cit.*, vol. II, p.248.

³⁰ José Oliveira Barata, *Op. Cit.*, vol. I, p.196.

2.5. Autores e obras publicados

2.5.1. *Dicionário Exegético* – enquadramento na produção dicionarística

Dada a escassez de fontes que nos permitiriam clarificar um maior número de elementos biobibliográficos sobre Francisco Luís Ameno, é sobretudo pela sua obra que podemos apreciar e aprofundar a sua actividade de escritor, tradutor, pedagogo e estudioso da língua. Para podermos analisar esta última vertente, nada melhor do que determos a nossa atenção numa obra de cariz metalinguístico, que manifesta um depurado gosto por questões linguísticas – o *Dicionário Exegético*. Este dicionário foi publicado sem indicação de autor “dado ao publico por hum anonymo”. Sabemos, porém, que foi impresso na oficina de Francisco Luís Ameno e é-lhe atribuída a sua autoria por fontes credíveis.³¹

Parece-nos, contudo, que, para melhor entendermos a importância e o contributo prestado por este dicionário, devemos atender ao contexto em que foi produzido e às necessidades que este género de obras procurava satisfazer.

A lexicografia portuguesa encontrava-se nesta altura muito modestamente cultivada. Não havia dicionários monolingues da língua vernácula, para além do *Dicionário Poético* de Cândido Lusitano, que tinha sido publicado pelo próprio Ameno em 1765. O *Dicionário da Língua Portuguesa* de António de Moraes Silva, que é a obra tutelar da lexicografia monolingue portuguesa, seria publicado alguns anos mais tarde, em 1789 e, ainda mais tarde e grandemente incompleto, o *Dicionário da Academia Real das Ciências* (1793).

O dicionário de Ameno surge num período de alargamento do espaço escolar da língua, motivado pela reforma pombalina, e de uma certa intensificação das preocupações metalinguísticas (lembramos a criação da Academia Real das Ciências em 1779). Por isso, diferentemente dos outros dicionários dedicados a todo o público de modo inespecífico, o *Exegético* procura corresponder às necessidades didácticas mais imediatas dos que querem estudar e saber com mais perfeição a língua vernácula:

“Os mais escrevem para todos: eu porém só escrevo para alguns. Quero dizer: eu só escrevo os vocabulos mais castigados, e de que só usão os Doutos, já como adminiculo

³¹ Inocêncio refere no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo II, p. 432, que: “Persuado-me a crer que elle seria o autor do *Diccionario Exegetico da Lingua Portugueza*, que em 1781 imprimiu anonymo na sua Offic. (...) porém não posso affirma-lo por não ter a certeza necessaria.”

da memória no tempo, em que escrevem; já para examinarem com menor dificuldade as genuínas significações de alguns vocabulos menos vulgares.”

Se é verdade que o aperfeiçoamento das línguas vernáculas foi facilitado pela publicação de estudos que versam a morfologia, a sintaxe, a grafia e o vocabulário, também é inegável o precioso contributo que o *Dicionário Exegético* prestou na fixação e difusão do nosso idioma. Por isso, estranhamos o facto de até agora não ter sido merecedor de um estudo exaustivo, nem tão pouco ser alvo de uma reflexão mais aprofundada, no âmbito da produção dicionarista. Assim, procuraremos deter a nossa atenção nesta obra, não de forma exaustiva, uma vez que não é o objecto único, nem principal do nosso estudo, de modo a contribuir para um melhor conhecimento do mesmo. Centrar-nos-emos numa leitura atenta do prolegómeno, que a seguir transcreveremos, por considerarmos que constitui um testemunho relevante que o autor dirige ao leitor, no sentido de justificar os seus intentos e clarificar os seus objectivos.

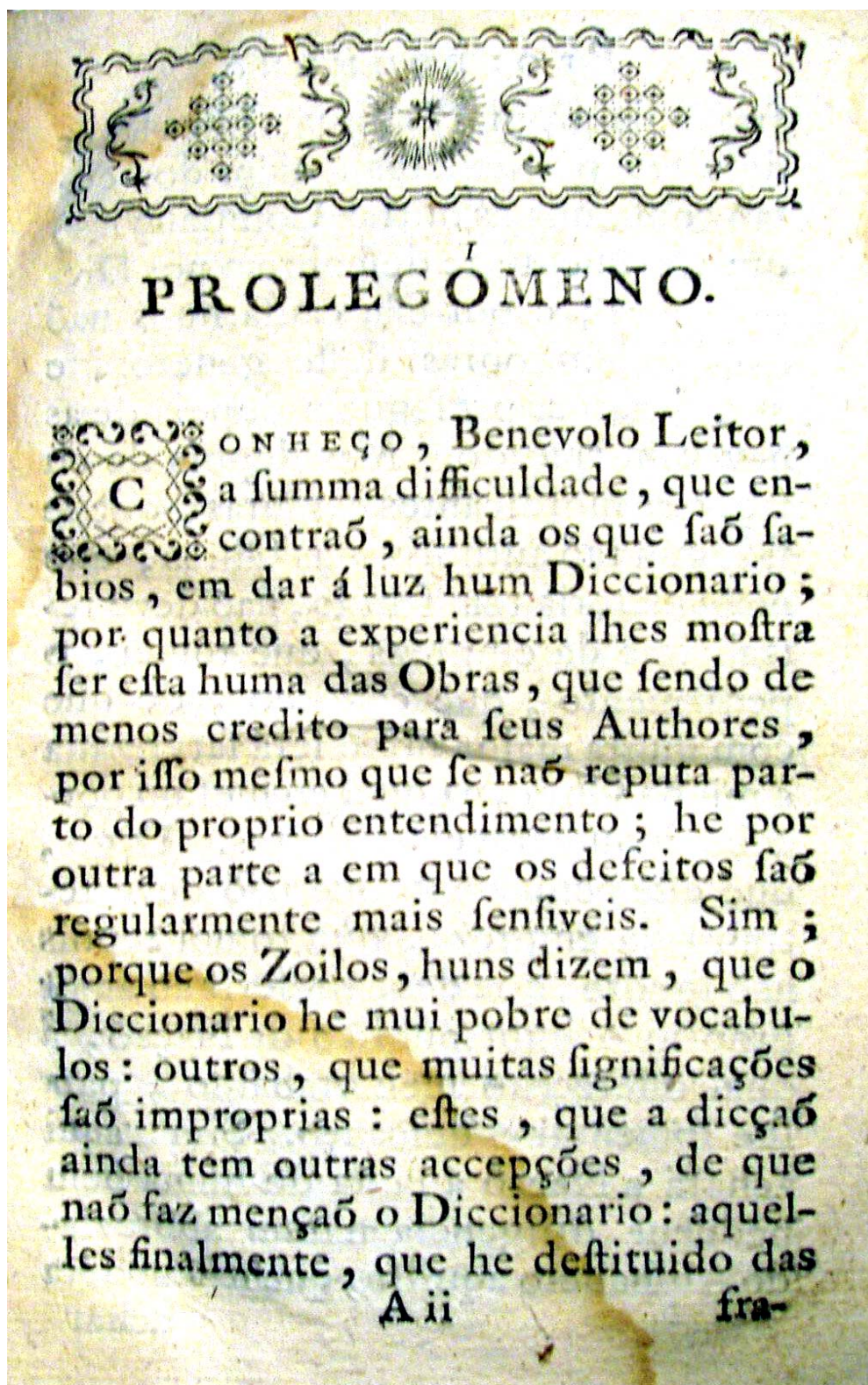


Figura 9 – Primeira página do prolegómeno do *Dicionário Exegético*

PROLEGOMENO.

frazes da propria Lingua. Estes são os defeitos particulares (além dos que são communs ás outras Composições) que facilmente se descobrem nos Dicionarios ; e por esta causa huns não emprendem obras deste genero , e outros não as proseguem depois de as haverem traçado. Mas depois de eu saber as mordicantes censuras , que se fazem a tão authorizadas Obras , que nesta materia tem sahido , não deve retrahir-me da empreza , que tomei , o pensamento , que concebo , de que com muita maior razão será satyridada a minha Obra , na qual eu mesmo percebo innumeraveis defeitos. Digo , que este pensamento me não deve retrahir da empreza , que tomei ; pois não ignoro , que deve preferir ao amor proprio o amor publico da Nação , á qual offereço o meu trabalho , para lhe fomentar o descanso. Sim : aqui achará a Nação á custa de huma bem pequena diligencia n'hum abbreviado Alfabeto aquillo , que não podéra achar

Figura 9 – Segunda página do prolegómeno do *Dicionário Exegético*

PROLEGOMENOS.

achar sem o dispendio de mais tempo n'outro qualquer Diccionario, por causa da sua nimia extensaõ. E se esta he perfeiçaõ naquelles Vocabularios, que ensinaõ a entender todas as dicções da Lingua; neste não será dezar a brevidade, quando só pertendo, que ao primeiro golpe de vista se encontre, não o que todos sabem, mas sim o que muitos ignoraõ. Os mais escrevem para todos: eu porém só escrevo para alguns. Quero dizer: eu só escrevo os vocabulos mais castigados, e de que só usaõ os Doutos, já como adniculo da memoria no tempo, em que escrevem; já para examinarem com menor difficuldade as genuinas significações de alguns vocabulos menos vulgares. Os mais Diccionarios pelo menos saõ de duas Linguas; e por isso mesmo que mais copiosos, mais cheios de merecimento: este por ser de huma mesma Lingua, poderá ter ao menos a estimaçaõ de singular. Se eu intentára ordenar hum Diccionario, servindo-

Figura 10 – Terceira página do prolegómeno do *Dicionário Exegético*

PROLEGOMENO.

vindo-me os mais de exemplar, não poderia livrar-me, ou da nota de temerario, ou do epíteto de desvanecido; porque chegava a dar hum idéa, de que eu reconhecendo-os defeituosos, tomava á minha conta, ou o corrigillos, ou o amplificallos. Porém está bem longe de mim tal pensamento. O que te offereço, he o que vês: o fim, que me propuz, já ficá dito. Aqui acharás a Orthografia, que me pareceo mais correcta; aqui notarás os accentos, que dão a conhecer o verdadeiro modo com que devem pronunciar-se os vocabulos. E como este Diccionario seria mútilo, se lhe faltassem os Proverbios vernaculos, ou os Adagios do proprio Idioma, joias as mais preciosas, que enriquecem, e fazem mais brilhante este Thesouro; eu não quero dispensar-me de coroar com os mais selectos, e mais recommendaveis á memoria o Opusculo, que te offereço, para que delles te sirvas nas occasiões mais opportunas. Se
pois,

Figura 11 – Quarta página do prolegómeno do *Dicionário Exegético*

PROLEGOMENO.

pois, por qualquer titulo, que seja, julgares util o meu trabalho, suppoem, que trabalhei para ti; e quando por todos os lados te seja displacente este Livrinho, trata de fazer outro melhor para utilidade do publico; que eu louvarei o teu zelo, admirarei a tua facundia, e lançarei no alto már as cinzas dos meus escritos.



DIC-

Figura 12 – Quinta página do prolegómeno do *Dicionário Exegético*

Dicionário Exegético

2.5.2. Prolegómeno

[p.1] Conheço, Benevolo Leitor, a summa difficultade, que encontraraõ, ainda os que são sabios, em dar á luz hum Diccionario; por quanto a experiencia lhes mostra ser esta huma das Obras, que sendo de menos credito para seus Authores, por isso mesmo que se não reputa parto do proprio entendimento; he por outra parte a em quem os defeitos são regularmente mais sensiveis. Sim; porque os Zoilos, huns dizem, que o Diccionario he mui pobre de vocabulos: outros, que muitas significações são improprias: estes, que a dicção ainda tem outras accepções, de que não faz menção o Diccionario: aquelles finalmente, que he destituido das frases da propria Lingua. [p.2] Estes são os defeitos particulares (além dos que são communs ás outras Composições) que facilmente se descobrem nos Dictionarios; e por esta causa huns não emprendem obras deste genero, e outros não as proseguem depois de as haverem traçado. Mas depois de eu saber as mordicantes censuras, que se fazem a taõ authorizadas Obras, que nesta materia tem sahido, não deve retrahir-me da empreza, que tomei, o pensamento, que concebo, de que com muita maior razão será satyrizada a minha Obra, na qual eu mesmo percebo innumeraveis defeitos. Digo, que este pensamento me não deve retrahir da empreza, que tomei; pois não ignoro, que deve preferir ao amor proprio o amor publico da Nação, á qual offereço o meu trabalho para lhe fomentar o descanso. Sim: aqui achará a Nação, á custa de huma bem pequena diligencia n'hum abbreviado Alphabeto aquillo, que não poderá achar sem o dispendio de mais tempo n'outro qualquer Diccionario, por causa da sua nimia extensaõ. [p.3] E se esta he perfeição naquelles Vocabularios, que ensinaõ a entender todas as dicções da Lingua; neste não será dezar a brevidade, quando só pertendo, que ao pimeiro golpe de vista se encontre, não o que todos sabem, mas sim os que muitos ignoraõ. Os mais escrevem para todos: eu porém só escrevo para alguns. Quero dizer: eu só escrevo os vocabulos mais castigados, e de que só usaõ os Doutos, já como adminiculo da memoria no tempo, em que escrevem; já para examinarem com menor difficultade as genuinas significações de alguns vocabulos menos vulgares. Os mais Dictionarios pelo menos são de duas Linguas; e por isso mesmo que mais copiosos, mais cheios de merecimento: este por ser de huma mesma Lingua, poderá ter ao menos a estimação de singular. Se eu intentára ordenar hum Diccionario, servindo-me [p.4] os mais de exemplar, não poderia livrar-me, ou da nota de temerario, ou do epítheto de desvanecido; porque chegava a dár huma idéia, de que eu reconhecendo-os defeituosos, tomava á minha conta, ou o corrigillos, ou o amplificallos. Porém está bem longe de mim tal pensamento. O que te offereço, he o que vês: o fim, que me propuz, já fica dito. Aqui acharás a Orthografia, que me pareceo mais correcta; aqui notarás os accentos, que daõ a conhecer o verdadeiro modo com que devem pronunciar-se os vocabulos. E como este Diccionario seria mútilo, se lhe faltassem os Proverbios vernaculos, ou os Adagios do proprio Idioma, joias as mais preciosas, que enriquecem, e fazem mais brilhante este Thesouro; eu não quero dispensar-me de coroar com os mais selectos, e mais recommendaveis á memoria o Opusculo, que te offereço, para que delles te sirvas nas occasiões mais opportunas. Se pois, [p.5] por qualquer titulo, que seja, julgares util o meu trabalho, suppoem, que trabalhei para ti; e quando por todos os lados te seja displicente este Livrinho, trata de fazer outro melhor para utilidade do publico; que eu louvarei o teu zelo, admirarei a tua facundia, e lançarei no alto már as cinzas dos meus escritos.³²

³² Consta na Biblioteca Nacional de Lisboa um exemplar do *Diccionario Exegetico* com a cota L.15722. A paginação é nossa, uma vez que as páginas que transcrevemos não se encontram numeradas.

2.5.3. Intenções do autor e estratégias discursivas

O prólogo é o espaço eleito pelos autores para estabelecer um primeiro contacto com o público leitor, apresentar as intenções, os objectivos do seu trabalho e rebater possíveis críticas.

O nosso autor também não constitui excepção à regra e faz do seu prolegómeno, nome criteriosamente seleccionado para o seu prólogo, uma vez que se trata de uma apresentação expositiva, de dimensão considerável, com cinco páginas, o palco privilegiado para clarificar os seus intentos, dirigindo-se a um público selecto e procurando escudar-se das críticas de que suspeita vir a ser alvo. Com efeito, este texto de apresentação, escrito para elucidar o leitor e aliciar a sua atenção para a obra em questão, para além de funcionar como um espaço de defesa, revela um autor consciente dos gostos do público leitor, que antevê o desgosto que a sua obra iria suscitar para alguns, a reprovação e/ou desvalorização que desencadearia noutros:

“Sim; porque os Zoilos³³, huns dizem, que o Diccionario he mui pobre de vocabulos: outros, que muitas significações são improprias: estes, que a dicção ainda tem outras accepções, de que não faz menção o Diccionario: aquellos finalmente, que he destituido das frases da propria Lingua.”

Consciente do desgosto que a sua obra poderia suscitar nos potenciais leitores, o autor manifesta uma necessidade premente de rebater possíveis críticas que lhe pudessem dirigir e de justificar quais os seus intentos com a elaboração do *Dicionário*. Utiliza, para tal, um discurso argumentativo, por vezes de feição polemizante, para clarificar os seus objectivos, a directriz dos seus intentos, esboroando quaisquer dúvidas ou críticas que teimassem em persistir.

Assim, faz uma reflexão sobre o trabalho inerente à elaboração desta obra, anotando os problemas/dificuldades que lhe são subjacentes. Considera, que apesar de estas obras de carácter metalinguístico serem “de menos credito para os seus Authores”, é a elas que os defeitos são imputados. Estas e outras críticas constituem o motivo por que muitos desistem de produzir este género de obras e outros não as chegam a realizar.

O autor sabia que os dicionários, à semelhança do que acontece nos tempos modernos, eram alvo de críticas ferozes³⁴ que poderiam esmorecer os ânimos de

³³ Zoilos é uma palavra que tem entrada no *Dicionário Exegético*, na p. 296: “Hum sophista antigo, que compoz hum livro contra as obras de Homero, de que nasceo o chamarem-se Zoilos os criticos das obras alheias.”

³⁴ Ameno conhecia, certamente, os exemplos de Bluteau que, no prólogo do *Dicionario, Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712), se antecipara a críticas e apresentara argumentos para legitimar a sua opção e

qualquer um e demover-lhes os intentos. Porém, como anuncia a conjunção adversativa “mas”, não foi isto que sucedeu ao autor de *Escola Nova* que, com este dicionário, pretendeu prestar um serviço público, uma vez que preteriu, como ele próprio afirma:

“ao amor proprio o amor publico da Nação, á qual offereço meu trabalho, para lhe fomentar o descanso”

É em nome da Nação, mas não, como veremos, entendida no sentido lato, que se propôs desenvolver este trabalho, para lhe proporcionar conhecimento, um conhecimento que se afiguraria cómodo, sem requerer grande esforço, nem dispêndio desnecessário de tempo. Isto só seria possível devido à pequena extensão do dicionário e aos rigorosos critérios a que se atendeu na sua elaboração.

Uma das grandes virtudes desta obra reside na sua brevidade, essa mesma brevidade que foi cultivada pelo autor, que seleccionou as formas que suscitam mais dificuldade, de modo a satisfazer as necessidades e o interesse do público a que se destina; não um público qualquer, mas um público selecto – os Doutos, dando-lhes a conhecer “os vocabulos mais castigados (...) já para examinarem com menor difficuldade as genuinas significações de alguns vocabulos menos vulgares”. O objectivo do seu trabalho consistiu em contribuir para que o público-alvo da sua obra, os Doutos, conseguisse suprir algumas dificuldades e aperfeiçoar as suas competências.

Assim, para satisfazer os seus intentos, organizou um dicionário de pequena dimensão, formato *in octavo*, com trezentas e onze páginas, que contempla um total de seis mil entradas, aproximadamente. A primeira parte é destinada à ortografia que lhe pareceu ser mais correcta; a acentuação é também um dos aspectos que aqui são contemplados, pois dá a “conhecer o verdadeiro modo com que se deve pronunciar-se os vocábulos”. Já as últimas quinze páginas estão consagradas a uma breve compilação dos «Proverbios vernáculos ou Adagios do proprio Idioma».

Depois de fazer referência a estes aspectos, e novamente na tentativa de rebater opiniões menos favoráveis, como quem pretende justificar-se, o autor retoma a sua estratégia de defesa, com afirmações bem sustentadas. Assim, refere que apesar de o seu dicionário ser monolingue, e de não ser tão copioso como os demais dicionários bilingues, merece, pelo menos, o reconhecimento de singular. Acrescenta ainda que também ele poderia ter optado por organizar um dicionário, baseando-se noutros já existentes, mas isto angariar-lhe-ia o epíteto de temerário ou de desvanecido e não era

de José Macedo que utiliza no prólogo (1710) do *Antidoto da lingua portugueza* argumentos, numa tentativa de amenizar a ira dos críticos.

essa a sua intenção. Por isso, resolveu levar a cabo este trabalho, no qual procurou atender a rigorosos critérios, regendo-se pelos seus conhecimentos linguísticos.

O quadro a seguir apresentado sistematiza a argumentação utilizada pelo autor que se desenrola, fundamentalmente, em quatro momentos:

1) Antevisão de críticas	<ul style="list-style-type: none"> a) “o Diccionario he mui pobre de vocábulos”; b) “muitas significações são impróprias”; c) “dicção ainda tem outras accepções, de que não faz menção”; d) “destituído das frases da propria Língua”.
2) Argumentos de defesa: 2.1) Qualidades do Dicionário	<ul style="list-style-type: none"> a) “deve preferir ao amor proprio o amor publico da Nação”; a) “fomenta o descanço”; b) “abbreviado Alphabeto”; c) “sem o dispendio de mais tempo encontre os que muitos ignora”; d) “Orthografia, que me pareceo mais correcta”; e) “notarás os accentos, que dão a conhecer o verdadeiro modo com que deve pronunciar-se os vocábulos”; f) “Proverbios vernaculos, ou os Adagios do proprio Idioma, joias as mais preciosas”.
3) Consolidação dos argumentos de defesa	Dualidade de atitudes na recepção do dicionário: <ul style="list-style-type: none"> a) “ se julgares util o meu trabalho, suppoem, que trabalhei para ti”; b) “quando por todos os lados te seja displicente este Livrinho, trata de fazer outro melhor para utilidade do publico”.

Quadro 3 – Sistematização da sequência discursiva do prolegómeno

A partir da sistematização da sequência discursiva utilizada pelo autor, constatámos que o mesmo optou pela contenção de palavras e por uma postura defensiva, moderada, mas devidamente sustentada. Se contrastarmos, por exemplo, com o prólogo do *Compendio de ortografia* de Monte Carmelo, verificamos que os termos que utilizou para se referir às opiniões alheias são acutilantes, ao passo que o autor do *Dicionário Exegético* adoptou uma postura mais serena e uma linguagem mais neutral e isenta sem, no entanto, deixar de evidenciar o seu ponto de vista e de defender a sua perspectiva. Talvez fosse este um dos grandes méritos do autor, o saber falar, o saber dizer e defender-se, mas sempre de forma moderada. Repare-se que há um momento neste prólogo em que parece manifestar uma certa intolerância, quando refere:

“(...) quando por todos te seja displicente este Livrinho, trata de fazer outro melhor para utilidade do publico;”

Contudo, esta intervenção mais austera é logo interrompida pela postura humilde, de rendição que o autor assume – “eu louvarei o teu zelo, admirarei a tua facundia, e lançarei no alto már as cinzas dos meus escritos” – prontificando-se a reconhecer os trabalhos que sejam dignos de mérito e a banir a sua obra. Pensamos que este prólogo constitui um exemplo elucidativo do modo como o autor se expunha, com argúcia e moderação. Moderação esta que, possivelmente, lhe permitiu usufruir de uma certa estabilidade e protecção, pois, como se explica que um cristão-novo tenha alcançado notabilidade e atingido um cargo de destaque na sociedade?

2.6. Produção autoral

Além do *Dicionário Exegético* existem outras obras que são atribuídas a Francisco Luís Ameno, entre as quais destacamos:

AMENO, Francisco Luís, *Analyse de filosofo solitario feita por hum filosofo sociavel*. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1787. [UCJPII SARD-3434] Encadernada com um conjunto de obras debaixo do título "O filósofo solitário". – Enc. inteira em pele c. dourados e rótulo na lombada.

AMENO, Francisco Luís, *Collecção de algumas obras posthumas, que em prosa, e verso deixou Joseph de Sousa, cego desde o berço, académico anonymo de Lisboa./ compilado por Francisco Luiz Ameno*. Lisboa: Officina Sylviana, 1746. [BN RES. 141 P].

AMENO, Francisco Luís, *Collecção de varias noticias a respeito do servo de Deos Bento José Labre: o qual morreo em Roma com opinião de Santidade aos 16 de Abril de 1783*. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1785. [BN H.G. 10363 P].

AMENO, Francisco Luís, *Consolação de afflitos e alivio de lastimados: dialogo entre dous filosofos vacrisso, e pontonio/ por Francisco Luiz Ameno*. Lisboa: na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1742. [BN F. 7851].

AMENO, Francisco Luís, *Despique da mulher casada, que teve as disputas com seu marido, pela não querer levar a ver as luminarias, e o fogo....* Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1785. [BN F. 3125].

AMENO, Francisco Luís, *Elogio de Joao Friderico, Presbytero Secular da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri da Cidade de Lisboa*. Lisboa: Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1755. [BN F. 7289].

AMENO, Francisco Luís, *Manual de cronologia/ Lucas Munis Cerafino*. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1788. [BN H.G. 23487 P].

AMENO, Francisco Luís, *Vieira defendido: diálogo apologético em que se mostra, que não he o verdadeiro author do livro intitulado Arte de Furtar o Padre António Vieira da Companhia de Jesus/ por Francisco Luiz Ameno*. Lisboa: Régia Officina Sylviana, 1746. [BN L. 53474 P].

AMENO, Francisco Luís, *Segundo elogio na morte de Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Francisco de Almeida Mascarenhas, [...]/ por Francisco Joseph Freire*. Lisboa: Na Régia Officina Silvana, e da Academia Real. [BN H.G. 6561//6 V].

AMENO, Francisco Luís/ SERAFINO, Lucas Moniz, *Manual chronologico que contém as principaes epocas da História de cada hum dos Povos... / ordenada por Lucas Moniz Cerafino*. Lisboa: na Officina Patriarcal de Francisco Ameno 1788. [UCJPII CP-H301].

AMENO, Francisco Luís/ SILVA, Leonor Thomasia de Souza e, *Escolla Nova Christã e Politica, na qual se ensinaõ os primeiros rudimentos, que deve saber o Menino Christão, e se lhe daõ regras geraes para com facilidade, e em pouco tempo aprender a lêr, escrever, e contar./ Leonor Thomasia de Souza e Silva*. Lisboa, na Officina de Joaquim Thomas d'Aquino Bulhoens, 1799. [BN F.G. 431].

Esta última obra referenciada constitui o alvo preferencial da nossa análise e, como tal, dado que não é fácil o seu acesso, optámos por proceder à edição do texto de *Escola Nova Cristã e Política* (vol. II), facilitando, assim, a sua acessibilidade e as condições de leitura, o que nos permitiu desenvolver uma ponderada reflexão sobre aspectos do ensino e da história da língua portuguesa.

3. O manual – *Escola Nova Cristã e Política*

3.1. Descrição material

No decorrer da investigação, procurámos confrontar os exemplares disponíveis de *Escola Nova Cristã e Política*, com o objectivo de os analisar comparativamente, tentando averiguar as diferenças que pudessem existir entre eles.

A nossa atenção recaiu sobre exemplares de duas edições da obra: um que nos foi disponibilizado pelo Professor Telmo Verdelho, mas que, por não estar completo, não dispensou a consulta de um outro exemplar da mesma edição e de um outro, da segunda edição, ambos presentes na Biblioteca Nacional.

Apesar do período de catorze anos de intervalo entre as duas edições – a primeira, actualmente disponível, é de 1799³⁵ e a segunda de 1813 – constatámos que as mesmas, para além do local de impressão, não registam outras diferenças. A obra correspondente à primeira edição foi impressa na Officina de Joaquim Thomas d’Aquino Bulhoens; o manual da segunda edição foi impresso na Officina de João Evangelista Garces.

Reproduzimos nas páginas ímpares o texto da primeira edição, aquela a que tivemos acesso, datada de 1799, e nas páginas pares o texto da segunda edição. Ambos os exemplares estão disponíveis na Biblioteca Nacional, sob as cotas F.G. 431 e L.576 P., respectivamente.

A partir da observação das páginas iniciais das duas versões, que nos parecem suficientemente elucidativas, constatamos que não se registam diferenças significativas, para além daquelas que já referimos. São edições póstumas que deverão ter respeitado com considerável fidelidade o teor das edições anteriores do próprio autor.

³⁵ Barbosa Machado refere a existência de uma outra edição que data de 1756, porém só encontramos as duas edições já mencionadas. *Op. Cit.* p.136.

ESCOLLA NOVA
CHRISTÃ,
E POLITICA,

Na qual se ensinaõ os primeiros rudimentos,
que deve saber o Meninõ Christão, e se
lhe daõ regras geraes para com facilita-
de, e em pouco tempo aprender a lêr,
e crever, e contar. L.

ESCRITA

Para o uso de seus Filhos.

POR

D. LEONOR THOMASIA

DE SOUZA E SILVA:

E OFFERECIDA

AOS MENINOS DA ESCOLLA

DA CIDADE DE LISBOA.



LISBOA:

Na Offic. de JOAQUIM THOMAS d' AQUINO
BULHOENS. ANNO de 1799.



Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

Figura 13 – Portada de *Escola Nova* edição de 1779

ESCOLLA NOVA
CHRISTÃ,
E POLITICA,

Na qual se ensinaõ os primeiros rudimentos , que
deve saber o Menino Christão , e se lhe dão
regras geraes para com facilidade , e em
pouco tempo aprender a lêr, escrever,
e contar.

ESCRITA

Para o uso de seus Filhos.

POR

D. LEONOR THOMASIA

DE SOUZA E SILVA;

E OFFERECIDA

AOS MENINOS DA ESCOLLA

DA CIDADE DE LISBOA.

LISBOA:

NA OFFICINA DE JOÃO EVANGELISTA
GARGES.

ANNO 1813.



*Com Licença da Mesa do Desembargo
do Paço.*

Figura 14— Portada de *Escola Nova* edição de 1813

*Vende-se em casa de Jozé Luiz
de Carvalho Mercador de Livros, e mo-
rador na calçada de Santa Anna, aon-
de se achará hum grande sortimento de
Livros de todas as faculdades.*

Figura 15 – Segunda página de *Escola Nova* edição de 1779

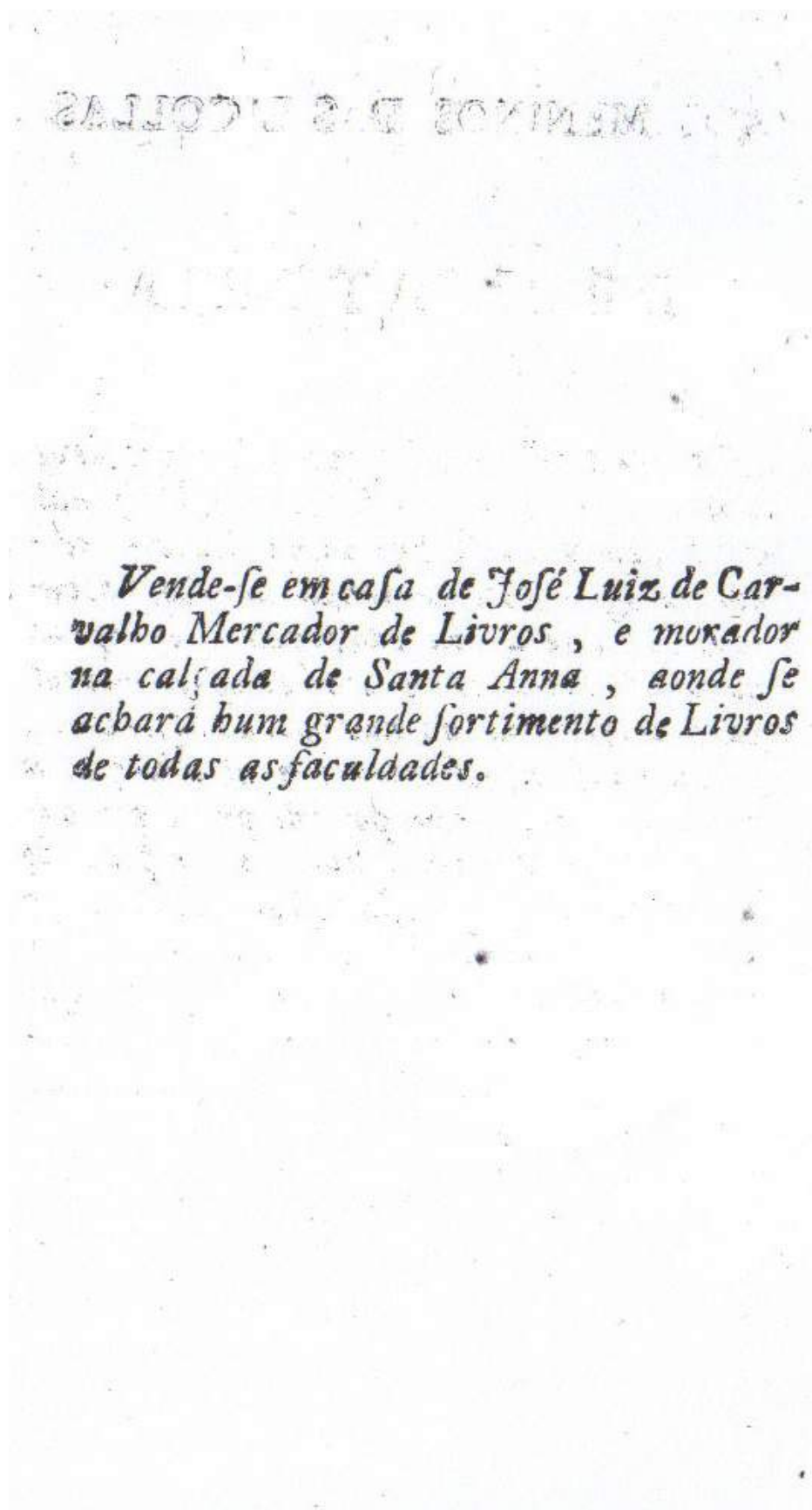


Figura 16 – Segunda página de *Escola Nova* edição de 1813

AOS MENINOS DAS ESCOLLAS.

DEDICATORIA.

A Mados Filhos, (*que assim vos devo chamar, pois no amor todos o sois*) não deveis estranhar, *que huma Mulher nescia, e ignorante pertenda dar-vos documentos para a boa educação, e regras para aprenderdes os primeiros elementos para a introdução das outras Sciencias; porque não he minha intenção usurpar a vossos Mestres, nem por este principio adquiri-la para mim, que sou despidada de vaidades.* Ordenei esta Escolla para o uso dos meus proprios Filhos; e vendo o muito que aproveitaraõ com o methodo que nella vedes, me pareceo conveniente faze-la publica para beneficio vosso; pois se vos applicardes com diligencia ao que nella vos proponho, tereis a utilidade de em breve tempo aprenderdes sem castigo, e eu a gloria de concorrer para o vosso adiantamento. Deos vos guarde, e rogai-lhe por mim.

A ii

ES.

Figura 17 – Dedicatória de *Escola Nova* edição de 1779

AOS MENINOS DAS ESCOLLAS

DEDICATORIA.

A Mados Filhos, (que assim vos devo chamar, pois não amor todos o sois) não deveis estranhar, que huma Mulher nescia, e ignorante pertenda dar-vos documentos para a boa educação, e regras para aprenderdes os primeiros elementos para a introdução das outras Sciencias; porque não he minha intenção usurpar a vossos Mestres, nem por este principio adquirir-la para mim, que sou despidida de vaidades. Ordenei esta Escola para o uso dos meus proprios Filhos; e vendo o muito que aproveitárao com o methodo que nella vedes, me pareceo conveniente fazela pública para beneficio vosso; pois se vos applicardes com diligencia ao que nella vos proponho, tereis a utilidade de em breve tempo aprenderdes sem castigo, e eu a gloria de concorrer para o vosso adiantamento. Deos vos guarde, e regai-lhe por mim.

A ii

E. S.

Figura 18 – Dedicatória de *Escola Nova* edição de 1813



ESCOLLA NOVA
CHRISTÃ, E POLITICA.
INSTRUCCÃO CHRISTÃ.

Pelo signal da Santa Cruz, ✠ Livre-
nos Deos nosso Senhor, ✠ De nos-
sos inimigos. ✠ Em nome do Padre,
e do Filho, e do Espirito Santo, ✠
Amen. Jesus.

Bemdito, e louvado seja o Santissimo
Sacramento, e a purissima Conceição da
Virgem Maria Senhora nossa, concebida sem
macula de peccado original. Amen Jesus.

Padre Nosso.

Padre Nosso, que estás em os Céos :
santificado seja o teu nome : venha a
nós o teu Reino : seja feita a tua vontade
assim na terra, como no Céu : o pão nos-
so de cada dia nos dá hoje : e perdoa-nos
nossas dividas, assim como nós perdoamos
aos nossos devedores : e não nos deixes ca-
hir em tentação, mas livra-nos de mal. Amen
Jesus.

Ave

Figura 19 – Quarta página de Escola Nova edição de 1779



ESCOLLA NOVA.
CHRISTÃ, E POLITICA.
INSTRUCCÃO CHRISTÃ.

Pelo final da Santa Cruz , ✠ Livre-
nos Deos nosso Senhor , ✠ De nossos ini-
migos. ✠ Em nome do Padre , e do Fi-
lho , e do Espírito Santo , ✠ Amén Jesus.
Bemdito , e louvado seja o Santissimo
Sacramento , e a purissima Conceição da
Virgem Maria Senhora nossa , concebida
sem mácula de peccado original. Amen
Jesus.

Prdre Noffo.

PAdre Noffo , que estás em os Ceos :
santificado seja o teu nome : venha a
nós o teu Reino : seja feita a tua vontade
assim na terra , como no Ceo : o paõ nos-
so de cada dia nos dá hoje : e perdoa-nos
nossas dividas , assim como nós perdoamos
aos nossos devedores : e não nos deixes
cahir em tentação ; mas livra-nos de mal.
Amen Jesus.

Ave

Figura 20 – Quarta página de *Escola Nova* edição de 1813

Ave Maria.

A Ve Maria cheia de graça : o Senhor he contigo : benta es tu entre as mulheres, e bento he o fructo do teu ventre Jesus. Santa Maria Mãi de Deos, roga por nós peccadores, agora, e na hora da nossa morte. Amen Jesus.

Salve Rainha.

S Alve Rainha, Mãi de misericordia, vida, doçura, esperanza nossa, salve. A ti bradamos os degradados filhos de Eva. A ti suspiramos gemendo, e chorando neste valle de lagrimas. Eia pois, Advogada nossa, esses teus olhos misericordiosos a nós volve. E depois deste desterro nos mostra a Jesus, bento fructo do teu ventre. O' clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria, roga por nós Santa Madre de Deos, para que sejamos dignos das promessas de Christo. Amen Jesus.

Credo.

C Reio em Deos Padre todo poderoso ; Creador do Céu, e da terra. E em Jesus Christo hum só seu Filho nosso Senhor : o qual foi concebido do Espirito Santo, nasceu de Maria Virgem : padeceo sob poder de Poncio Pilato : foi crucificado, morto, e sepultado : desceo aos infernos : ao terceiro dia

Figura 21 – Quinta página de *Escola Nova* edição de 1799

Escolla Nova Christã, e Politica. 5

Ave Maria.

A Ve Maria cheia de graça : o Senhor he contigo : benta es tu entre as mulheres , e bento he o fructo do teu ventre Jesus. Santa Maria Mãi de Deos , roga por nós peccadores , agora , e na hora da nossa morte. Amen Jesus.

Salve Rainha.

S Alve Rainha , Mãi de misericordia ; vida , doçura , esperança nossa , salve. A ti bradamos os degradados filhos de Eva. A ti suspiramos gemendo , e chorando neste valle de lagrimas. Eia pois , Advogada nossa , esses teus olhos misericordiosos a nós volve. E depois deste desterro nos mostra a Jesus , bento fructo do teu ventre. O' clemente , ó piedosa , ó doce sempre Virgem Maria , roga por nós Santa Madre de Deos , para que sejamos dignos das promessas de Christo. Amen Jesus.

Credo.

C Reio em Deos Padre todo poderoso , Creador do Céu , e da terra. E em Jesus Christo hum só seu Filho nosso Senhor , o qual foi concebido do Espirito Santo , nasceu de Maria Virgem : padecceo sob

po-

Figura 22 – Quinta página de *Escola Nova* edição de 1813

Detemo-nos, agora, no aspecto físico da obra, atendendo ao exemplar da primeira edição, por ser de mais fácil acesso, uma vez que o Professor Telmo Verdelho nos disponibilizou um manual de que dispunha.

O livro é de formato *in octavo*, com um total de duzentas e vinte e três páginas. Encontra-se encadernado com capas castanhas já bastante gastas e danificadas, especialmente na lombada, pela passagem do tempo e o manejo dos curiosos.

Na contracapa pode observar-se as assinaturas rasuradas, a tinta esbatida, cuja interpretação e leitura se tornam indecifráveis.

Na primeira página impressa estão presente as indicações que geralmente acompanham as obras setecentistas – o título, o(s) destinatário(s), potenciais leitores, o nome do autor, neste caso específico o pseudónimo, a indicação do local, da oficina e data de impressão, bem como da respectiva licença.

Parece-nos oportuno ressaltar, detendo ainda a nossa atenção nesta página, a preocupação do autor em criar condições que proporcionem a veiculação da mensagem, através do recurso a mecanismos de transmissão de escrita de carácter estético-funcional, como o são a disposição e destaque dos caracteres tipográficos que variam em dimensão, espessura e tamanho, obedecendo a uma hierarquização de valores.

O título da obra³⁶ aparece destacado pela dimensão dos caracteres, verificando-se que o vocábulo *Christã* é, de todos os que constituem o título, o que mais sobressai, pelo tamanho dos seus caracteres destacados a negrito. Pensamos, como teremos oportunidade de abordar, que constitui uma tentativa de estabelecer prioridades e uma hierarquia de valores que se irá repercutir e condicionar a organização do manual.

Ainda nesta primeira página, o autor faz referência aos destinatários/público alvo da sua obra – o Menino *Christão* – que também aparece destacado com letra maiúscula. Ocupam um lugar eminente, na primeira página, os dois primeiros nomes do pseudónimo utilizado pelo autor, D. Leonor Thomasia.

Ressalta também o destinatário da obra, ainda mais explícito, pois, se anteriormente aludia ao menino cristão, agora refere, retomando caracteres maiúsculos, destacados não só pelo seu tamanho, bem como pela sua cor, mais carregada – AOS MENINOS DA ESCOLLA e, retomando caracteres menores, acrescenta, DA CIDADE DE LISBOA. Parece que o destinatário se vai delineando ao longo desta primeira página. A finalidade que o livro anuncia não é a educação dos meninos do povo, mas antes a

³⁶ Como anota Fernanda Miranda Menéndez, *Op. Cit.*, p.221: “Por vezes era posta em destaque uma parte do nome da obra, aquela que servia de atractivo para o potencial leitor. Os restantes elementos do título iam sendo compostos em caracteres progressivamente menores, para novamente aumentarem quando havia lugar a evocação de um mecenas, e quando se procurava destacar o nome do Autor.”

educação de um menino nobre, como explicitaremos, da cidade de Lisboa. Esta informação vem ao encontro da declaração de Barbosa Machado que refere que Ameno “instruio em aula publica aos mininos, e alguns Fidalgos da primeira Nobreza.”³⁷ Nesta página constam, como já referimos, a indicação do local, a caracteres francamente destacados, bem como da oficina de impressão e da respectiva data.

Na página seguinte, não numerada, faz-se referência ao local onde se pode adquirir o manual, indicando a respectiva localização.

Na página destinada à dedicatória, o autor evidencia a sua preocupação em estabelecer condições de leitura. O realce conferido aos leitores (“MENINOS DAS ESCOLLAS”), em caracteres de maior relevo, denota já a tentativa de estabelecer uma proximidade com eles e de explicitar os motivos que são inerentes à publicação do manual.

Depois destas três primeiras páginas destinadas aos paratextos, o manual prossegue a sua organização, fazendo jus ao título que o designa – *Escolla Nova Christã e Politica, na qual se ensinaõ os primeiros rudimentos, que deve saber o Menino Christão, e se lhe daõ regras geraes para com facilidade, E em pouco tempo aprender a lêr, escrever, e contar.*

Estamos perante um exemplo em que o título faz, de forma resumida, uma apresentação precisa dos conteúdos que aborda. Assim, tal como anuncia, o manual encontra-se dividido em sete partes de diferente dimensão, que iniciam com um título centrado formado por caracteres destacados quer ao nível do relevo quer a nível de tamanho, face ao *corpus* textual. A primeira letra do parágrafo inicial de cada capítulo sobressai pelo tamanho e cor da sua impressão, a letra que se lhe segue mantém-se em caixa alta. Os restantes parágrafos iniciam, igualmente, com uma letra maiúscula, mas já em tamanho normal, não se destacando do corpo do texto. Todas as páginas, à excepção da segunda, que menciona o local onde se pode adquirir a obra, apresentam cabeçalho. Na página destinada à dedicatória, destacam-se os caracteres visíveis que a mencionam “DEDICATORIA”. Também nas páginas quatro e cinco, o nome da obra ressalta. Na página quatro constatamos a impressão “ESCOLLA NOVA CHRISTÃ E POLITICA”, seguida da temática que irá ser tratada “INSTRUÇÃO CHRISTÃ”. Do mesmo modo, na página cinco, o nome da obra aparece mencionado na íntegra. Já nas restantes páginas o título aparece “Escolla Nova”, “Christã, e Politica”, de modo alternado.

³⁷ Barbosa Machado, *Op. Cit.*, p.136.

Na edição que apresentamos, tivemos a preocupação de atender a todos estes aspectos e de reproduzir, sempre que possível, com a máxima fidelidade, o aspecto gráfico da obra que nos propusemos analisar.

3.2. Estrutura da obra

Antes de procedermos à análise estrutural da obra, parece-nos importante deter a nossa atenção não só no frontispício, mas também na dedicatória, na qual o autor explica as suas motivações, os objectivos que o orientam e, acima de tudo, se explica, facultando orientações sobre o modo como deseja ser lido e entendido. A palavra “Escola” sobressai de modo preponderante logo no título da obra, enquanto que no texto introdutório avultam termos como “ensinaõ”, “saber”, “documentos”, “instrucção”, “compendio”, que bem caracterizam todo o manual.

Trata-se essencialmente de um texto didáctico-expositivo que apresenta em alguns capítulos características que o aproximam do texto argumentativo. Mas é sem dúvida um texto pedagógico, a averiguar pela terminologia utilizada – “aplicaçãõ”, “aprender”, “comprehende”, “compendio”, “conhece”, “discípulos”, “ensinar”, “escolla”, “entendimento” – e pelos conteúdos nele visados que determinam a organização do manual.

A obra é composta por sete capítulos de dimensão desigual, tendo o menor dez páginas e o mais longo, o último, cinquenta e quatro, e tem início com os paratextos já referenciados.

3.2.1. Dedicatória

“Quando na dedicatória transparecem motivações de natureza ideológica, é fácil que tais motivações se projectem sobre a estruturação da narrativa (...) a dedicatória reflecte, então, concepções axiológicas e histórico-sociais que mediatamente interferem e nas estratégias literárias adoptadas nas concepções técnico-discursivas que traduzem tais estratégias.”³⁸

Ao dedicar este manual aos meninos das escolas, Ameno adopta uma atitude que irá condicionar a estrutura da obra, quer a nível da colectivização do destinatário quer a nível da valorização do espaço económico-social a que este pertence:

“Amados Filhos, (que assim vos devo chamar, pois no amor todos o sois) não deveis estranhar que huma Mulher nescia, e ignorante pertenda dar-vos documentos para a boa educação, e regras para aprenderdes os primeiros elementos para a introdução das outras Sciencias; porque não he minha intenção usurpar a vossos Mestres, nem por isto adquiri-la para mim, que sou despida de vaidades. Ordenei esta Escolla para o uso dos meus proprios Filhos; e vendo o muito que aproveitaraõ com o methodo que nella vedes, me pareceo conveniente faze-la publica para beneficio vosso; pois se vos applicardes com diligencia ao que nella vos proponho, tereis a utilidade de em breve tempo aprenderdes sem castigo, e eu a gloria de concorrer Para o vosso adiantamento. Deos vos guarde, e rogai-lhe por mim.”³⁹

A estrutura textual da dedicatória não difere muito das que se encontram em outros manuais setecentistas. Assim, como geralmente sucede, o sujeito de enunciação/destinador dirige-se ao destinatário – Meninos das Escolas – com o intuito de apresentar os motivos que estão subjacentes à elaboração do manual e utiliza a dedicatória como um meio que lhe possibilita estabelecer um contacto aproximado com o leitor. Aqui apresenta os objectivos e finalidades deste manual didáctico, através de estratégias discursivas que concorrem para este efeito. Para o conseguir, dirige-se aos leitores, através da dedicatória, estabelecendo com estes laços de empatia e afectividade.

Veja-se a forma como se dirige aos destinatários – Amados Filhos – o epíteto atribuído, de cariz afectivo, viabiliza a aproximação e enaltecimento do destinatário e estimula a adesão à leitura e ao método proposto. Também a caracterização que faculta de si – “huma Mulher nescia e ignorante”, “despida de vaidades” – de extrema humildade, concorre para o mesmo efeito.

Igualmente, a escolha do pseudónimo, Leonor Thomasia de Souza e Silva, contribui para esta aproximação com o destinatário, assim como a linguagem que utiliza, quando se dirige aos jovens leitores, é própria de um registo no feminino, dócil,

³⁸ Carlos Reis e Ana Cristina Macário Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 7ª ed. Coimbra, Almedina, 2000, p.92.

³⁹ Francisco Luís Ameno, *Op. Cit.*, p.3 (a paginação é nossa).

carinhoso e atento, próprio de uma mãe – da figura materna, arguta e zelosa em relação ao percurso evolutivo dos filhos, manifestando a preocupação de os instruir nos diferentes domínios.⁴⁰

Mas foi realmente a obrigação de cuidar dos filhos que o levou a debruçar-se sobre questões pedagógicas e, conseqüentemente, à elaboração de *Escola Nova*, seguindo o exemplo de Martinho de Mendonça, que compôs *Apontamentos para a educação de um menino nobre*? Ou será este mais um argumento utilizado para reforçar a validade e utilidade da sua obra, salientar o zelo do seu autor, dirigindo-se de modo eficaz aos destinatários que procura atingir?

Seja como for, o certo é que a eficácia comunicativa é conseguida na dedicatória, através da qual o leitor pode destringir as intenções que estão subjacentes à elaboração do manual:

- facultar “documentos para a boa educação”;
- fornecer regras que permitem a aprendizagem de conhecimentos essenciais “para a introdução das outras Sciencias.”

Apresentados os objectivos que o moveram, o autor antecipa-se às críticas que se lhe pudessem dirigir, defende-se face a possíveis rumores fraudulentos e explica que a sua intenção não “he usurpar os Mestres”, nem angariar louros para si, uma vez que é “despida de vaidades”. Posto isto, prossegue com a indicação das razões que estão subjacentes à criação de *Escola Nova*. A preocupação de cuidar dos filhos, no sentido de contribuir activamente para a sua educação, impulsionou-o a reflectir, estudar e, por fim, organizar os conteúdos pedagógicos que constam neste manual.⁴¹ Depois de verificar a eficácia e a utilidade do método, optou por divulgá-lo e torná-lo extensível a um público mais alargado. Considera que se os alunos seguirem as indicações que lhe são facultadas e trabalharem com afinco, terão a “utilidade de em breve tempo [aprenderem] sem castigo.”

Neste sentido, a Escola preconizada pelo autor surge como o prolongamento da célula familiar, uma continuadora dos laços afectivos, num misto de proximidade e

40 Apesar de as mães, neste período, não terem um papel activo na educação dos filhos, eram responsáveis por algumas tarefas consideradas inerentes à sua condição feminina, nomeadamente a higiene diária, o acompanhamento dos filhos nos primeiros anos de vida e nas primeiras aprendizagens. Sobre este assunto leia-se António Gomes Alves Ferreira, *A criança no Portugal de setecentos, contributos para o estudo da evolução dos cuidados e atitudes para com a infância*, Coimbra, 1996, vol. II p.491.

41 Também Martinho de Mendonça evocou os mesmos motivos, alegando que a obrigação de cuidar dos filhos foi a razão que implusionou a criação de *Apontamentos para a educação de hum menino nobre*. No entanto, no caso de Ameno, não podemos assegurar a veracidade das afirmações, pois não encontramos documentos que nos possibilitem confirmar essa possibilidade.

distância – a escola é zelosa com os seus “filhos”, mas não deve esquecer a autoridade, a obrigação e a moral – como revela a marcação discursiva por ele utilizada.

3.2.2. Marcação discursiva

Na dedicatória as marcas de primeira pessoa apresentam um número considerável: “minha”; “mim”; “sou”; “ordenei”; “meus”; “me”; “pareceo”; “proponho” e “eu”. Como considera Telmo Verdelho:

[só o eu] “«eu» e o «tu» são as efectivas pessoas do discurso. As restantes pessoas gramaticais (...) o «ele» e o «eles» e de algum modo o «nós» e o «vós», não são pessoas do discurso, na medida em que estão fora do acto de enunciação, não podem praticar a reciprocidade do verdadeiro diálogo, e podem mesmo não ser pessoas. A ausência da primeira pessoa e sobretudo de um destinatário identificado na segunda pessoa significa um afastamento do discurso da língua comum e da sua exercitação quotidiana.”⁴²

Ameno, ao utilizar a primeira pessoa e as correlativas categorias do verbo e da dêixis, parece manifestar, por um lado, uma entidade próxima do leitor, movido pelo afã de o ajudar e orientar ao longo do processo educativo. Por outro, verificamos que a utilização da máscara onomástica parece coarctar este efeito, como se pode verificar nas páginas que sucedem a dedicatória.

Na verdade, ao longo de *Escola Nova*, as marcas enunciativas de primeira pessoa são menos abundantes, podendo mesmo considerar-se escassas e parece que, à excepção do que sucede na dedicatória, se vai cavando o distanciamento entre o autor e os destinatários.

Igualmente, o cultivo de “vós”, já evidente na dedicatória, bem como o emprego das formas verbais que lhe correspondem, reforçam esse distanciamento, como se pode constatar pela observância de alguns exemplos – as estruturas enunciativas mantêm-se, preferencialmente, pela utilização de “vós”, na dedicatória:

“Amados Filhos, (que assim vos devo chamar, pois no amor todos o sois);”

“se vos aplicardes com diligencia ao que nella vos proponho, tereis a utilidade de em breve tempo aprenderdes sem castigo.”

42 Telmo Verdelho, “Garrett e o pensamento normativo na língua portuguesa”, *Colóquio Letras*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Julho-Dezembro de 1999, p.27.

No decorrer da obra, porém, esta forma de tratamento vai ser substituída ostensivamente por “Menino Christaõ”:

- “Logo que o Menino Christaõ acordar pela manhã, persigne-se (...)” (p.28);
- “Na Igreja esteja com muita modestia, atenção, e reverencia (...)” (p.36);
- “Entrando na cama, persigne-se, benza-se (...)” (p.41);
- “Quando se deitar, não se dispa diante de outro (...)” (p.41);
- “Como devemos, Menino, escrever as dicções, (...)” (p.85).

Apesar de o manual apresentar como principais destinatários os “meninos da escolla da cidade de Lisboa”, o leitor depara-se, ao longo da análise, com conselhos e advertências que são especificamente dirigidas aos mestres, apercebendo-se que a *Escola Nova Cristã e Política* também era um manual ao serviço dos Mestres, na instrução dos discípulos:

- “Pelo que, todos estes inconvenientes se poderão facilmente remediar, se os Mestres publicos, e particulares, que se encarregão de ensinar (...)” (p.43);
- “Primeiramente ensináraõ aos meninos a conhecer todas as letras (...)” (p.44);
- “Assista-lhe ao principio sempre o Mestre, para lhe acautelar os vicios de pegar mal na penna (...)” (p.72);
- “(...) não convém ensinar-lhes logo a formar todas as letras (...)” (p.73);
- “Será muito conveniente, que logo nas primeiras lições se ensinem os meninos a formar as letras (...)” (p.73).

A alternância das formas de tratamento parece corroborar este facto, visto que nem sempre o autor se dirige ao discípulo. Apesar de na dedicatória, como já verificámos, se referirem “os filhos” e os “meninos da cidade de Lisboa” como sendo os principais destinatários deste manual pedagógico, não significa que o mesmo se destinasse apenas a crianças. Com efeito, o leitor ideal desta obra, à semelhança do que sucede com outros manuais escolares do séc. XVIII, é o mestre-escola que ensina as primeiras letras. Por isso, o autor dirige-se muitas vezes aos mestres, sugere métodos que estes devem seguir, adverte-os sobre a eficácia/ineficácia de algumas metodologias e propõe alguns cuidados.

Ao longo dos capítulos que enformam este manual, como verificaremos, o sentido pedagógico do autor está sempre presente de forma mais ou menos explícita.

3.2.3. Compêndio da doutrina cristã

“Sem religião não há liberdade possível. Percorrei o mundo inteiro, não achareis liberdade onde não chegou o Evangelho.” J.M. Casal Ribeiro, *Carta sobre as escolas populares*.

A primeira parte do manual destina-se à “Doutrina Christã”, nela se tecem considerações sobre Cristo e a Santa Igreja Católica Romana, sobre o Artigo da Ressureição e os Sacramentos da Igreja Católica. A organização deste capítulo obedece à estrutura de um pequeno catecismo destinado às crianças, constituído por um conjunto de perguntas e respostas.

O método é simples e consiste na explicação do texto: primeiro o Mestre lê em voz alta as perguntas e as respostas e em seguida explica o seu conteúdo, terminando com uma exortação que serve para a vida.

O principal objectivo consiste em ajudar os discípulos a recitar de memória o catecismo, uma vez que as crianças a quem se dirige esta primeira parte da obra ainda não sabem ler. O ensino é essencialmente oral e pretende fornecer aos discípulos algumas impressões capazes de pôr em funcionamento as virtudes infusas.

Ainda neste capítulo é de destacar uma subdivisão reservada ao “Modo de ajudar à Missa”. Aqui o autor evidencia a sua preocupação em instruir o menino de acordo com os ritos litúrgicos de cada Congregação: o rito Romano, o rito usado pelos Dominicanos, pelos Beneditinos, pelos Carmelitas, pelos Cistercienses e pelos Cartuxos. A missa era dita em Latim, facto que persistiu até à década de 60 do século XX, altura em que se celebrou o *Sacrosantum Concilium*, isto é, a Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Consílio Vaticano II, a partir do qual a missa passou a ser dita na língua vernácula de cada país.

Na parte alusiva ao modo como o “Ministro deve ministrar ao Sacerdote” e, a título de curiosidade, estabelecendo um paralelo com a realidade actual, registam-se diferenças substanciais no modo como o acólito deve ajudar na missa, fruto da simplificação que o Consílio operou.

3.2.4. Instrução política

“Quanto a mim, se *dignitas* é ter bons sentimentos para com a *res publica* e dar provas aos homens de bem desses mesmos sentimentos, sou detentor da minha *dignitas*.” Cícero, *Cartas aos Amigos*, IV.14.1.

Depois do compêndio dedicado à doutrina cristã, sucede-se uma parte destinada à “Instrução Política”. O título deste capítulo revela outro dos conteúdos contemplados no manual e bastante valorizados pelo autor.

Repare-se que o vocábulo – política – figura no título do manual pedagógico *Escola Nova Cristã e Política*, por isso não é de estranhar a importância que este tipo de instrução exerce na formação do menino que inicia agora o seu percurso escolar.

Pretende-se, neste capítulo, instruir o aluno, no sentido de lhe transmitir conhecimentos e uma formação social, moral e, obviamente, política. Ora a Política encerra em si diferentes acepções. Este termo sofreu uma grande evolução semântica ao longo dos últimos duzentos anos. No tempo de Francisco Luís Ameno significava já a “arte de governar um estado”; mas significava também, e essencialmente, o que hoje designamos por “urbanidade” ou “civildade”. Assim, além da arte ou ciência de governar, o pequeno manual oferece uma orientação ou um conjunto de directrizes que devem reger a actuação de uma pessoa ou entidade; o modo civil ou cortês de proceder na relação com os outros, delicadeza de trato e civildade.

Todas estas acepções, apesar de diferentes, são complementares e indissociáveis: o governador de um estado deve reger-se por fortes princípios morais, deve ser cortês na relação com outros; por seu turno, só o homem cortês, possuidor de delicadeza e de civildade, poderá desempenhar com zelo as suas funções e inclusivamente entregar-se à *res publica*.

Os conteúdos que irão ser abordados nesta parte do manual deixam antever a preocupação bem demarcada do autor com a formação cívica e moral dos seus discípulos.

Neste capítulo, que constitui um compêndio de civildade, o autor indica como o menino cristão deve passar o dia – pela manhã, ao acordar, e depois de se benzer, deve orar e dar graças a Deus, dizendo:

“Altíssimo Senhor, e Deos Eterno, eu peccador miseravel, pó, e vil bichinho da terra, prostrado humildemente na presença de vossa soberana Magestade, vos dou infinitas graças, e louvores por vosso ser immortal, e perfeições infinitas, e porque me creastes de nada, e me conservais em vossa [p.29] presença, e por todos os beneficios que a mim, e a todos as creaturas tendes feito. Adoro-vos, Senhor, com todo o affecto do meu coração, dando-vos a honra, magnificencia, e superioridade, como a absoluto Senhor, e Creador meu. Creio, que sois Deos verdadeiro, e Uno, Padre, e Filho, e Espirito Santo, tres

Pessoas distintas, e hum só Deos verdadeiro; e com esta fê, e crença espero, Senhor, façais em mim vossa Santissima vontade, e me ensineis o que devo fazer neste dia, e nos que restaõ de minha vida. Amen.”⁴³

Na passagem acima transcrita, que traduz a oração do menino, não podemos deixar de salientar a consciência da precariedade da existência humana, que contrasta com a grandiosidade divina. É notória a desproporção que existe entre a magnitude de Deus e a pequenez do Homem. Este é um ser frágil, diminuto e a sua trágica condição depende dos desígnios da entidade divina.

Para Ameno, o homem é um ser ínfimo, “peccador miseravel, pó, e vil bichinho da terra”, a própria adjectivação utilizada na descrição é já por si bastante significativa. Também o recurso ao sufixo diminutivo – (inho) “bichinho”, para além da adequação pedagógica às dimensões da tenra idade, acentua a fragilidade e a precariedade da dimensão humana.

O homem está, na perspectiva do autor, submisso às leis divinas e delas depende, pois, “prostrado humildemente na presença de vossa soberana Magestade”, espera que o Senhor delibere sobre o seu destino, lhe indique e ensine como deve proceder ao longo da sua existência: “(...) espero, Senhor, façais em mim vossa Santissima vontade, e me ensineis o que devo fazer neste dia, e nos que restaõ de minha vida.”⁴⁴

O Renascimento marca o renascer da confiança no Homem, concebido como um protagonista da história, abandonando a concepção que até então vigorava – o homem entendido como um recipiente passivo da autoridade da Igreja, conduzido por Deus que orienta e determina a sua conduta.

Também o Iluminismo reafirma o desejo de emancipação do espaço sacral, de romper com os valores que vigoravam no passado, entendido como um mundo de preconceitos, anunciando a entrada no profano. Propala a saída do homem da menoridade, da incapacidade de se guiar pelo seu entendimento, sem orientações alheias. Caracteriza-se por ser um movimento contra a fê, que visa um corte com a transcendência: relega Deus para segundo plano, valorizando a razão, e anuncia a necessidade de encontrar novos fundamentos de evidência e de novos valores. Exige ainda revisão do catecismo, dogma a dogma.

Ameno parece colocar-se à margem desta corrente e ideologias, acerrimamente defendidas por alguns intelectuais europeus da sua época, nomeadamente, Diderot, Voltaire, Rousseau, Locke, entre outros, e reforça a sua crença na fê e a importância da religião.

43 Francisco Luís Ameno, *Escola Nova Cristã e Política*, pp.28-29.

44 *Idem, Ibidem.*

A vida do homem depende da vontade de Deus. Este é um pressuposto que o Menino cristão deve interiorizar para jamais esquecer, pois a virtude é a qualidade mais necessária a um ser humano e Deus é o fundamento da virtude, logo é necessário, desde cedo, veicular o verdadeiro conceito de Deus. Por isso, sugere-se ao Menino um conjunto de indicações e normas de conduta que ele deve adoptar, como forma de apreço e reconhecimento à entidade divina:

- Depois da oração, dos agradecimentos e das súplicas que dirige a Deus, o menino deve fazer a sua higiene diária, lavar-se, pentear-se, e deve tomar a benção a seus pais ou aos mestres;
- Quando sair de casa deve levar o sinal da Cruz e encaminhar os passos para a Igreja;
- Ao deitar, o menino deve rezar e ter a preocupação de não deixar as partes do seu corpo a descoberto.

Este compêndio apresenta ainda uma série de normas de polimento e de convívio pessoal que deve constar na educação e formação de um bom cidadão e que perpassa todas as suas tarefas diárias.

Nenhum pormenor deve ser descurado, antes pelo contrário, o menino cristão recebe diversos conselhos e advertências que contribuem para a sua elevação moral e lhe permitem adornar a alma de virtudes.

A acção da disciplina, para ser eficaz, deve exercitar-se logo na infância. O adulto vai ser o reflexo do que aprendeu na meninice, ainda de modo mais aperfeiçoado: “Já diziam os nossos antigos que convém lidar trigoso enquanto se é moço. Pois que o homem idoso não aprende letras.”⁴⁵. Por esta razão, é necessário que desde cedo a criança interiorize determinados princípios e normas para mais tarde reproduzir. É com este intuito que o compêndio de civismo faculta um universo de saber que se estende às aprendizagens domésticas, familiares e sociais. Proporciona uma série de normas de cortesia que o menino devia cumprir e que abrange diferentes domínios: saber andar, falar, gesticular, dirigir-se aos superiores, saber estar, à mesa, na rua, perante pessoas de diferentes categorias sociais.

⁴⁵ Ferreira de Deusdado; *Educadores portugueses. Bosquejo histórico de puericultura*, Coimbra, Livraria Franco Amaro, 1909, p. 234.

Contenção e moderação são valores incontornáveis que devem estar sempre presentes nas atitudes do jovem aluno. É imperioso que seja contido nas mais diversas situações.

Durante as refeições deve apresentar-se com “muita moderação”, não revelar o seu apetite, nem comer excessivamente: “procure que o almoço seja tal, que não lhe offusque as potencias: pois sendo moderado, ficará hábil para applicar-se a qualquer Arte liberal”.⁴⁶

O alimento nutre o organismo e colmata as necessidades elementares da alimentação, o que permite a satisfação da alma e, conseqüentemente, o libertar e o desencadear do pensamento. Mas quando o alimento é em excesso, aprisiona o corpo e entorpece o espírito, impossibilitando a sua entrega a outras actividades.

Cícero considerou em *Dos limites extremos II.8.24: nec enim sequitur ut, cui cor sapiat, ei non sapiat palatus* (“não é forçoso que o discernimento do espírito exclua o do paladar”). Todavia, é imperioso que o discernimento do paladar não exclua o do espírito e “offusque as potencias”.

Quando vai pela rua, o menino deve ter em atenção a sua conduta e o ritmo do andamento: os passos devem ser “mui commedidos, e iguaes”⁴⁷, uma vez que o ritmo do andamento denota o juízo do viandante.

Ao cruzar-se com pessoas, deve adoptar condutas de acordo com o lugar de destaque e o posicionamento destas na sociedade e prestar especial deferência aos Sacerdotes e Religiosos. Mas sempre que encontrar “pessoas de maior qualidade que a sua” deve tirar o chapéu para as cumprimentar e ceder-lhe o melhor lugar, em sinal de cortesia.

As companhias devem ser criteriosamente seleccionadas, como revela o emprego do adjectivo no grau superlativo relativo de superioridade – “ha-de ser a mais virtuosa”. A aprendizagem também se adquire pela imitação dos hábitos e pelo convívio, daí a importância das companhias. Os amigos devem ser aconselháveis e escolhidos entre iguais – “igual á sua pessoa, em qualidade, e esfera.”⁴⁸

A comunicação há-de ser “honesta, virtuosa, verdadeira e sucinta”.⁴⁹ Quando estabelece uma conversação com as pessoas, deve atender a diferentes aspectos: postura corporal (“não se assentar”; “não se recostar sobre assento alheio”); actuação (não deve falar em segredo, ou dizer algo que incomode o interlocutor). Aconselha contenção no

⁴⁶ Francisco Luís Ameno, *Op. Cit.*, p. 29.

⁴⁷ *Op. Cit.*, p. 30.

⁴⁸ *Op. Cit.*, p. 30.

⁴⁹ *Op. Cit.*, p.31.

discurso, alertando para o perigo das palavras em excesso que poderá expor e fazer cair no ridículo o orador desmesurado. Neste aspecto Ameno dá um conselho preciosíssimo que vem ao encontro do tão célebre e avisado adágio popular “quem muito fala pouco acerta”.

O vestuário, entendido como algo supérfluo, deve ser simples, limpo e despretensioso, pois a ostentação revela ligeireza da alma: “a vaidade é um portal de silvas para quem deseja entrar no campo murado da sabedoria (...).”⁵⁰

Tece ainda considerações sobre o modo de agir e as atitudes a adoptar na presença e relacionamento com os pais. Relativamente a esta questão, é curioso salientar as opiniões de diferentes autores que então vigoravam.

Ameno adverte o menino para a necessidade de obediência, considerando que este deve executar todas as ordens, sem oferecer resistência, nem manifestar qualquer tipo de contrariedade. Assim, na presença dos pais deve assumir uma atitude humilde, à mesa deve ocupar o lugar mais ínfimo e contentar-se com a porção que lhe é destinada, sem nunca questionar as suas ordens. Os pais irrompem como detentores da verdade, pois apenas desejam o melhor para o seu filho.

Contrariamente ao que sucede com outros educadores da época, Ameno não alude aos procedimentos que deviam ser adoptados pelos pais na educação dos seus filhos, como faz Martinho de Mendonça na sua obra *Educação de um menino nobre*.

A obediência é a grande escola e, neste aspecto, o autor da *Escola Nova* distancia-se de alguns pedagogos da época, nomeadamente, Locke, Rousseau e Martinho de Mendonça.

Ao contrário destes, Ameno não faz referência aos direitos das crianças nem às liberdades que se lhes deviam conceder. A criança surge como um sujeito de obrigações e não direitos. É um potencial adulto mas, como ainda está num período de formação, não tem direitos e deve, por isso, subjugar a vontade ao dever. Isto é bem visível na linguagem utilizada e no uso reiterado e frequente do advérbio de negação – “não”, bem como no recurso à conjugação perifrástica: “deve ser” – que reforçam a obrigatoriedade e rigorosa disciplina a que o aluno estava sujeito.

Não se admitem teimosias, caprichos ou qualquer tipo de insolência. A educação persiste dentro dos moldes da moral e dos bons costumes, respeitadores das hierarquias familiares e sociais. A criança deve moderar e vencer os seus próprios apetites e, para tal, é necessário, logo na infância, ensinar a virtude e prevenir contra os vícios, os erros

⁵⁰ Ferreira Deusdado, *Op. Cit.*, p. 251.

e a luxúria, pois é nesta fase que despontam e, se não forem combatidos, desenvolvem-se, conturbando o espírito e as condutas.

A criança é o espelho do homem de amanhã. Assim, tem de obedecer, aprender e interiorizar para quando for adulto poder reproduzir e transmitir o que aprendeu às gerações futuras.

Este é o perfil do cristão que a *Escola Nova Cristã e Política* procura formar. Mais do que uma comunhão com Deus, de actos extremos de culto e de convicções profundas, este modelo inculca uma série de práticas, propostas ao longo de gerações, que deviam ser seguidas pelo bom cristão. Desta forma, adquiria normas de conduta que lhe conferiam destreza e habilidade na administração dos negócios e lhe permitiam obter o favor e reconhecimento dos seus cidadãos, isto é, ser um homem político.

3.2.5. Método fácil para aprender a ler

“A primeira taça é-nos servida pelo professor das primeiras letras, que começa a polir a rudeza do nosso espírito. Depois vem o gramático, que nos reveste de conhecimentos variados. E finalmente é a vez do retórico, que nos põe na mão a arma da eloquência”. Carcopino, Jérôme, *A vida quotidiana no apogeu do Império*.

Neste capítulo, tal como o título indica – “Methodo facil para aprender a ler” – Ameno faz a apologia de um método que considera eficaz para iniciar os meninos na leitura, alegando que a utilização da metodologia por ele proposta simplifica a tarefa dos mestres e facilita a aprendizagem dos alunos.

O autor atribui uma importância crucial ao domínio da leitura e reflecte sobre a importância inquestionável da “sciência de ler”, equiparando-a, através de uma linguagem metafórica, a uma porta que proporciona o acesso do entendimento humano a outras ciências e a outros domínios do saber. Já o seu insuficiente domínio não permite que o aluno se liberte da ignorância, se torne ágil, eloquente e adquira o entendimento das coisas.

Ameno considera a má aprendizagem sintoma de um mau ensino e reflecte sobre a ineficácia dos métodos então utilizados:

“(…) muitos meninos (principalmente nas terras do interior do Reino, em que os homens nascem, e se criaõ com menos agilidade por falta do trato, e communicacão das gentes) havendo andado quatro, sinco, e seis annos na Escolla, ficaõ na mesma ignorancia, em que nascêraõ ”⁵¹

Nesta passagem, Ameno tece reflexões não só de cariz pedagógico como também sociológico, revelando ser um conhecedor da realidade do reino. Foca os problemas de isolamento criados pela interioridade que ainda hoje, embora de modo diferente, se fazem sentir, sobretudo nos meios rurais. Na verdade, os falares do norte e interior do país conservavam, naquela época, muitos arcaísmos e afastavam-se da língua comum. A este propósito, também o teatino Rafael Bluetau constataria, através de um levantamento de listas de palavras utilizadas no Minho e nas Beiras, no final do século XVII, que as mesmas evidenciavam significativas diferenças em relação à língua padrão.

Para ultrapassar estas e outras adversidades, e para libertar o aluno da ignorância e da alienação, é imprescindível iniciá-lo na ciência de ler que proporciona o alcance a outros vectores do saber e:

⁵¹ Francisco Luís Ameno, *Op. Cit*, p.42.

“(…) consiste no conhecimento das letras, e pronúncia das syllabas com que se formão os nomes, pronomes, conjunções, e adverbios da lingua Portuguesa, e de todas as outras do Mundo.”⁵²

O autor de *Escola Nova* salienta ainda que o facto de não se ensinar os alunos a pronunciar todas as sílabas da língua portuguesa é a principal razão que concorre para o seu total desconhecimento. Como tal, adopta uma atitude crítica face ao método até então utilizado nas escolas, e denuncia o seu carácter deficitário, uma vez que não ensinava os discentes a pronunciar todas as sílabas existentes na Língua Portuguesa. Estes ficavam sem saber pronunciar mais de duas mil seiscentas e quarenta e sete (2647) sílabas, não por ignorância, mas por não lhes terem ensinado.

A falácia do método que vinha sendo utilizado verifica-se, segundo Ameno, no momento em que os alunos são confrontados com as cartas de nomes e, por desconhecerem as sílabas, são incapazes de proceder à respectiva soletração. Os mais destemidos, para saciar as suas dúvidas, cansam os mestres com perguntas; os mais tímidos não ousam perguntar, desperdiçam tempo, tornam-se dispendiosos para os pais e permanecem na ignorância.

As desvantagens do método que então vigorava eram notórias: causava o cansaço dos mestres e dos alunos e traduzia-se num desperdício de tempo. Este facto causa indignação ao nosso autor que não se coíbe de tecer uma crítica acérrima aos mestres e ao método por eles utilizados, que consistia em ensinar os meninos a ler, sem antes lhes ensinar a pronunciar as sílabas, acabando por reduzir o método a um mero exercício de adivinha.

“E quem poderá negar que o modo com, que até agora os Mestres ensinão os meninos a lêr, não he mais que ensina-los a adivinhar, pois querem, que os meninos saibaõ, e digaõ a pronúncia das syllabas que nunca lhe ensinaraõ.”⁵³

Também Luís António Verney não fica indiferente a esta ocorrência e alerta no seu *Verdadeiro Método de Estudar* para a responsabilidade que os mestres desempenham no processo educativo, não lhes poupando duras críticas. Ressalta ainda a necessidade de encontrar uma metodologia adequada e eficaz, de modo a que os alunos aprendessem a ler:

“Este ponto é mui necessário, achando-se todos os dias homens feitos que lêem soletrando e cantando, e que dizem mil barbarismos, o que procede de não terem tido Mestres que lhe ensinassem bem.”⁵⁴

⁵² *Op. Cit.*, 43.

⁵³ *Op. Cit.*, p.46.

Os dois autores tecem críticas ao sistema de ensino de então, as quais assentavam essencialmente em dois vectores: por um lado, os conteúdos que eram transmitidos; por outro lado, a metodologia utilizada. E concebem a má aprendizagem como reflexo de um ensino deficitário e de técnicas ineficazes de transmissão do saber.

Para colmatar tais dificuldades e contribuir para um progressivo avanço no domínio da leitura, o autor de *Escola Nova* faz uma advertência aos mestres e aconselha-os a observar as regras que propõe neste método, auxiliando-os na laboriosa tarefa de ensinar, e aos discípulos na árdua tarefa de aprender. Deste modo, adverte os primeiros a ministrar os conteúdos, atendendo a fases distintas:

– Na primeira fase, é importante que os alunos conheçam todas as letras da língua portuguesa e saibam pronunciar as sílabas, do modo como estão dispostas no compêndio, atribuindo-lhes a sua própria e inteira pronúncia. Para tal, devem atribuir a cada letra um nome distinto.

– Esta fase consiste na aplicação do método sintético, uma vez que se parte do particular para o geral (identificação das letras e pronúncia das sílabas). Concluída esta primeira etapa, é necessário que os alunos repitam a soletração das sílabas e/ou indiquem as letras de que a sílaba se compõe.

– Na segunda fase, já depois os discípulos de terem aprendido todas as sílabas presentes no compêndio e de as saberem de memória, os mestres deverão facultar-lhes orações escritas, numa letra cuidada e, posteriormente, cartas e livros para que adquiram o domínio das abreviaturas.

– Nesta etapa vigora essencialmente o método progressivo, dado que se parte do mais simples para o mais complexo – reconhecimento das sílabas e iniciação nas orações escritas, bem como nas cartas e livros.

– Os mestres devem aconselhar os alunos, quando lhes derem orações ou cartas a soletrar, a pronunciar as letras que compõem cada sílaba, assim como a respectiva sílaba.

⁵⁴ António Salgado Júnior, *Luís António Verney, Verdadeiro método de estudar*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1949, p.36.

– Pretende-se, com este exercício, que o aluno consolide os seus conhecimentos com clareza, sem exigir muito esforço dos professores. Neste momento, o aluno pode aplicar os conhecimentos que adquiriu, servindo de indicador, quer para o aluno quer para o professor, da eficácia do sistema de ensino/aprendizagem.

O processo é gradativo e encontra-se distribuído por três fases: a primeira fase centra-se, essencialmente, no aluno e nos conhecimentos que este deve adquirir; na segunda e terceira etapas tecem-se advertências aos mestres sobre os conteúdos e a metodologia que devem utilizar.

A aprendizagem assenta no método propedêutico, prepara e ensina para a autonomia e funda-se no treino da memória – o discente aprende através do recurso à repetição e ao saber de cor. Consiste ainda na aplicação de uma metodologia detalhada que lhe permite progredir sozinho e sem grande esforço, dispensando o auxílio do professor, a não ser para o questionar sobre alguma letra que, por ser de uso menos corrente, desconhece.

A concepção de Ameno assenta numa relação dialéctica entre o ensino/aprendizagem, o bom aluno depende do bom mestre. O progresso do primeiro está intrinsecamente condicionado pelo desempenho, clareza, precisão e eficácia do professor, assim como pelas metodologias por ele utilizadas.

O autor de *Escola Nova* garante, desta forma, a eficácia do método e parte da sua experiência para uma teorização:

“Os que da razão se não satisfizerem, busquem a verdade na experiencia, e acharão, que em menos de trinta (os de mais de curto engenho) pódem perfeitamente saber lêr, como eu tenho experimentado.”⁵⁵

Finalmente, apresenta uma pergunta retórica com o intuito de desfazer quaisquer ambiguidades:

“Dirá alguém, e creio que a maior parte dos Mestres, como sendo isto assim, não houve até agora quem o conhecesse e povesse em praxe, sendo tão necessario, e facil, de tanto trabalho, e dificuldade para os que aprendem o modo que até agora usamos?”⁵⁶

E prontamente responde que a falta de aplicação do método se deve ao desconhecimento dos mestres, mas com a progressão nos estudos, com a experiência e o auxílio divino, o homem vai descobrindo soluções que o ajudam a ultrapassar algumas

⁵⁵ Luís Ameno, *Op. Cit.*, p.45.

⁵⁶ *Idem, Ibidem.*

dificuldades. Posto isto, refere, como exemplo, o contributo prestado pelo jesuíta Padre Manuel Álvares, que simplificou o ensino/aprendizagem da língua latina.

Igualmente, Verney fez no *Verdadeiro Método de Estudar* apologia dos métodos que propôs, alegando as seguintes razões:

“Contanto que eu aponte o que é necessário, não importa quem o diz. Basta que eu diga, uma vez por todas, que a maior parte do que digo experimentei eu mesmo, outras coisas observei em terceira pessoa, ou li em autor aprovado.”⁵⁷

Os métodos são objecto de reflexão para os dois autores. Quer Ameno quer Verney mostram as vantagens da sua aplicação e evocam os bons resultados das suas experiências pessoais. Todavia, figuram nestes autores duas perspectivas distintas no que respeita à Gramática Latina do Padre Manuel Álvares.

Ameno elogia e valoriza o contributo prestado pelo jesuíta no ensino da língua com a sua gramática latina, mas Verney revela a sua perplexidade face ao método utilizado pelo Padre Manuel Álvares e propõe a utilização de uma gramática portuguesa:

“Quando entrei neste Reino, e vi a quantidade de Cartapácios e Artes que eram necessárias para estudar sòmente a Gramática, fiquei pasmado (...) Sei, que em outras partes onde se explica a Gramática de Manuel Álvares, também lhe acrescentam um livrinho; mas tanto como em Portugal, nunca vi. (...) E parece-lhe a V. P. pouca matéria de admiração, quando tudo aquilo se pode compreender em um livrinho em 12º e não mui grande? Depois disso, ouvi dizer que oucupam seis e sete anos estudando Gramática, e que a maior parte destes discípulos, depois de todo esse tempo, não era capaz de explicar por si só as mais fáceis cartas de Cícero.”⁵⁸

Estendemo-nos um pouco nesta questão com o intuito de reflectir sobre a dimensão e amplitude que a obra de Manuel Álvares teve no espaço educacional português, incidindo nas opiniões dos dois autores.

A posição de Ameno não deixa de suscitar a nossa curiosidade, pois a gramática do jesuíta desencadeou críticas acérrimas e a sua utilização foi proibida no ensino, bem como a de todos os comentadores do jesuíta que operaram significativas alterações na Gramática.⁵⁹

O autor de *Escola Nova*, para sustentar a eficácia do método que propõe e comprovar a simplificação que operou no ensino da leitura, estabelece um paralelismo com a Gramática do jesuíta e alerta que, à semelhança do que sucedera com aquela Gramática, também o método que defende concorre para uma aprendizagem eficaz, na

⁵⁷ Luís António Verney, *Op. Cit*, p., 25.

⁵⁸ *Op. Cit*, pp. 135-138.

⁵⁹ Cf. Rómulo de Carvalho, *História do ensino em Portugal*, Lisboa, 1996, pp.431-432.

medida em que constitui uma simplificação do processo ensino/aprendizagem, quer ao nível da leitura quer ao nível da escrita. Como já verificámos, esta questão é discutível, pois a Gramática não recebeu um bom acolhimento da parte de todos.

Posto isto, e consciente que as dificuldades na leitura são provocadas por uma má pronúncia e por uma soletração inadequada, o autor propõe três modos de soletrar as letras para formar as sílabas e tece considerações acerca da eficácia dos mesmos.

O primeiro consiste em pronunciar o determinante artigo indefinido “hum” antes de cada letra que constitui a palavra, e exemplifica – “para soletrar o nome bondade, dizem hum b, hum o, hum n” e assim sucessivamente.

O segundo modo que sugere é o mais usado pelos mestres na escolas e consiste em soletrar, individualmente, cada letra que constitui a palavra até formar as sílabas que a compõem, assim – “b, o, n, bom, d, a, da, d, e, de, bondade”. Este processo é mais eficaz do que anterior, se aplicado devidamente, pois faz com que o menino pronuncie cada letra *per si*, à medida que esta vai sendo assinalada pelo ponteiro.

Todavia, o terceiro método proposto pelo autor é considerado o melhor e é também o que vigorava noutros países, como Espanha, França e Itália e consiste na soletração de todas as sílabas que formam a palavra.

Percorridas as fases mencionadas e experimentados os métodos que foram aconselhados neste capítulo, o aluno prossegue a sua aprendizagem, através de cartas de sílabas, pois Ameno estava ciente que “toda a Escritura [era feita] de nomes, pronomes, verbos, conjunções, e advérbios, e todos estes de syllabas.”⁶⁰ E apresenta trinta e duas cartas de sílabas, terminando com uma de nomes.

Quando o aluno for capaz de reconhecer as letras e sílabas que constam na carta de nomes e as conseguir ler sequenciada ou alternadamente, pode aperfeiçoar-se, contactando com outras cartas de leitura, com boa letra e formadas por sílabas e palavras distintas. Se estas advertências forem seguidas atentamente pelos professores e praticadas pelos alunos, estes poderão aprender em pouco tempo, o que não aprenderiam em anos.

O método utilizado por Ameno é considerado eficaz, dado que “em menos de trinta dias”⁶¹ os discípulos ficam aptos para a leitura e é, posteriormente, retomado e aperfeiçoado em 1876 por João de Deus na sua *Cartilha Maternal*.

⁶⁰ Luís Ameno *Op. Cit.* p.43. De modo análogo, também Manuel de Andrade Figueiredo considerava que “o saber ler não só consiste no conhecimento das letras como também na composição das sílabas com que se formam os nomes, pronomes, verbos, conjunções e advérbios.” Cf. Manuel de Andrade Figueiredo, *Nova Escola [...]*, p.18.

⁶¹ Luís Ameno *Op. Cit.* p.45.

Existem, no decorrer deste capítulo, muitas reflexões de carácter didáctico que estão relacionadas com uma visão mais inovadora dos métodos educativos e do sistema de ensino e visam uma maior simplificação e eficácia no processo ensino/aprendizagem.

O autor de *Escola Nova* não se limita a propor uma metodologia, como também a exemplifica na sua obra didáctica e recorre à sua experiência de mestre para reiterar a sua pertinência. Para ele, o acto de aprender não deve ser entendido como um sacrifício, ou um exercício entediante, mas antes como uma tarefa agradável e de extrema importância. Tal é bem evidente na parte do manual destinada ao “Methodo facil para aprender a lêr”, na qual deixa transparecer uma intenção marcadamente utilitarista. Considera que o acto de aprender deve ser cada vez mais aliciante e, para tal, há que pugnar pela sua simplificação, para que se torne agradável, fácil e mais atractivo, como comprovam os vocábulos – «agilidade», «facil», «necessario», «descanso», «brevidade», «utilidade» – que povoam este capítulo e constituem o seu *leitmotiv*.

As formas «facil» e «facilmente» apresentam três ocorrências, num texto de curta extensão, a par de «utilidade» que ocorre três vezes.

O adjectivo «breve» surge, igualmente, com alguma frequência, a par de outras formas: «brevidade», «breves dias» e «pouco tempo» que concorrem para o reforço da eficácia e rapidez do método proposto.

A reiterar ainda este desejo de simplificação do método, deparamo-nos com o advérbio de quantidade «pouco», com duas ocorrências, sendo estas «pouco tempo» e «poucos meses».

Todas as formas anotadas indiciam uma visão funcional do ensino e remetem para uma viragem a nível didáctico que se reflecte na adopção de novas metodologias na transmissão dos conteúdos ministrados, com o objectivo de, como já referimos, simplificar a tarefa dos mestres e concorrer para a progressão intelectual e cultural dos alunos.

Após vinte e nove páginas destinadas ao ensino da leitura, impõe-se uma outra etapa, a da escrita. Tal como a arte de ler, também a arte de escrever tem os seus preceitos. Esta é a razão por que o autor considera pertinente tecer algumas considerações que em muito podem contribuir para o domínio da escrita e para prevenir determinadas vicissitudes.

3.2.6. Regras gerais para aprender a escrever

A primeira regra contemplada neste capítulo diz respeito à postura do corpo, inclui considerações variadas sobre a colocação correcta dos seus membros – braços, cotovelos e cabeça – e chama a atenção para a necessidade de, logo nas primeiras aulas, se habituar o aluno a pegar na pena e no ponteiro correctamente. Mas não é só ao aluno que ao autor se dirige. Também alerta o Mestre para a importância que a sua presença exerce, nesta fase inicial de aprendizagem, uma vez que pode acautelar vícios variados, nomeadamente uma postura de corpo incorrecta, a má utilização da pena, no sentido de evitar “defeitos contrários à compostura do corpo, e à perfeição da escrita”.⁶²

Fazem ainda parte deste capítulo considerações acerca do “Modo como se deve pegar na penna”; como se deve “Formar as letras”; “Dos instrumentos para escrever”; “Como se deve aparar a penna”; e o “Modo de fazer a tinta para escrever”, nas quais o autor sugere alguns cuidados e faculta instruções.

Ameno revela ser um exímio conhecedor, dotado de extremo zelo e paciência nesta arte, como se pode verificar pelos conselhos que faculta, quando se refere ao modo de fazer tinta com cores diferentes. Este processo é moroso e requer especiais cuidados, possivelmente por ser uma actividade complexa e que exige da parte do aluno uma destreza que, nesta idade, ainda não possui. Talvez seja mesmo este o motivo por que o autor dirige advertências explícitas ao mestre, consciente do grau de dificuldade que é inerente a esta tarefa de preparação das tintas.

É necessário, por isso, logo na tenra idade, a atenção especial do mestre que em muito pode contribuir para um progressivo domínio da escrita e, consequentemente, para o seu aperfeiçoamento.

Posto isto, a obra prossegue com uma parte relativa às “Regras de Orthografia da Lingua Portuguesa”, na qual se dá uma definição de ortografia, se referem as letras que constituem o alfabeto, se classificam as consoantes em “mudas”, “semivogaes”, “líquidas” e “dobradas”. Integrado neste capítulo, estão os subcapítulos – “ Da pronunciação de algumas letras”; “ Da divisaõ das dicçoens y syllabas no fim da regra”; “O que deseja observar, o que deseja escrever certo”; “Dos accentos” e “Da pontuaçaõ”.

Relativamente a esta parte do manual escolar, optámos por fazer uma análise mais exhaustiva no capítulo da nossa dissertação dedicado à análise linguística.

Após as “Regras de Orthografia da Lingua Portuguesa”, as catorze páginas que se seguem são dedicadas à “Instrucçam para aprender a contar” e inicia com uma definição

⁶² *Op. Cit.*, p.72.

de Aritmética, entendida como a “sciencia que trata dos números”. Na verdade, é sobretudo de algarismos, números e operações que trata este capítulo.

O aluno, logo que aprenda a contar e a distinguir as unidades, as dezenas, as centenas e os milhares, aprenderá a efectuar as operações de adição, subtracção, multiplicação e divisão. Cada uma destas operações aritméticas é acompanhada de explicações pormenorizadas que incluem a enunciação das respectivas regras, exemplos e provas, sempre acompanhadas de sugestões práticas relativas ao ensino.

Para tal, o pedagogo explica, através de uma linguagem acessível, como sucede ao longo do manual, qual a funcionalidade e importância de cada uma destas quatro operações. Assim, refere que a soma consiste em “juntar diversas quantidades de huma especie em huma soma, para saber o valor de todas”⁶³; em relação à subtracção diz: “Diminuir, he tirar de huma quantidade maior outra menor, para saber a differença”⁶⁴; quanto à multiplicação explica que “Multiplicar hum numero por outro, he buscar hum terceiro numero, que contenha tantas vezes ao que se ha-de multiplicar, quantas o multipluicador contem de unidades”.⁶⁵

No que diz respeito a esta última operação, o autor adverte para a importância da tabuada, defendendo mesmo a fixação desta operação através do recurso à memória. O domínio da tabuada é fundamental, já que permite efectuar operações com poucos ou muitos algarismos.

A última operação a ser referenciada pelo autor é a divisão, que consiste em “Partir hum numero por outro, he buscar hum terceiro numero, que tenha em si tantas vezes a unidade, quantas o numero que se parte, inclue ao outro por quem se parte.”⁶⁶

O autor revela, nas várias advertências, o pedagogo que é, atento em relação à componente prática e com uma acentuada preocupação em fornecer aos alunos as noções essenciais que lhes permitem aplicar-se no comércio e também aprofundar os conhecimentos nesta área. Por isso, reforça o carácter prático da disciplina, com grande importância no uso comum, e entende que, para além do domínio das quatro operações, deve ser ainda da competência do aluno saber reconhecer e identificar as unidades de peso e medida.

A obra termina com um “Compendio de Geografia”, no qual se dá uma definição de Geografia, se referem quatro dos continentes existentes no globo terrestre – Europa, Ásia, África, e América – e se faz a exaltação da Europa, considerada como a parte da

⁶³ *Op.Cit.*,p.100.

⁶⁴ *Op.Cit.*,p.101.

⁶⁵ *Op.Cit.*, p.103.

⁶⁶ *Op.Cit.*, p.107.

“terra mais celebrada”, quer pelos “bons costumes de seus habitantes, e polícias de seu governo; como pelas suas leis tão sabias.”⁶⁷

A lição I alude aos estados principais que constituem a Europa – sendo estes as Ilhas Britânicas, a Escócia, a Irlanda, a Dinamarca, a Noruega, a Suécia, a Moscovia, a Polónia, a Prússia, a Hungria, a Bohemia, a Alemanha, a Suíça, a Espanha, Portugal, a França, os Países Baixos, os Países Baixos Austriacos, Saboya e Itália – e às capitais de cada estado.

Nas lições seguintes, cada estado vai ser estudado isoladamente, tendo em conta a sua divisão, a sua extensão, as principais províncias de cada reino, os principais rios e cidades e a religião dominante.

No que concerne ao continente Asiático, procede-se à sua divisão em: “Ásia Septentrional e Meridional”. Da Ásia Septentrional fazem parte a Turquia, a Sibéria, a Geórgia e a Tartaria; a Ásia Meridional é formada pela Arábia, pela Pérsia, por Mogol, pela Índia e pela China. Cada um destes países é tratado na obra, ao longo de diversas lições.

Os restantes continentes, a África e a América, são também estudados. Analisa-se a sua extensão, as principais ilhas que deles fazem parte e as principais províncias. A obra termina com um breve resumo geográfico, no qual se indicam os principais reinos e as cidades capitais de cada continente, se alude à divisão particular da Inglaterra e aos títulos dos principais soberanos do mundo.

Dado que a *Escola Nova* é um manual destinado ao ensino das primeiras letras, a ortografia constitui um componente absolutamente essencial e a sua análise torna-se incontornável. Além disso, esta obra surge no momento em que começa a haver um esforço de uniformização das soluções ortográficas, ao qual o nosso autor não foi alheio, pois, sendo Ameno um tipógrafo, justifica-se esta sua especial responsabilidade no investimento ortográfico e nas reflexões lexicais.

⁶⁷ *Op. Cit.*, p.107.

4. Aspectos linguísticos

Importância do *corpus* para o estudo da língua

O trânsito didático desta obra torna-a particularmente interessante como testemunho da história do ensino da língua e como factor de influência metalinguística no seu tempo. A sua lição deve ter-se repercutido sobretudo no processo de estabilização dos procedimentos ortográficos.

4.1. Ortografia

4.1.1. Grupos consonânticos latinos

A *Escola Nova* lecciona um modelo ortográfico latinizante com a recuperação da escrita etimológica, como se pode verificar pela utilização dos grupos consonânticos seguintes:

Grupo <ct>

Affecto; conjuncto; dicto; distincta(s); distinctamente; fructo(s); producto(s); protector; victoria.

Grupo <ch>

Archipelago; archiepiscopal; archieduque; Christo; Christaõ(s); Christã; christianismo; Christovao; chimera; monarcha; sepulchro; monarchia(s); chaldeos e Zurich.

Grupo <gm>

Apenas ocorrem duas formas que se grafam <gm>, sendo estas – aumenta e a respectiva forma no gerúndio – augmentando.

Grupo <gn>

Persigne-se; magnificencia; signal; signaes; digna; repugnante; dignidade; digna; indigna(s); ignorancia; ignorante(s); repugnancia; dignissimo; significaraõ; magnete; Magno; magnificas; magnanimidade; benignidade.

Grupo <mn>

Columna(s); condemnado; alumno; solemnes.

Grupo <ph>

Philosophia; Sophia; Nipón; Philipolis.

Grupo <pt>

Baptista; baptismo; septimo(a); escripto(as); redemptor; prompto; promptamente; septentriaõ; septentrional; septentronaes.

Grupo <mpt>

Redemptor; prompto(a); promptamente; lempta.

Grupo <rh>

Rethorica; Rheno; Rhodano; Rhodes; Derhene; Durham.

Grupo <th>

O fonema oclusivo linguodental surdo /t/ surge representado graficamente por <t> simples e composto. O duplo t é bastante produtivo: accometter; appetite; atenção; attender; attendendo; emite; commettem; commettemos; promette; mette(r); metterà; mettendo; fraquette; fraquetta; permette; primitivas; promettemos; sette.

Não menos produtiva é a forma <th>: Athlantino; Athenas; author(es); autoridade; arithmetica; Balthasar; Bethune; Bothinhas; Carthagenas; Carinthia; cathecismo; catholica; catholicos; Corintho; Ethipoia; Isthmo; Lithuania; Lutherana; Lutheranos; Matheus; Martha; Nazareth; Thessalia; Thessalonica; Thebas; Thomar; Thomas; Thomasia; Thomé; methodo; theologaes; thesouro; thezoura; orthografia; orthodoxa; parenthesis; Pathomos.

4.1.2. Grafemas consonânticos

Entre os restantes grafemas consonânticos damos especial destaque aos que no seu uso se distanciam da norma ortográfica actual:

Fonema oclusivo bilabial sonoro /b/ e <bb>

O fonema oclusivo bilabial sonoro /b/ é representado na *Escola Nova*, à semelhança do que acontece actualmente, por quer em início quer em interior de forma. Há, todavia, quatro vocábulos em que o fonema é grafado por <bb>: abbade; abbrevaituras, abbreviar e abbadia(s).

<c>, <q>, <k>, <cc> e <ch>

O fonema oclusivo velar surdo /k/ surge representado pelos grafemas c, cc, q, k, e ainda por ch.

O grafema <c> é usado antes das vogais a, o, e, u. Já o grafema <q> surge sempre com *u* posposto. Existe, no entanto, um caso de grafia *qn* – ciquateo (p.207).

O uso do símbolo K ocorre, geralmente, na transcrição de topónimos estrangeiros. Surgem representados com <k>:

a) em início de forma – Kamalucos, que coocorre com Kalmucos, Koubunos; Kian; Kameschatka, que coocorre com Kamischatha; Kabrata; Kepulsa; Kendal; Ken; Kent; Kenner; Kensi; Kiahn; Kirman; Kicaw; Kersey; Konisberg; Kyrios; Kecio.

b) em interior de forma – Pikin que coocorre com Pekin; Peke, Oakban; Tokai; Taikosama; Roskil; Duckingham, que coocorre com Buckingham; e também Valkembourg; Ostiakos; Usbekos; Diarbenkin; Turkestan; Samarkand; Makeran; Nankin; Chekian; Pekeli; Fokien; Salomiki; Gerkesi; Xikeko; Carapalpaks.

c) em final de forma – Quebec; Pembroke; Suffolok; Berck; Warwinck; Calemback; Crapack; Munick; York, que coocorre com Yorc; Norfolk; Brunswick; Mark; Lubeck; Diarbeck; Terkey; Bark; Tergowisck; Jaick.

Aparecem grafados com <cc> os seguintes vocábulos: accidentes; accrescenta(r); accrescentarmos; accrescento; acelerar; accelaradamente; accometer; accusativo; accuzado; bocca(s); ecclesiaticas (com duas ocorrências), que coocorre com eclesiaticas

(com quatro ocorrências); ecclesiasticos; occupo; occupaõ; occupe(m); occulto; occultassem; ocasionar; occidente; occidental; occorreo; peccar; peccaõ; peccado(s); peccador(es); secca(r); succede; succinto; successor.

Grupo <ff>

O fonema fricativo labiodental surdo /f/ tem representação gráfica através de f, ff e ph. Grafam-se com duplo f – affecto; affastados; affligir; differente; offerecida; officina; soffrer; soffrido; offender; offendido; offendas; offererce(r); offerecerá; effeito(s); offertorio; soffrestes; offusque; ineffavel.

Como já verificámos, existem também alguns vocábulos que se grafam com ph. Trata-se de topónimos estrangeiros: Niphon; Philipolis; Phililepevílli; Westphalia; Sophia e Zutphen. Neste aspecto o autor propõe uma simplificação da grafia, considerando “que os nomes Gregos, que se escrevem com ph,”⁶⁸ devem simplificar-se em f, apropriando-os à Língua Portuguesa.

Fonema oclusivo velar sonoro /g/

Quanto à representação do fonema oclusivo velar sonoro /g/ utiliza-se, em *Escola Nova*, a grafia g antes das vogais – a, o, e u. Como explica o autor na parte alusiva à “pronunciação de algumas letras”:

“Antes de a, o, u, com a sua propria pronuncia: v.g. Gato, gota, gula; e antes de e, e i, com a sua impropria: v.g. gente, gigante; e para que esta impropria seja propria, se lhe pospoem o u, liquido: v.g. guerra, guita.”⁶⁹

Assim, à semelhança do que sucede actualmente, o g procedido de e ou de i tem o valor da palatal sonora [g]: Genebra, passagens, gigante, dirigida.

Noutro contexto, e quando seguido da vogal velar u, apresenta o dígrafo gu, como se pode verificar pelos exemplos: guerra e guita.

Para além das situações já mencionadas, o fonema oclusivo velar sonoro ocorre ainda em início de forma na grafia de gloria, grande, gregos, grega e grãos. Registam-se apenas duas diferenças entre as formas usadas por Ameno no seu manual escolar e as que empregamos hoje em dia, sendo estas: signal e aggravo, com uma e cinco ocorrências, respectivamente.

⁶⁸Cf Luís Ameno, *Escola Nova*, p.91.

⁶⁹*Op. Cit.*, p. 84.

Símbolo <h>

O **h** é um símbolo etimológico, ou seja, está presente em palavras cujo étimo latino já o possuía. Nesta situação, e em início de forma, deparamo-nos com vários vocábulos que, actualmente, continuam a escrever-se com este grafema: hóstia; hábil; habita; hastes; habitou; heresias; humano; humanidade; homem; honestos; hoje; hora; honra e ainda em formas do verbo haver – hei, ha, ha-de, haõ e havia.

Surge ainda na representação de formas correspondentes a determinantes artigos indefinidos – hum, huma, huns e humas.

Aparece também na forma representativa da terceira pessoa do singular do verbo ser, no presente do indicativo – he e ainda no gerúndio do verbo haver – hindo, com uma única ocorrência.

Ocorre em posição interior, entre grafemas vocálicos, para marcar o hiato, como sucede em – cahir e sahir e, para além destas formas no infinitivo, surgem ainda outras formas da conjugação destes verbos: sahe (forma representativa da terceira pessoa do singular do verbo sair, no presente do indicativo); sahirá (forma representativa da terceira pessoa do singular do verbo sair, no futuro do indicativo); sahiraõ (forma representativa da terceira pessoa do plural do verbo sair, no futuro do indicativo).

Em posição interior a ocorrência de *h* verifica-se também nas formas de memória etimológica grega, associada a *c*, nomeadamente, em christã, christaõ, como já tivemos oportunidade de explicar, e ainda a *t* em methodo, rethorica, entre outros exemplos, que oportunamente abordaremos.

Para além destes exemplos é ainda de salientar alguns casos em que se regista a sua ocorrência depois do prefixo “des” – deshonesto, deshonestos e deshonestamente.

Fonema lateral alveolar sonoro /l/

O fonema lateral alveolar sonoro /l/ surge representado na *Escola Nova* através de <l> e <ll>, a consoante dupla ocorre apenas em posição medial e é de natureza etimológica:

alla – Falla(r); fallando; juntallas; Tassalla;

alle –Allega; cavalleiros; fallemos; valles; Galles;

alli – Alliada; Galliza; Balliages; Callioubec;

allo – Arevallo; vassallos; mudallo;
 ella – Ella(s); della(s); nella(s); aquella; janella; Brusselas; Castella; Estella;
 Rochella; Ribadesella; Compostella; bella(s); cautella;
 elle – Elle(s); delle(s); aquelle; àquelles; accellerar; nelle; Chatelleraut; Vercelle;
 Belley; Mellecran;
 elli – Intelligivel, intelligencia;
 ello – Appello; bello; Barcellos; Castella; castello; libello; cotovellos; cabelo;
 marmellos; pello; martéllo;
 illa – Villa(s); Chincilla; Villajoiosa; Lilla; Brilla; Villamaior; Povilla;
 ylla – Syllabas; monosyllabo;
 illi – Humillimo; facillimo; illicito; Damvillier;
 illu – Illustre; Aurilluc;
 olla – Colla; collado; escolla(s); Hollanda; hollandez(eses);
 olle – Folle; collegiadas;
 ollo – Collocar.

No caso de ênclise, com os pronomes pessoais o/os e a/as, na forma “lo”e “la(s)”, nas formas verbais em que ocorre, está, actualmente, sempre separado da forma verbal por hífen na ligação base.

Neste manual, porém, encontram-se apenas duas formas em que o pronome aparece aglutinado com a forma verbal, apresentando duplo *l*: juntallas e mudallo, com um ocorrência, respectivamente. Estes são os únicos casos em que o autor justapõe o pronome átono à forma verbal, sem qualquer sinalização de hífen.

Fonema oclusivo bilabial sonoro nasal /m/

O fonema oclusivo bilabial sonoro nasal /m/ surge representado pelo grafema <m> simples ou composto, apresentando este último um número considerável de ocorrências: communica; communicaçãõ; communhaõ; communga(r); commettidos; comemtttem; commettemos; commedidos; commua; commummente; commutar; commercio; grammatica; grammatical; immortal; immensos; immediato; immediatas; summo; summamente.

Fonema oclusivo alveolar sonoro nasal /n/ e /nn/

À semelhança do que sucede no exemplo anterior, também o fonema oclusivo alveolar sonoro nasal é representado graficamente em *Escola Nova* por <n> ou <nn>. Ocorre na forma geminada em: Anna; anno; annal; Annis; annexos; annular; Guinnee; innocente; innovar; Jannina; Marenne; penna; Rennes; Valenciennes; Vianna; Vienna.

Fonema oclusivo bilabial surdo /p/

O fonema oclusivo bilabial surdo /p/ apresenta-se frequentemente grafado em <pp>: appello; appetite; aparece; aplicar; applicarem; aplicação; opprimido/a; suppor; supposto; suplemento; mappa; oponho; Filippe; Fillippinas.

Vibrante simples e múltipla

R duplo

No que respeita à vibrante não há muito a acrescentar, uma vez que se verifica a observância das regras que actualmente vigoram no Português padrão. Citamos alguns exemplos: arriscar; corrompendo; concorrem; corrompemos; corruptas; corrompaõ; corrupçoens; concorrendo; correspondendo; correspondiaõ; guerra; terra; irracional; incorruptos; carregamos; jarro.

Não existem casos de vibrante múltipla em início ou final de palavra, como adverte o autor:

“Adverti porém, que nem no principio, nem no fim da dicção dobrareis a letra, escrevendo llança, rramo, por lança, ramo; e fezz, mezz; por fez, mez; e depois da consoante, escrevendo honrra, por honra.”⁷⁰

Fonema fricativo ápico-alveolar surdo <s, c, ç, ss e sc>

O fonema fricativo ápico-alveolar surdo [s] surge, por via da regra, representado por -ss-: passos; assim; isso; vosso; purissima, entre outros exemplos.

Já a realização gráfica da fricativa palatal sonora [z] flutua entre -s- e -z-, nos seguintes exemplos: casa/caza; cousa/couza; visinho/vizinho, com apenas uma ocorrência; causa/cauza, com quatro e duas ocorrências, respectivamente; dezoito/

⁷⁰ Ameno, *Op. Cit.*, p.88.

desoito, com seis e uma ocorrência. Nesta oscilação gráfica entre *s* e *z* em posição medial vocálica, o uso alternado dos grafemas corresponde a uma mesma actualização fónica.

O símbolo *z* ocorre no manual setecentista em lexemas onde actualmente se escreve *s*: *dezejarás*; *cortezia*; *meza*; *peza*; *pezada*; *pezos*; *escuzado*; *pozesse*; *improvizo*; *vizitar* e *Luiz*.

Grafam-se igualmente com *z* alguns nomes terminados em *-es* (ês): *holandezes*; *francezes*; *portuguezes* e *inglezes*.

O símbolo *ç* surge com valor de [s], em posição inicial: *descanço* e *çumo*, com uma ocorrência. Verifica-se ainda a existência de lexemas cuja grafia oscila apenas entre *s* e *ç*, como é o caso de *esperansa/esperança*, com uma e seis ocorrências, respectivamente. No entanto, à excepção destes exemplos, o autor diferencia o uso de *s* e *ç*, como demonstra na explicação que nos apresenta:

“A letra *c*, antes de *e*, e *i*, se pronuncia como *s*: v.g. *cerco*, *circulo*; porém antes de *a*, *o*, *u*, se pronunciará como *q*: v.g. *capa*, *copo*, *cubo*; e se applicarem deste modo *ç*, se pronunciará como *s*: v.g. *graça*, *moço*, *çumo*.”⁷¹

Com efeito, *çumo* é o único exemplo em que *ç* surge em posição inicial. Os restantes casos de grafia de *c* e de *ç* obedecem às regras explicitadas pelo autor. Regista-se apenas um único exemplo da flutuação entre *ç* e *c*: *jurisdicçoens* (com três ocorrências) e *jurisdiçoens* (com uma ocorrência).

A grafia <*sc*> é usada num contexto que hoje não se constata – *sicencia* (com quatro ocorrências) e *sciencias* (com três ocorrências).

O fonema oclusivo linguodental surdo /t/

O fonema oclusivo linguodental surdo /t/ surge graficamente representado por <*t*> simples ou duplo e ainda por <*th*>. O *t* duplo tem ocorrência abundante, mas exclusivamente em contexto medial intervocálico, como podemos verificar nas formas a seguir apresentadas: *accometter*; *atzenção*; *attender*; *attendendo*; *appettite*; *commettidas*; *commettem*; *commettemos*; *emitte*; *fraquette*; *fraquetta*; *mette(r)*; *mettendo*; *permitte*; *primittivas*; *promettemos*; *promette* e *sette*.

⁷¹*Op. Cit.*, p.83.

O **th** está presente em:

- a) Substantivos – *autores; autoridade; arithemetica; catholica; catholicos; cathecismo; cithara; orthografia; orthodoxa; parenthesis; methodo; thesouro; thezoura; theologaes; atlantico* (com duas ocorrências) que flutua entre a forma *atlantico* (com uma ocorrência);
- b) Antropónimos – *Matheus; Thomasia; Thomé; Balthasar;*
- c) Topónimos – *Athenas; Bethune; Bothinhas; Cathão; Corinθο; Carthagena; Dronthem; Ethiopia; Ethna; Lithuania; Thebas; Thomar; Thierry; Menthould; Thionville; Pithivier; Monthrison; Thessalica; Thessalonica; Nith; Kamischatta; Pathomos; Forth; Isthmo; Nazareth; Theset.*

Símbolos <v> e <u>

Na transcrição do fonema fricativo labiodental sonoro /v/ recorre-se sempre ao grafema *v*. Na verdade, o autor distingue as letras ramistas, usando sempre *v* e *V* com valor consonântico e *u* e *U* com valor vocálico.

4.1.3. Variação gráfica dos ditongos nasais

A variação gráfica dos ditongos nasais é uma questão antiga que reporta ao século XVI; porém, ainda no século XVIII continua a ser debatida pelos gramáticos.

Em *Escola Nova* uma das escolhas mais frequente é a utilização da grafia com til. Assim, a grafia para o ditongo nasal [ã̃ ã̃] varia em –ão e em –ãõ. O til recai ora na primeira, ora na segunda letra da sequência ditongal.

Nota-se, no entanto, que é mais recorrente o uso do til na segunda letra, como podemos verificar através dos exemplos apresentados.

Ditongo [ã ẽ] representado em –aõ:

Amaõ; bençaõ; peccaõ; chamaõ; naõ; maõ; entaõ; devoçaõ; coraçãõ; multidaõ; porçaõ; dissimulaçaõ; opiniaõ; communicaçaõ; communhaõ; confissaõ; confuzaõ; tentaçaõ; confissaõ; ladraõ; disposiçaõ; taõ; execuçaõ; obrigaçaõ; extirpaçaõ; razaõ; atençaõ; recreaçaõ; conversaçaõ; atençaõ; submissaõ; paixaõ; intercessaõ; explicaçaõ; contriçaõ.

Também está presente nos antropónimos – Adaõ, Joaõ e Conceiçaõ.

Ameno prefere a grafia –aõ para representar [ã ẽ], mesmo nas formas verbais: estejaõ; estavaõ; estaõ; sejaõ; offereçaõ; mandaõ; criaõ; viraõ; vejaõ; vestiraõ; acharaõ; digaõ; terminaõ; encheraõ; restaõ; ficaõ; digaõ; conquistáraõ; mandáraõ; ensináraõ e apoderáraõ.

Ditongo [ã ẽ] representado em –ão:

Mão(s); infuzão; grãos; irmão; Grão; pão; educação; são; vão; pagãos.

As formas verbais que têm esta representação são mais escassas. Verificam-se apenas três exemplos: edificarão, vão e são.

Ditongos grafados alternadamente em –ão e – aõ:

Christão/ christaõ; oraçaõ/ oraçaõ e instrucçaõ/ instrucçaõ.

Ditongos grafados alternadamente em –oens; –ões~e –oëns:

No que respeita ao ditongo [õĩs] Ameno escreve, geralmente, –oens. Existem, todavia, casos em que o autor opta por representar o ditongo [õĩs] por –ões, como vigora actualmente, ou recorrendo à grafia –oëns. Neste caso, o til recai sobre o segundo e, aqui representado com trema.

Ditongo [õĩs] representado por –oens:

Oraçoens; recreaçoens; acçoens; divisoens; preposiçoens; devoçoens; observaçoens; corrupçoens; especulaçoens; correiçoens; especulaçoens; eleiçoens; jurisdicçoens; regioens; relegioens; revoluçoens; subdelegaçoens; perfeiçoens; conjunçoens; obrigaçoens; perfeiçoens; digressoens e razoens;

Ditongo [õĩs] representado por–ões:

Dicções; fanões e Grisões.

A representação do ditongo [õĩs] em oões é menos produtiva: ladroões e lições.

Existem ainda vocábulos que flutuam entre a grafia – oens e oões: cantoens/cantoões; dicçoens/dicçoões; naçoens/nacoões; oraçoens/oraçoões; tostoens/tostoões; religioens/religioões; perdoens/perdoões.

Grafia para o glide [j]

Nos ditongos nasais a semivogal é representada por <i> nos vocábulos – mãe e vai. Existem ainda outras representações para o ditongo nasal decrescente: capitaens; pães; volcões; cães; Magalhaens/Magalhães.

Como já referimos, não encontramos neste texto exemplos de flutuação de género, nem de duplicação de vogal, uma vez que, segundo o autor, esta prática caiu em desuso.

Assim, na parte alusiva à “duplicação das letras na dicção”, Ameno tece algumas considerações sobre a duplicação da vogal a em –ãa e explica os motivos que justificam a ausência deste fenómeno:

“Muitas: e as dobravaõ antigamente, o que se observava nas que tinhaõ letra consoante entre dois aa, ee, ie, oa, oo, tirando a: v.g. saarar, de sanere, geerar, de generare; preegar, de praedicare; fee, de fides; moo, de mole; soo, de solus: o que tambem praticavaõ em muitas Latinas, e Castelhanas, que acabaõ em ana, a que tiravaõ o n: v.g. lãa, de lana, irmãa, de hermana; e nos femininos, cujos masculinos acabavaõ em ao v.g. paa, de pao, maa, de mao, respeitando á origem, e linguas visinhas. Hoje, que amamos a brevidade, não está em uso dobrar a vogal.”⁷²

⁷² Ameno, *Op. Cit.*, p.85.

4.1.4. Variação gráfica dos ditongos orais

Variação entre *e* e *i*

(Grafema para para o glide do ditongo decrescente)

–**aes**: O *e* ocorre, concomitantemente, na terminação do plural de substantivos e de adjectivos, cujo singular termina em -al: animaes; actuaes; theologiaes; episcopaes; corporaes; quintaes; semivogaes; irracionaes; reaes; vinhaes; mongaes; orientaes; archiepicopaes; principaes; cardeaes; desiguaes; geraes; iguaes; mortaes; imperiaes; septentrionaes; meridionaes; signaes; mineraes; temporaes e reaes.

Nos ditongos orais a seguir apresentados, representa-se a semivogal por <i>:

–**ai**: vaidades; vai; rogai; rainha; pai; paixaõ; debaixo; sejais; mais.

–**ei**: Figueira; verdadeira; preceitos; ponteiro; feito; terceiro; madeira; meio; deixem; direito; direitas; leitura; aproveita; peito; tinteiros; peneiras; queira; seis; dizeis; dividirei; arrateis; podeis.

–**oi**: oiro; oito; dois; oito; desoito; oitavas; oitenta; sois; foi; pois; depois.

Representação gráfica dos tritongos: quaes e espirituas.

Alternância entre *i* e *y*

Acerca do uso de *y*, Ameno considera: “O *y*, sómente o usamos em nomes Gregos: v.g. mysterios, lagrymas.”⁷³ Constatamos, todavia, que nem sempre é assim. Na verdade, em *Escola Nova* o *y* é empregue com alguma frequência, geralmente, com o valor de semivogal de um ditongo oral, em posição interior, como se pode verificar em: syllaba(s); monosyllabos; synalefa; em nomes gregos como mysterios e lagrymas; nos topónimos – Acaya; Abyssinia; Babylonia; Bayona; Biscaya; Buyeux; Chiutaya; Capraya; Chypre; Haya; Freysingue; Egypto; Egypcia; Cambaya; Cloyd; Cyro; Syria; Saboya; Lucayonica; Lucayas; Lyons; Marsya; Saboya; Pruyn; Queyan; Syndicos e Troya.

Em início de forma – ypsilon; Yare; Yedo; Yuunan; Yorc eYork.

E em posição final: Anglesey; Belley; Bugey; Cambray; Canterbury; dey; foy; Bernay; Gray Dely; Derby; Douay; Caya; Espernay; Saulonoy; Saray; Surrey; Medway;

⁷³ *Op. Cit.*, p.84.

Montgomery; Oby; Pay; Paraguay; Quingey; Rocroy; Salisbury; Spey; Thoisey; Kersey; Terkey; Tivy; Tomskoy; Tuy; Uruguay; Valromey; Vezelay.

Grafema para semivogal velar do ditongo decrescente

a) Depois de *e*, em formas nominais como Deos; ceo; chapeo; Pirineos; judeos; europeos; véo; Bordeos; Vizeo.

Nota: A terminação –eo representa nas palavras – ceo; chapeo; Pirineos; Bordeos – o actual ditongo fechado [ew] e não o ditongo aberto [ɛw] que corresponde à actual grafia de céu, chapéu, Pirinéus e Bordéus.

Para a grafia da semivogal velar do ditongo decrescente, Ameno opta sempre pela utilização de *o*:

b) Em formas verbais da segunda conjugação, na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo: desceo; morreo; nasceo; pertenceo; padeceo; pareceo; ocorreio; pertenceo; desceo.

c) Depois de *i*, nos verbos da terceira conjugação, na pessoa, tempo e modos acima referidos: subio; resurgio, pussuio.

d) Utilização do grafema <U>: couzas; açoutes; açoutado.

Anotam-se ainda os casos em que se verifica uma alternância entre oi [oj] e ou [ow]: ouro/oiro e dous/dois.

4.2. Sinais não alfabéticos: acentuação e hifenação

4.2.1. Acentuação

Os sinais diacríticos são elementos gráficos, não alfabéticos, auxiliares da escrita, indicadores da exacta pronúncia da palavra e distinguem-se em: acentos, til, apóstrofo, cedilha, trema e hífen.

Apesar de no manual escolar, *Escola Nova*, os sinais de articulação tonal serem abundantes, nem sempre existe uniformidade nos critérios de utilização.

– A preposição *à* surge, aleatoriamente, marcada pelos acentos grave (*à*) e agudo (*á*). Já a forma plural que *lhe* é correspondente aparece marcada unicamente por acento agudo (*ás*). E se no exemplo referido existe uma oscilação entre o uso dos acentos grave e agudo, no caso de *é* e *è* verificamos apenas uma ocorrência – “*è a razão*” (p.43), nos restantes registos a forma *é* surge sempre marcada por acento agudo.

– Também as formas – *pódem*; *póde*; *póvos*; *grãos*; *fórma*; *sóte* e *sómente* – surgem marcadas por acento. Verificamos ainda a preocupação do autor em estabelecer uma diferenciação entre palavras que são próximas na grafia, nomeadamente, **dá**, do verbo *dar* e **da**, resultante da contracção da preposição *de* com o determinante artigo definido *a*: *da/dá/dà*. Este critério, porém, nem sempre é cumprido com rigor.

– Algumas formas de futuro simples são marcadas por acento: *honrarás*; *jurarás*; *guardarás*; *matarás*; *acharáõ*; *advertiráõ*; *cortaráõ*; *costumaráõ*; *conseguiráõ*; *daráõ*; *ensinaráõ*; *facilitaráõ*; *ficaráõ*; *mandaráõ*; *pertenceráõ* e *poderáõ*.

– O mesmo sucede com algumas formas do pretérito perfeito que contêm acento agudo: *apoderáraõ*; *conquistáraõ*; *formáraõ* e, por vezes, circunflexo – *nascêraõ*.

Surgem ainda assinaladas com acento circunflexo – *porê*m, *Guinê*, *româ*no (com uma apenas uma ocorrência, respectivamente), *tratar-se-á*, possivelmente, de gralhas tipográficas – e ainda *sê*de; *lê*a/*lê*ia; *aldê*as; *premê*a e *mancê*bo.

Til

Como já observámos, o til é um sinal que marca a nasalação e ocorre sobre as vogais *a* – como sucede em *alemã*; *christã*; *Magalhães*; *cães*; *grãos*; *mão*; *pagãos* – e sobre *o*, como se verifica nas formas: *daõ*; *Japaõ*; *naõ*; *usaõ*; *contentaõ-se*; *religiaõ* e *perdaõ* que actualmente se grafam com *ã*.

Verificamos ainda que, algumas vezes, a utilização de til oscila nas mesmas formas entre *ã* e *õ*, como sucede em – *mão*/*maõ* e *christão*/ *christaõ*.

Recai ainda sobre a vogal *i*> *î* – *î*r e *capî*tanias e *u*> *û* – *Perû*, com uma ocorrência, respectivamente.

Contrariamente ao que sucede hoje em dia, o uso do til, no manual setecentista, não recai apenas sobre as vogais *a*, *e* e *o*. Com efeito, noutros vocábulos que comportam este símbolo, mas que grafamos com trema, o til recai sobre a vogal *u*, que regista apenas uma ocorrência em *alguüs*, e sobre *e*: *bemavënturada*; *individualmëte*; *oraçoës*; *liçoës*; *homës*; *bës*; *ordës*; *tostoës*; *ladroës*; *religioës*; *naçoës*; *cantoës*; *têpo* e *têto*.

Como explica o autor, na parte da manual destinada à “pronunciação de algumas letras”, o til é utilizado como sinal marcador da nasalação e “Delle usamos por suplemento do m e n”.⁷⁴

Assistimos ainda a casos em que o til é um indicador do pretérito perfeito do indicativo: *aproveitaraõ*; *viraõ* e *acharaõ*.

Apóstrofo

O apóstrofo (') é um sinal gráfico usado para indicar a supressão de uma letra, geralmente de uma vogal, como explica ao autor:

“Que as dicçoens se apartem do modo, que duas não pareçaõ huma; e concorrendo vogal no fim de huma com vogal no principio da outra dicçaõ, como fazem synalefa, se póde usar de acento virado, ou apostrofe: v.g. d'ouro, d'antes, d'alma.”⁷⁵

Assim, o apóstrofo é utilizado em *Escola Nova* para:

- Indicar a supressão da vogal de uma preposição ou contracção que antecede qualquer denominação, quando o primeiro elemento é um artigo definido: *Joaquim de Thomas d'Aquino* (com uma ocorrência) e *d'agua* (com três ocorrências);
- Assinalar a supressão da vogal final de uma preposição ou de um pronome contraídos com formas pronominais e/ou adjectivas, escritas em caracteres maiúsculos por se referirem a entidades de hierarquia elevada: *filho d'ElRei* (com uma ocorrência).

Ainda relativamente ao uso deste símbolo, verificamos que nem sempre se respeitam as regras, como se pode verificar pelos exemplos – *JA'* (p.75); *A'* (p.130); *dobraõ'*(p.88), com uma ocorrência, respectivamente – porém, interpretamo-los como gralhas tipográficas.

⁷⁴ *Op.Cit.*, p. 84.

⁷⁵ *Op.Cit.*,p.93.

Cedilha

A cedilha é utilizada no manual no mesmo contexto em que se aplica actualmente. Coloca-se debaixo de c (ç), antes das vogais **a**, **o** e **u** para representar o fonema [s], como comprovam as formas: dicçaõ; dicçoens; composiçaõ; proposiçaõ; bservaçoens; veneraçaõ; corrupçoens; pareçaõ; liçaõ; feiçaõ; diferença; fiança; peça; começo; feitiço, entre outras.

Convirá referir que na globalidade da obra o tipo de acentuação utilizada, ou a ausência dela, não suscita grande dificuldade na determinação dos vocábulos, nem do seu valor semântico. Há, no entanto, ocasiões, nomeadamente nos exemplos anteriormente mencionados, em que se cria uma certa confusão, suscitada pela ausência de pontuação. Por exemplo as formas: aproveitaraõ; viraõ e acharaõ, que se encontram no pretérito perfeito, podem ser interpretadas como formas pertencentes ao futuro simples, mas também se verifica a situação inversa. Se atentarmos nas palavras ficarãõ, mandáraõ, pertencerãõ, poderãõ, descontextualizadas, podemos fazê-las corresponder a uma outra referência temporal – pretérito perfeito. Contudo, mediante a sua ocorrência, apercebemo-nos que se encontram no futuro simples.

4.2.2. Hifenação

No que respeita à hifenação, optámos, seguindo o exemplo de Rita Marquilhas, na sua dissertação de mestrado, *O Original de Imprensa e a normalização gráfica no século XVIII*, por reunir os exemplos de hifenação a uma outra categoria destinada aos sinais não alfabéticos, evocando os motivos de Marquilhas:

“O hífen formaliza uma lexia composta, ou casos de ênclise e de mesóclise, de modo que o seu papel na ponte escrita-oralidade tem a ver com os níveis do léxico e da morfo-sintaxe. Por outras palavras: enquanto os sinais de pontuação reforçam, mais ou menos energicamente, a noção de fronteira de palavra, o hífen neutraliza-a, mesmo que relativamente.”⁷⁶

A este propósito pouco há a acrescentar. O autor é, com algumas excepções, coerente na formalização gráfica do hífen:

⁷⁶ Rita Marquilhas, *O Original de Imprensa e a normalização gráfica no século XVIII*, Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1998, p. 129.

a) Marcação de ênclise com hífen:

À exceção das formas já mencionadas – juntallas e mudallo – a maior parte dos casos de ênclise de pronomes átonos apresentam hífen – concedei-me; alegre-me; mostrai--me; ponha-os; contemplando-os; ouvindo-o; tocando-o; mexendo-a; pronunciando-a; concedei-nos; dar-nos; advertir-vos; dar-vos; adoro-vos; virando-se; passe-se; persigne-se; applicar-se; dilatar-se; persuadindo-se; escreva-se, misturem-se; rogai-lhe; concertando-lhe; dê-lhe; cedendo-lhe, entre outros exemplos.

Existem, todavia, alguns exemplos de **marcação de ênclise com fronteira, mas sem hífen: concedei nos** – “(...) concedei nos, piedosissimo Senhor, que todos aquelles que rezamos o seu Santissimo Rozario, sejamos livres de todo o peccado (...)”⁷⁷; **rogo vos** – “Rogo vos, Senhor, por vossa infinita Bondade, e Misericordia, sejais servido de olhar pela vossa Santa Igreja (...)”⁷⁸.

Ainda que escassas vezes, o autor justapõe o pronome átono à forma verbal, mas sem fronteira: **Rogovos**, – “Rogovos, Senhor, por este Santo Sacrificio, nos concedaes perfeito amor vosso, e do proximo (...)”⁷⁹.

b) Marcação de próclise sem hífen:

Exemplo análogo ao da ênclise é o da próclise que aparece formalizada por justaposição, mas sem hífen. Citamos alguns exemplos: me pareceo; me confesso; me peza; me creastes; me ensineis; me ocoreo, me parece; me haveis; se destempera; se pratica; se lembra; se costume; se pega; se facilitar; se formaõ; se ensinem; se mexaõ, se lembrar,

c) Marcação de mesóclise com hífen:

Nas formas de futuro em que há interposição de pronomes nas formas verbais: dar-se-há; dê-se-lhe e ser-lhe-há.

⁷⁷ Ameno, *Op. Cit.*, p.39.

⁷⁸ *Idem Ibidem*, p.40.

⁷⁹ *Op. Cit.*, p 40.

4.3. Pontuação

A última das categorias tratadas neste capítulo, destinado à análise de grafemas não alfabéticos, é a pontuação que ocorre em fronteira de palavra, determina o sentido do texto escrito e presta um enorme contributo à sua leitura. Apesar de a pontuação ter estas características, formal e funcional, encontra-se condicionada por aspectos inerentes à oralidade – pausas determinadas pela entoação, pelo ritmo e pela própria sintaxe. Intentámos, neste trabalho, averiguar, a partir da observância das regras propostas pelo autor, se se verifica o cumprimento das mesmas no manual escolar.

Assim, relativamente ao uso da vírgula (,), verificámos que obedece na maioria das vezes aos critérios estabelecidos pelo autor: “se poem no fim de cada oração, em que se faz sentido imperfeito no que dizemos, mas não sepára, e o que se diz, depende do que vai adiante, até fazer sentido (...) Sempre se poem virgula antes dos relativos (...)”⁸⁰

Com efeito, a vírgula é utilizada por Ameno para anunciar o pronome relativo *que* antes de conjunções, preposições, enumerações, para realçar um sintagma preposicional, para marcar a justaposição assindética de frases ou uma frase encaixada, mesmo desprovida de conjunção, como sucede nas orações gerundivas:

“Supposto que a cifra per si só não vale nada, com tudo junta com outros caracteres lhe aumenta o valor, observando a regra antecedente; porque estando no primeiro lugar dá valor de dezenas ao caracter que se lhe segue: como v.g. 30 vale trinta (...)”⁸¹

Também o uso do ponto e vírgula (;) ocorre em idêntico contexto, precedendo conjunções, preposições e até enumerações, actualmente, marcadas pelo uso de dois pontos.

Relativamente à utilização do ponto final (.) nem sempre obedece aos critérios estipulados pelo autor, uma vez que utiliza este sinal, seguido de maiúscula, em situações em que o sentido da oração não está completamente terminado, contrariando, assim, a sua teoria.

O ponto de interrogação (?) também ocorre em final de oração, como marcador de uma oração interrogativa directa.

No que concerne à utilização do ponto de exclamação (!) e de partênteses () pouco se pode acrescentar, uma vez que estes apenas são empregues com uma função

⁸⁰ Luís Ameno, *Idem*, p.94

⁸¹ *Op.Cit.*, p 100.

metalinguística, exactamente quando o autor reflecte sobre a sua respectiva utilização, exemplificando.

Constatamos, deste modo, que a pontuação utilizada por Ameno é em grande medida determinada pela classe gramatical das palavras – as conjunções são sempre assinaladas por pontuação (vírgula ou ponto e vírgula) e não tanto por questões rítmicas ou entonacionais. Na verdade, o autor revela, na maioria dos casos, uma pontuação bastante presente e atenta, denotando uma preocupação neste domínio.

Emprego de Maiúscula

Por via da regra, o uso de maiúsculas obedece no manual escolar às regras que vigoram hoje em dia. Assim, o autor recorre à utilização de caracteres maiúsculos em:

- a) Início de período;
- b) Antropónimos, entidades religiosas e designações de crenças e actos com elas relacionados – Leonor; Padre; Deos; S. Pedro; S. Paulo; S. Bento; S. Bernardo, S. João; S. Nicolao; Padre Manoel Alvares; Céu; Mãe; Creador; Matrimónio; Comunhão; Penitencia; Baptismo;
- c) Topónimos (nomes de continentes, países, regiões, cidades, vilas, aldeias, praças, portos): Áustria; Hespanha; Portugal; Africa; Equador; Escócia; Guiné; Brazil; Dinamarca; Noruega; Polónia; Lithuania; Prússia; Suécia; Castella; Aragoão; Baviera; Sardenha; Guarda; Granda; Braga; Porto; Guimarens; Barcellos; Valença; Viana; Moncorvo; Bragança; Villa Real; Cedofeita; Ceuta; Tarragona; Lérida; Girona, entre outros;
- d) Etnónimos: Francezes; Inglezes; Dinamarquezes; Holandeses; Portuguezes; Negros; Italianos; Hespanhoes; Austriacos e Romanos;
- e) Nomes dos pontos cardeais e colaterais, quando designam regiões: Norte; Sul; Este; Oeste; Oriente; Occidente; Nordeste.
- f) Nomes que designam altos conceitos religiosos: Religião; Igreja; Caridade; Virtudes; Justiça; Fortaleza; Temperança;

- g) Nomes comuns a que se pretende dar especial destaque: Menino Christão; Filhos; Meza; Livros;
- h) Nomes e expressões de tratamento cortês ou de especial deferência: Pais; Mestre⁸²; Abbade; Arcebispos; Bispos; Vice-Rei; ElRei; Rei; Magestade;
- i) Nomes de ciências e disciplinas escolares: Filosofia; Latim; Grammatica; Orthografia;
- j) Nomes relativos a festas tradicionais: Páscoa;
- l) Expressões de tratamento de reverência.

Casos especiais

Há situações em que as duas primeiras letras da primeira palavra da oração surgem representadas por letra maiúscula: “**DI**minuir, he tirar de huma quantidade (...)”⁸³; “**QU**e entendeis vós por Noruega?”⁸⁴

Curiosamente, os nomes das estações do ano não são, neste manual escolar, grafados com letra maiúscula: “A de Abrantes, que tem virtude para sarar de colicas: a do Alandroal, que seca de **inverno**, e abunda no **veraõ**: a do Alcanede para despegar as sanguixugas da garganta (...)”⁸⁵

Já os dias da semana surgem grafados com maiúscula – Domingos – com duas ocorrências.

Para além destes exemplos existem, como já observámos, nomes comuns a que se pretende dar especial destaque, utilizando-se para tal caracteres maiúsculos e, por vezes, letras maiúsculas garrafais, como sucede no título da obra: ESCOLLA NOVA CHRISTÃ E POLITICA.

⁸² Note-se que nesta época os pais e os professores eram considerados, como refere Ameno, “pessoas graves”, Cf. *Escola Nova*, p. 34.

⁸³ Ameno, *Op. Cit.*, p. 102.

⁸⁴ *Op. Cit.*, p. 126.

⁸⁵ *Op. Cit.*, p.145.

4.4. Morfologia

Relativamente a este campo de análise, centraremos a nossa atenção em aspectos referentes aos substantivos e respectiva flexão em número e em género, aos determinantes artigos definidos/indefinidos, aos pronomes e determinantes – pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, indefinidos, aos verbos, aos numerais, às preposições, aos advérbios e aos processos derivacionais.

4.4.1. Nomes

Dos três géneros existentes no latim, feminino, masculino e neutro, a língua portuguesa manteve apenas os dois primeiros – o género feminino e o género masculino.

Depois de uma análise pormenorizada do *corpus* de *Escola Nova*, apercebemo-nos de que não existem dados relevantes quanto à flexão em género, pois os nomes que na obra em questão são unigéneros e bigéneros também o são actualmente.

Um outro aspecto a ressaltar é a uniformização do género, dado que não existem lexemas que sejam concomitante e/ou alternadamente masculinos/femininos.

Neste manual, à semelhança do que sucede nos nossos dias, os substantivos que apresentam formas equivalentes nos dois géneros, assim como os adjektivos biformes terminados no masculino em –o, formam o feminino, por via da regra, em –a. Citamos alguns exemplos:

- 1) Substantivos – meninos/meninas; christão/christã; religiosos/religiosas; romano/romana; herdeiro/herdeira; lutherano/ lutherana; soberano/soberana;

- 1.1) Aos substantivos terminados em consoante acrescenta-se –a: senhor/senhora;

Também os vocábulos terminados em *aõ* apresentam no feminino a desinência em –ã: *christã* e *alemã*;

- 1.2) Há alguns substantivos que apresentam uma forma diferente para o feminino, proveniente de um radical distinto: pai/mãe/madre; homem/mulher.

1.3) Outros há que formam o feminino de modo irregular, como por exemplo: rei/rainha;

1.4) Existem também substantivos uniformes que apresentam um só género gramatical para os dois sexos: pessoa; creatura(s).

Nota – os substantivos terminados em **–e** são, na maioria das vezes, uniformes: altare(s); appetite; arte; limite(s); inferiores; superiores; humanidade; caridade; necessidade; casualidade; brevidade; unidade; utilidade, entre outros.

2) Adjectivos – bom/boa; honesto/honesta; deshonesto/deshonesta; pequeno/pequena; comprido/comprida; verdadeiro/ verdadeira; inteiro/inteira;

3) Advérbios:

a) “juízo **muito** diminuto”/“**muita** modéstia”⁸⁶

b) “Esta Republica, que he de mui **pouca** extensão (...)”⁸⁷

“A Nubia, que he huma destas partes, e he **pouco** conhecida (...)”⁸⁸

Como já referimos, não encontramos neste texto exemplos de flutuação de género nem de duplicação de vogal, uma vez que, segundo o autor, esta prática caiu em desuso. Assim, na parte alusiva à “duplicação das letras na dicção” Ameno tece algumas considerações sobre a duplicação da vogal a em –ãa, e explica os motivos que justificam a ausência deste fenómeno:

“Hoje, que amamos a brevidade, não está em uso dobrar a vogal. Usamos do acento agudo sobre ella, que á maneira dos Gregos, nota contracção de duas em huma: v.g. sárar, prégar, gégar, o que nos monosyllabos se vê melhor: v.g. Fé, mó, só; não havendo outra dicção, com que a escrevemos se confunda.”⁸⁹

⁸⁶ Ameno, *Op. Cit.*, p.29.

⁸⁷ *Op. Cit.*, p.169.

⁸⁸ *Op. Cit.*, p.196.

⁸⁹ *Op. Cit.*, pp. 85-86.

4.4.2. Adjectivos e pronomes

A formação do plural dos substantivos e dos adjectivos segue, por norma, as regras que hoje conhecemos.

– Os nomes e adjectivos terminados em vogal formam o plural acrescentando-se **–s** ao singular: gentes; principes; infantes; nomes; solemnes; pronomes; inconvenientes; torpes; golpes; açoutes; fôrmas; letras; tintas; onças; cascas; regras; dias; virgulas; palavras; pessoas; pontos, acentos; monosyllabos; ditongos.

Verifica-se, no entanto, uma excepção à regra – o substantivo esquimó, cujo plural é Esquimaos, com uma ocorrência.

– Os substantivos terminados em **–r** ou **–z** formam o plural em **–es**: superiores; mulheres; caracteres; particulares; altares; milhares; perpendiculares; militares; lugares; mares; manjares; vezes; narizes; mezes, luzes.

– Os substantivos terminados em **–ão**, de acordo com o étimo latino, formam o plural de modos distintos:

a) – oens – naçoens; perdoens; acçoens; perfeiçãoens; oraçãoens; digressoens; razoens; devoçãoens; conjunçãoens e obrigaçãoens;

Actualmente, os substantivos terminados em **–ão** que derivam dos nomes latinos terminados em **–oens**, formam o plural em **–ões**.

b) – aens e –ães: capitaens; pães; volcões; cães; Magalhaens e Magalhães.

Na *Escola Nova* presenciamos uma flutuação entre a terminação do plural **–aens** e **–ães**. Hoje em dia, apenas subsiste a terminação em **–ães**, uma vez que os substantivos terminados em **–ão**, derivados dos nomes latinos terminados em **–anes**, apresentam esta terminação no plural.

c) –ãos: mãos; grãos; christãos e pagãos.

Os nomes terminados em **–ão** derivados dos nomes latinos terminados em **–anus** formam o plural, acrescentando a desinência **–s**.

– Os vocábulos terminados em /l/ posvocálico, depois de vogal que não seja a vogal posterior alta /i/, formam, na globalidade dos casos, o plural em **–aes**: actuaes; animaes; archiepicopaes; irracionaes; semivogaes; vinhaes; corporaes; signaes; mineraes; cardeaes; corporaes; desiguaes; episcopaes; espirituas; geraes; iguaes; irracionaes; imperiaes; meridionaes; mongaes; mortaes; orientaes; principaes; quintaes; quaes; reaes; septentrionaes; semivogaes; taes; temporaes; theologaes.

Já o plural em **–ais** é bem menos produtivo – fignais, com apenas uma ocorrência.

– Os semas terminados em **–el** formam o plural em **–eis**: consideraveis; notaveis; infieis; arráteis.

– Os que terminam em **–ol** formam o plural em **–oes** – Hespanhoes.

No português antigo, os nomes terminados em **–al**, **–ol** e **–ul** faziam o plural em **ales**, **–oles** e **–ules**, respectivamente. No entanto, a partir do século XVI dá-se a síncope do **–l** – intervocálico, dando origem à forma actual **–is**.

Veja-se alguns exemplos que dão conta desta evolução: actual/actuales>**actuaes**> actuais; vinhal/vinhaes>**vinhaes**>vinhais.

Quando terminam em **–m**, no singular, formam o plural em **–ns**: passagens; vizagens; ordens; fins; homens; mandarins; dons; bens; bons.

4.4.3. Pronomes pessoais

As formas e usos dos pronomes pessoais, quer rectos quer oblíquos, que ocorrem no texto não se distanciam muito dos da actualidade, como podemos constatar pelo seguinte quadro:

Pronomes pessoais rectos	Pronomes pessoais oblíquos átonos	Pronomes pessoais oblíquos tónicos
Singular	Singular	Singular
Eu	Me	Mim
_____	_____	ti; contigo
elle, ella	o,a, lhe	elle, ella
Plural	Plural	Plural
Nós	Nos	Nós
vós	vos	vós
Elles, ellas	Os, as, lhes	_____

Quadro 4 – Pronomes pessoais

4.4.4. Possessivos – determinantes e pronomes

Os pronomes e determinantes possessivos apresentam no *corpus* parameológico as mesmas formas do português actual, razão por que não nos deteremos neste aspecto, dado que não há diferenças a assinalar. Convém apenas referir que a forma “**Vosso**”, em grande parte das suas ocorrências, corresponde a uma forma de cortesia, relativamente a um “tu”, numa tentativa de distanciar e, em alguns casos, especialmente quando se refere a uma entidade divina, de elevar e engrandecer o destinatário.⁹⁰

4.4.5. Demonstrativos – determinantes e pronomes

Singular		Plural	
Este	esta	estes	Estas
_____	essa	_____	_____
aquelle	aquella	aquelles	_____
o mesmo	_____	_____	os mesmos
o outro	a outra	as outras	os outros
tal	tal	taes	taes

Quadro 5 – Demonstrativos: determinantes e pronomes

4.4.6. Pronomes indefinidos – substantivos e adjectivos

Relativamente a este aspecto constatamos que as formas – todo, toda, todos, todas – quando desempenham uma função adjectiva e antecedem os substantivos são, à semelhança do que sucede no português actual, seguidos de determinante artigo definido – o, a, os, as. Exemplos: “(...) porque me creastes de nada, e me conservais em vossa presença, e por **todos os** benefícios que a mim, e a **todas as** creaturas tendes feito.”; “Adoro-vos, Senhor, com **todo o** affecto do meu coração (...)”⁹¹; “(...)pois he contra **toda a** politica manusear o que outrem ha-de comer.”⁹²

⁹⁰ Sobre este assunto leia-se Celso Cunha e Lindley Cintra, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, 3ª ed., Edições João Sá da Costa, 1986, pp. 293-294.

⁹¹ Ameno, *Op.Cit.*, p.29.

⁹² *Idem*, p.33.

4.4.7. Interrogativos – determinantes e pronomes

Em *Escola Nova* é frequente o recurso aos determinantes interrogativos, especialmente nos compêndios da doutrina cristã e de geografia, nos quais o mestre indaga o aluno, recorrendo ao método didáctico-socrático.

Exceptuando algumas diferenças na grafia, os determinantes interrogativos são os que hoje fazem parte desta mesma categoria morfológica e com a mesma função sintáctica:

Variáveis		Invariáveis
masculino singular	Feminino Singular	
_____	Qual? Qual he a Religião dominante em Inglaterra? (p.123)	Que? Que Lei professais? (p. 13)
Plural	Plural	
Quantos? Quantos portos de mar tem Hespanha? (p.144)	Quantas? Quantas Eleiçoens ha na Intendencia de Rouen? (p.152)	Quem? Quem he Deos? (p. 13)
Quaes? Quaes são os rios principaes da Inglaterra? (p.123)	Quaes? Quaes são as Ilhas immediatas á Escocia? (p.124)	

Quadro 6 – Interrogativos: determinantes e pronomes

Particularidades

4.4.8. Determinantes artigos definidos e indefinidos

Os artigos definidos são representados, por via da regra, pelas formas actualmente em vigor – o, a, os, as.

Os artigos indefinidos, exceptuando as respectivas particularidades gráficas, correspondem aos que utilizamos hoje em dia:

	Singular	Plural
Masculino	Hum	Huns
Feminino	Huma	Humas
Invariável	El	

Quadro 7 – Determinantes artigos definidos e indefinidos

4.4.9. Preposições

Simples : até; com; contra; de; desde; em; para; per; por; entre; sem;

Contracções:

à;á> a + a;

ao> a + o;

do/a> de + o/a;

delle/a> de + elle/a;

no/a> em + o/a;

nesto/a> em + este;

pelo/a> per + o/a;

áquelle> a + aquelle (com uma única ocorrência).

Note-se que a preposição **pela** ocorre, por vezes, em contextos em que seria mais conveniente o uso de por. Estas ocorrências são mais frequentes no compêndio de geografia, especialmente, em orações interrogativas directas: “Que entendeis vós pela Africa?”⁹³

Um outro facto curioso é o uso da preposição **no** (contraída), na maior parte dos contextos em que ocorre, na forma feminina, masculina, singular e plural, totalizando trezentas e oitenta e três ocorrências, o que contrasta com o uso da preposição simples em + hum/huma, nas formas singular ou plural, com um menor número de ocorrências, apenas doze.

4.4.10. Locuções prepositivas

Além de; antes de; debaixo de; por cima de; dentro de; depois de; diante de; graças a; junto a; para com; perto de; por causa de.

⁹³ Ameno, *Op. Cit.*, p.191.

4.4.11. Advérbios

Em relação aos advérbios, não se registam diferenças significativas em relação ao seu uso actual:

- a) **lugar:** aqui; acima; antes; adiante; daquem (de + aqui); dalém; debaixo; dentro; junto; lá; perto; onde; aonde;
- b) **tempo:** agora; ainda; antes; antigamente; breve; depois; entãõ; hoje; já; logo; nunca; sempre; tarde;
- c) **modo:** assim; bem; como; de balde; depressa; devagar; mal; melhor; commummente; racionavelmente; ordinariamente; finalmente; igualmente, e outros advérbios terminados em –mente.
- d) **negação:** naõ; nem; nunca;
- e) **dúvida:** acaso;
- f) **afirmação:** sim; tambem;
- g) **inclusão:** até; mesmo; tambem;
- h) **exclusão:** só; sómente;
- i) **quantidade:** bastante; bem; mais; menos; pouco; demasiadamente; quanto; tanto; taõ muito.

O advérbio muito surge, em três ocorrências, com a forma apocopada mui.

j) Interrogativos:

de tempo – Quando? “Quando se dobra a letra?”⁹⁴

de modo – Como? “Como dividireis a dicção no fim da regra, quando se achaõ duas consoantes entre duas vogaes?”⁹⁵

de causa – Porque? E **porque** credes isso?⁹⁶

Nas **locuções adverbiais**, destacamos a utilização de: por diante; de cima; em cima;

⁹⁴ *Op. Cit.*, p. 87.

⁹⁵ *Idem*, p. 89.

⁹⁶ *Idem*, p. 15.

4.4.12. Numerais

Nesta categoria morfológica ressaltam algumas diferenças em relação à grafia actual que passamos a transcrever:

Cardinais: hum; dous/dois; duas; tres; quatro; sinco; seis; sete; oito; nove; cifra; quatorze; quinze; desaseis; desasete; desoito; desanove; vinte hum; vinte dois; vinte tres; vinte quatro; vinte e sinco; vinte seis; vinte sete; vinte oito; vinte nove; cinquenta; quinhentos; seis centos; sete centos, oito centos; nove centos; sinco mil; sincoenta mil.

Ordinais: primeira; segunda; terceira; quarta; quinta; sexta; septima; oitava;

Fraccionários: meia; metade; quarenta e sete avos; doze avos.

4.4.13. Produtividade lexical

AFIXOS

A *Escola Nova* documenta uma interessante produtividade lexical, como se pode observar pelos recursos de prefixação e sufixação.

Prefixo	SENTIDO	EXEMPLOS
com– , con –, co–	Traduzem a ideia de união, companhia e simultaneidade	Commumente; communga; communhão; comunicação, companheiro; companhia; compoem; composta; compreende; contigo; concebemos; concede; concedido; concordia; concorrer; concuspiscencia; condado; confessados; confiança; confirmação; confissão; conforme; confraternidade; confunde; confusão; consequencia; consideração; consideraveis; consolados; consolar; consonancia; constança; continua; conveniente; converter.
de– , des–	Remetem para a ideia de negação, separação e afastamento. São usados, preferencialmente, na formação de verbos	Desembargo; desterro; desiguaes; desnudez; desordenado; deshonesto(a); deshonestamente; desperdicio; descobre; desbastando; desairosa; desengraçada; descanzo; descubra; descobrindo; desfaça; destempera; descobre; decobrindo; descoberto(a); desagua; despegar; desordenado; desperdicio; despido.

di– , dis–	Denotam dispersão; movimentos em vários sentidos; ideia contrária; negação.	Diferença; diferentes; dificuldade; digressões; dilatado; diligência; dilúvio; diminuto; discorre; discrição; dispa; dispendio; dispoem; disputas; dissimulação; dista; distancia; distante; distinta; distribuidor; diversos; divertimento; dividem; divisoens.
em–, en –	Transmitem a ideia de movimento para dentro; mudança de estado. Estão presentes em muitas formas verbais.	Emprendendo; encaminhando; encarcerados; encarnou; encarregaõ, encerraõ; encheiraõ; encontrar; enfermos; engenho; ensinar; entende; entender; entendimento; enterrar; entra; entrada; entrar; entrega; entregar; envergonhas.
es–	Denota a ideia de separação; movimento para fora; intensidade e esforço	Escolhendo; escolla; escreve; escripta; escrito; escuzado; esfera; esgaravate; espaço; espada; espalhada; especie; especial; especie; especulativas; esperança; espere; espinal; espinhos; espirito; espirituas; espirrar; espoleta; esquerda; esquimaos; estabelecida; estado, estampes; estrangeiros; estranhar, estreito.
i–, in–	Exprimem a ideia contrária: negação e privação. Figuras, essencialmente, em substantivos e adjetivos	Immortal; impede; impedimento; importuno; impossivel; inclinada; inconvenientes; inculto; independente; indignas; individualmente; ineffavel; inexcusavel; infamador; infimo; infinita; inhabitadas; inhabitavel; injurias; intacta; intenção; invencivel.
Per–	Expressa movimento. Consta na formação de verbos e de alguns substantivos.	Perda; perdaõ; perdoar; peregrinos; perfeicoens; perfeito; perguiza; perguntar; perguntas; perigo; permite; perpetuo; perpilhaõ; perseguição; perservados; perseverança; persigne-se; persuadindo-se; pertence.

Quadro 8 – **Produtividade lexical: prefixação**

Por sufixação

Sufixos nominais

Formam substantivos a partir de outros substantivos

Sentido	SUFIXO	EXEMPLOS
Expressam uma acção; resultado da acção ou ainda um estado.	– ada	Alliada; arrimada; aspiradas; apostilada; acabada(s); assentada; advogada; banhada; barbadadas; carrada(s); celebrada; chamadas; cercada(s); continuada; chegada; coroadas; cortada; colégiadas; calçada; continuada; cultivada; cozinhada; desengraçada; derivadas; dobrada(s); dourada; duplicadas; fechadas; fortificadas; errada; espalhadas; elevadas; entrada; embaraçada; edificada; inclinada; louvada; morada; multiplicada; dilatada; inclinada; inhabitadas; levadas; dezeitada; polegada(s); povoada(s); tonelada; salgada; sagrada; separadas; situada(s); taboada; reformada; toada; tomada; pouzada; pezada; respeitadas; rozada; quebrada; vidrada; separada(s).
	–al	Animal; capital; canal; cristal; geral; espiritual; episcopal; especial; final; igual; immortal; irracional; liberal; material; quintal; mortal; missal; universal; manual; natural; original; principal grammatical; vogal; plural; signal; Meredional; Septentrional.
	–ato	Mandatos; ornato; imediato.
	–(a)gem	Imagem; linguagem; passagem; suagem.
Ocupação; ofício; profissão.	–ario	Vigário; hereditários; feudatário; tributário.
Lugar	–ario	Rozario; Santuario.
Noção colectiva	–ia	Audiências.
Plantas	–eira	Cerveira; figueira; madeira.

Quadro 9 – Produtividade lexical: sufixação

Formam substantivos a partir de verbos

Sentido	SUFIXO	EXEMPLOS
Exprimem uma acção, o resultado da acção ou ainda um estado.	–ança	Esperança; confiança; vizinhanças; temperança; perseverança; segurança.
	–ença	Presença; crença; sentença; diferença; fiança.
	–encia	Correspondência; descendência.
	–mento	Augmento; adiantamento; conhecimento; comprimento; elemento; movimento; parlamento; fundamento; suplemento; divertimento; impedimento; nascimento; tratamento; rudimento; sortimento; documento; Sacramento; Mandamento; pensamento; entendimento; merecimento.
	–ção	Admiração; composição; consideração; criação; conjugação; duplicação; educação; instrução; interrogação; observação; multiplicação; oração; pontuação; partição; proporção; pronúnciação; transmigração; significação; variação; veneração.
	–são	Confissão; conclusão; confusão; contracção; compreensão; descrição; divisão; extensão; lesão; opressão.
Agente	–ante	Almirantes; protestantes; infante; viajantes; vigilantes; habitantes.
Lugar ou instrumento da acção	–douro	Poedouros; desaguadouro; thesouro.
	–tório	Offertório; lavatório; purgatório; território.
Resultado da acção	–tura	Abreviaturas; Escritura; criaturas; escritura; leitura; postura.
	–sura	Grossura.
Agente, instrumento da acção	–dor	Sabedor; partidor; mercador; morador; devedores; peccador(es); creador; salvador; glorificador; douradores; infamador; multiplicador; imperador(es); embaixadores; dominador; governador; usurpadores; distribuidor; habitantes; traidores.
	–sor	Successor; defensor.
	–tor	Eleitor; pintor; protector.

Quadro 10 – Formação de substantivos a partir de verbos

Formam substantivos a partir de adjetivos

Sentido	SUFIXO	EXEMPLOS
Propriedade, qualidade, estado ou modo de ser	-dade	Agilidade; benignidade; brevidade; bondade; castidade; caridade; casualidade; confraternidade; dificuldade; dignidade; divindade; extremidade; facilidade; generalidade(s); humanidade; magnanimidade; mocidade; necessidade; piedade; sensualidade; superioridade; universidade(s); utilidade; verdade; vulgaridade.
Aparecem na formação de substantivos abstractos, resultantes, quase todos de Adjectivos.	-eza	Aspereza; avareza; certeza; destreza; fortaleza(s); franceza; fraqueza(s); ligeireza; limpeza; natureza; nobreza; pobreza; portueza; pureza; torpeza; riqueza.
	-ia	Beneficencia; consequencia; concupiscencia; credencia; intelligencia; diligencia; experiencia; penitencia(s); paciencia; magnificencia; prudencia; reverencia; sapiencia; obediencia.
	-ura	Altura(s); compostura; gordura; madura.

Quadro 11 – Formação de substantivos a partir de adjetivos

Formam adjectivos a partir de verbos

Sentido	SUFIXO	EXEMPLOS
Acção, qualidade, estado	-ante	Abundante; dominante; semelhante; antecedente; obstante; ignorante; importante; repugnante; distante.
	-ente	Accidentes; antecedente; assente; conveniente; correspondente; diferente; independente.
	-inte	Seguinte.
Possibilidade de praticar ou sofrer a acção	-avel	Consideravel; notavel; inhabitavel; miseravel; inexcusavel; admiravel.
Accção; referência, modo de ser	-ivo	Decisivo; excessivo; motivo.

Quadro 12 – Formação de adjectivos a partir de verbos

Formam adjetivos a partir de substantivos

SUFIXO	EXEMPLOS
-aço	Austriacos.
-al	Celestial; final; liberal; mortal; natural; original; grammatical; principal; universal.
-osa	Formosa(s); fastidiosa; desairosa; curiosa; poderosa; lustrosa; preciosas; populosas; piedosa; virtuosa; famosa; venenosas; religiosas.
-oso	Curioso; glorioso; dificultoso; Fastoso; poderoso; precioso; religioso; trabalhoso; virtuosos; venenosos; Lanhoso; misteriosos.
encia –	Audiencias; beneficência; continencia; consequência; correspondencia; concupiscencia; credencia; circumferencia; residencia; intendencias; intelligencia; diligencia; descendencia; experiencia; penitencia(s); paciencia; magnificencia; prudência; reverencia; sapiencia; obediencia.
-ete	Olivete; canivete; Ferrete, barrete, Portugaleta; Guadaleta.
-ícia	Puericia; policia; Fenícia; negricia; primícias; Maurícias.
-iço	Feitiço; serviço.
-inha	Risquinha; botelhinha; visinha.
-inho	Agostinho; bichinho; delgadinho; Martinho; quartinho; visinho;
-íssima	Antiquíssima; cruelíssima; poderosíssima; puríssima; sacratíssima; santíssima; sereníssima.
-íssimo	Caríssimo(s); christianíssimo(s); fidelíssimo; ilustríssimo; nobilíssimo(s); novíssimo(s); santíssimo; sereníssimo.
-rio	Senhorio; responsorio; offertorio; lavatorio; roزاری; purgatorio; hereditario; santuario; territorio; tributario(s); imperio; vigario.

Quadro 13 – Formação de adjetivos a partir de substantivos

Sufixos verbais

Sentido	Sufixo	Exemplos
Acção	-ar	Alcançar; apalpar; contar; cheirar; consolar; castigar; confessar, commungar chamar; estranhar; usurpar; tornar; sarar; excitar; julgar; mudar; variar; fallar; entrar; ensinar; perdoar; pronunciar; vizitar; rogar; enterrar; jejuar; gostar.
Começo de um estado, ou até mesmo do seu desenvolvimento	-ecer	Padecer; conhecer; offerecer, torcer; pertencer. Nota: o sufixo sufixo -ecer é característico dos verbos incoativos ou aspectuais.
Repetição, frequência da acção (verbos frequentativos).	-ear -ejar -inhar	Manusear; passear; refrear. Sobejar. Adivinhar.
Atribuição de uma característica	-izar	Finalizar.

Quadro 14 – Sufixos verbais

Sufixo adverbial

Sentido	Sufixo	Exemplos
Modo	-mente	Actualmente; acceleradamente; antigamente; bastante; commumente; demasiadamente; distinctamente; exteriormente; facilmente; frequentemente; humildemente; legitimamente; medianamente; ordinariamente; perfeitamente; principalmente; primeiramente; propriamente; promptamente; summamente; sómente; suavemente; totalmente; ultimamente; verdadeiramente; vulgarmente.

Quadro 15 – Sufixo adverbial

Sufixos diminutivos

-inha	Risquinha; botelhinha.
-inho	bichinho; delgadinho; quartinho; visinho.

Quadro 16 – Sufixos diminutivos

Derivação parassintética

No manual escolar setecentista *Escola Nova*, a derivação parassintética é pouco produtiva.

Vejamos alguns exemplos:

a) destemperando; desbastando.

A partir de uma análise morfológica destas formas verbais, verificamos que são constituídas pelo prefixo des + o radical + o sufixo. Assim, no primeiro exemplo – destemperando – é constituído pelo prefixo des+ o radical temper(a) + o sufixo –ndo; desbastando é formado pelo prefixo des+ o radical basta + o sufixo –ndo;

b) encaminhando; encarecerados

Estes vocábulos são constituídos pelo prefixo en + o radical + o sufixo.

Encaminhando – é formado pelo prefixo en + caminh(a)+ ndo; encarecerados, pelo prefixo en + carcer+ ados.

c) reconhecida

O vocábulo reconhecida é formado pelo prefixo re+ o radical conhec + o sufixo ida-.

4.5. Sintaxe

Sem deixar de procurar um certo adequamento didático, o texto *Escola Nova* apresenta uma sintaxe que se caracteriza ainda pela frase longa e encadeada, como era habitual na escrita do português do século XVIII. Não parecem todavia predominantes os recursos às articulações hipotáticas, que eram igualmente características do texto daquele tempo. Para além de uma certa inovação e simplificação, este texto beneficia do facto de ser um manual escolar, próximo dos registos da comunicação elementar.

O quadro discursivo é naturalmente mais informativo do que argumentativo e, por isso, são frequentes as enumerações e acumulações paratáticas e raros os enunciados silogísticos.

A estatística da frequência das partículas de ligação é eloquente a este respeito.

Transcreve-se a lista das partículas que tecem o texto, por ordem de frequência, até à ocorrência de vinte e uma vezes. Esta lista revela, no seu conjunto, o claro predomínio das estruturas de justaposição paratáctica, sobre os vínculos de implicação hipotáctica. As preposições, conjunções e artigos e, de um modo geral, as partículas de significação gramatical são excelentes indicadores da diacronia sintáctica.

Até à prosa de Almeida Garrett, o “que” é a unidade lexical mais abundante na generalidade do património textual e corresponde a uma construção mais complexa e certamente mais próxima da sintaxe latina. Nas *Viagens na minha Terra*, a copulativa “e” é mais frequente do que o conector “que” e em *Os Maias* o “que” ocupa um quinto ou sexto lugar, precedido por artigos e preposições que ocorrem em maior número.

Neste texto também a relação preposicional e a coordenação paratáctica, sindética e assindética, são claramente predominantes sobre as relações de subordinação, como se pode verificar pela seguinte estatística das partículas de ligação que se encontram na *Escola Nova*:

e (1605);	mais (165);	mesmo (52);	muitos (36);
de (1592);	naõ (161);	até (48);	estas (35);
o (1136);	para (150);	aos (47);	antes (31);
que (1083);	sobre (147);	deste (46);	cada (31);
a (1071);	dos (138);	outras(46);	mas (31);
se (603);	hum (121);	pelo (45);	seus (31);
do (424);	como (119);	qual (45);	desta (30);
da (408);	huma (107);	nos (43);	sem (29);
os (357);	ou (98);	seu (43);	estes (29);
em (384);	das (89);	depois (43);	outro (28);
as (399);	á (80);	pela (41);	assim (28);
com (269);	sua (72);	todos (41);	esta (26);
ao (231);	este (69);	entre (40);	sempre (25);
na (201);	tambem (69);	nas (40);	muitas (24);
no (201);	lhe (55);	quatro (40);	algum (22);
quaes (188);	todas (56);	muito (36);	algumas (22);
por (167);	porque (54);	outros (36);	pois (21);

A maior parte das relações sintácticas subordinativas resultam da metodologia dialógica que é adoptada no pequeno manual, prolongando a longa tradição do ensino oral e dialogado dos catecismos da doutrina cristã.

Grande parte das ocorrências das formas “Quaes...?” e “Qual...?” esgotam-se na função interrogativa e correspondem às perguntas formuladas pelo Mestre:

- M. Qual das tres Divinas Pessoas foi primeiro?
- M. Qual dellas se fez homem?
- M. Quaes são as Capitaes destes Estados?
- M. Quaes são as Cidades Capitaes dos Estados Septentriaõ?
- M. Quaes são as Cidades das outras Provincias?
- M. Quaes são as Cidades desta parte da Siberia?
- M. Quaes são as Cidades destas quatro Provincias?
- M. Quaes são as Cidades dos Estados, que estão no meio da Europa?
- M. Quaes são as Cidades, e Provincias, que contém a terra de Labor?
- M. Quaes são as Cidades, e Villas consideraveis de Galliza?
- M. Quaes são as Cidades, e Villas mais consideraveis da Biscaya?
- M. Quaes são as Cidades, e Villas mais principaes de Asturias?
- M. Quaes são as Cidades mais distinctas desta Intendencia?
- M. Quaes são as Cidades mais notaveis da Suissa?
- M. Quaes são as Cidades mais notaveis desta Intendencia?
- M. Quaes são as Cidades principaes de Andalucia?
- M. Quaes são as Cidades principaes de Irlanda?
- M. Quaes são as Cidades principaes desta Intendencia?
- M. Quaes são as Cidades principaes destas Provincias?
- M. Quaes são as Cidades principaes destas Provincias?
- M. Quaes são as Cidades principaes deste Reinos?
- M. Quaes são as Cidades principaes destes Tartaros?
- M. Quaes são as Cidades principaes do Mogol?
- M. Quaes são as Cidades principaes do Reino de Granada?
- M. Quaes são as couzas mais notaveis da Suecia?
- M. Quaes são as da outra parte do Equador?
- M. Quaes são as Eleiçoens, q estão ao Meio dia do rio Loura?
- M. Quaes são as Eleiçoens, que ao Septentriaõ deste rio?
- M. Quaes são as Ilhas da Africa?
- M. Quaes são as Ilhas da America?
- M. Quaes são as Ilhas da America Meridonal?
- M. Quaes são as Ilhas da America no mar do Norte?
- M. Quaes são as Ilhas da Asia?
- M. Quaes são as Ilhas da Asia situadas no mar Oceano?
- M. Quaes são as Ilhas da China?
- M. Quaes são as Ilhas da Turquia na Europa?
- M. Quaes são as Ilhas de Dinamarca?
- M. Quaes são as Ilhas de Hespanha?
- M. Quaes são as Ilhas de Italia?
- M. Quaes são as Ilhas de Sotavento?
- M. Quaes são as Ilhas do Mediterraneo?
- M. Quaes são as Ilhas do Oceano Ethioipico?
- M. Quaes são as Ilhas immediatas á Escocia?
- M. Quaes são as Ilhas Lucayas?
- M. Quaes são as Ilhas mais consideraveis da Europa?

- M. Quaes são as Intendencias da baixa Provença?
- M. E quaes são as letras compostas?
- M. E quaes são as letras Dobradas?
- M. E quaes são as Liquidas?
- M. Quaes são as Mudas?
- M. Quaes são as mais consideraveis destas Ilhas?
- M. Quaes são as oito Provincias situadas ao Meio dia da China?
- M. Quaes são as outras Ilhas da Asia?
- M. Quaes são as partes da America Meridional?
- M. Quaes são as partes da Asia Septentrional?
- M. Quaes são as partes do Globo terrestre?
- M. Quantas, e quaes são as preposições, que entraõ com outras palavras na composição?
- M. Quaes são as Vogaes, e quaes as Consoantes?
- M. Quaes são os Ditongos?
- M. E quaes são as Simivogões?
- M. Quaes são as principaes Cidades?
- M. Quaes são as principaes Cidades da Escocia?
- M. Quaes são as principaes Cidades da Lorena?
- M. Quaes são as principaes Cidades da Noruega?
- M. Quaes são as principaes Cidades da Persia?
- M. Quaes são as principaes Cidades das Provincias Unidas?
- M. Quaes são as principaes Cidades de Alemanha?
- M. Quaes são as principaes Cidades de Inglaterra?
- M. Quaes são as principaes Cidades de Toscana?
- M. Quaes são as principaes Cidades desta Intendencia?
- M. Quaes são as principaes Cidades desta parte?
- M. Quaes são as principaes Cidades destas Provincias?
- M. Quaes são as principaes Cidades destas seis Provincias?
- M. Quaes são as principaes Cidades destas sete Provincias?
- M. Quaes são as principaes Cidades deste Reino?
- M. Quaes são as principaes Cidades destes seis Principados?
- M. Quaes são as principaes Cidades do Languedoc?
- M. Quaes são as principaes Cidades na Moscovia?
- M. Quaes são as Provincias da Persia?
- M. Quaes são as Provincias de Veneza situadas ao Occidente?
- M. Quaes são as Provincias de Veneza situadas ao Oriente?
- M. Quaes são as Provincias do Estado da Igreja situadas ao Meio dia?
- M. Quaes são as Provincias do Septentrio da China?
- M. Quaes são as Provincias dos Paizes Baixos Austriacos?
- M. Quaes são as Provincias, e Cidades do Abruzo?
- M. Quaes são as Provincias Ecclesiasticas da Hespanha?
- M. Quaes são as Provincias Meridionaes da Turquia na Europa?
- M. Quaes são as Provincias, que estão sobre o mar Oceano?
- M. Quaes são as Provincias Septentrionaes da Turquia na Europa?
- M. Quaes são as Provincias situadas no centro de Hespanha?

- M. Quaes são as que estão ao Oriente de Ausch?
- M. Quaes são as que estão desta parte do Equador?
- M. Quaes são as suas Cidades Capitaes?
- M. Quaes são as suas Cidades mais notaveis?
- M. Quaes são as suas fontes mais celebres?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as suas principaes Cidades?
- M. Quaes são as Terras Antarcticas?
- M. Quaes são as Terras Austraes?
- M. Quaes são as terras de Magalhens?
- M. Quaes são as tres Eleiçoens da Intendencia de Dijon?
- M. Quaes são?
- M. Quaes são estas doze Eleiçoens?
- M. Quaes são estas quatro grandes Provincias?
- M. Quaes são estes Dominios?
- M. Quaes são os Estados da Italia Septentrional?
- M. Quaes são os Estados da parte Meridional de Italia?
- M. Quaes são os Estados do Circuloda alta Saxonia?
- M. Quaes são os Estados do Circulodo baixo Rheno?
- M. Quaes são os Estados do Duque de Lorena?
- M. Quaes são os Estados que estão ao meio dia da Europa?
- M. Quaes são os Estados que estão ao Septentriaõ?
- M. Quaes são os Estados, que estão no centro da Europa?
- M. Quaes são os Estados, que estão no Meio da Italia?
- M. Quaes são os Governos, que estão ao Occidente deste monte?
- M. Quaes são os Governos que estão ao Oriente do monte Gata?
- M. Quaes são os Lagos principaes da Italia?
- M. Quaes são os limites da Ethiopia?
- M. Quaes são os mais celebres montes da Italia?
- M. Quaes são os montes celebres da Turquia na Europa?
- M. Quaes são os montes mais consideraveis da Africa?
- M. Quaes são os outros Tartaros propriamente taes?
- M. Quaes são os portos de mar desta Republica?
- M. Quaes são os portos de mar deste Reino?
- M. Quaes são os portos de mar mais principaes da America?
- M. Quaes são os portos de mar, que pertencem a este Soberano na Europa?
- M. Quaes são os Principados, que estão no Septentriaõ?
- M. Quaes são os principaes Lagos na Europa?
- M. Quaes são os principaes rios da Asia?
- M. Quaes são os principaes rios da Hespanha?
- M. Quaes são os principaes rios da Moscovia?
- M. Quaes são os rios de Irlanda?

- M. Quaes são os rios de Italia?
- M. Quaes são os rios deste Reino?
- M. Quaes são os rios, e montes da America?
- M. Quaes são os rios mais consideraveis da Africa?
- M. Quaes são os rios mais consideraveis da China?
- M. Quaes são os rios mais consideraveis da Hungria?
- M. Quaes são os rios mais principaes da India?
- M. Quaes são os rios mais principaes da Pérsia?
- M. Quaes são os rios principaes da Alemanha?
- M. Quaes são os rios principaes da Europa?
- M. Quaes são os rios principaes da Inglaterra?
- M. Quaes são os rios que fertilizaõ este Reino?
- M. Quaes são os seus rios mais principaes?
- M. Quaes são os Tartaros Mongaes?
- M. Quaes são os Volcões, ou montanhas que na Europa lançaõ fogo?
- M. Quaes são principaes montes da Europa?
- M. Quaes são os Estados de Parma?
- M. Qual he a Capital da Mancha?
- M. Qual he a primeira, segundo a ordem em que as referistes?
- M. Qual he a quarta Provincia sobre o Mediterraneo?
- M. Qual he a quinta Provincia deste Reino?
- M. Qual he a Religiaõ dominante em Alemanha?
- M. Qual he a Religiaõ dominante em Escocia?
- M. Qual he a Religião dominante em Inglaterra?
- M. Qual he a Religiaõ dominante em Suecia?
- M. Qual he a Religiaõ dominante na Noruega?
- M. Qual he a Religiaõ dominante na Suissa?
- M. Qual he a Religiaõ dominante neste Reino?
- M. Qual he a segunda Provincia?
- M. Qual he a segunda Provincia situada no centro de Hespanha?
- M. Qual he a sexta Provincia de Portugal?
- M. Qual he a sua extensaõ?
- M. Qual he a terceira Provincia de Portugal?
- M. Qual he a terceira Provincia situada no centro de Hespanha?
- M. Qual he a terra firme de Dinamarca?
- M. Qual he a ultima Provincia das situadas no centro de Hespanha?
- M. Qual he maior?
- M. Qual he maior, o Padre Eterno, ou Christo?
- M. Qual he Religiaõ dominante da Irlanda.

Breve nota sobre a sintaxe da concordância

Sobre a sintaxe da concordância referiremos apenas uma breve nota para observar a originalidade de uma concordância siléptica num sujeito complexo, no seguinte texto:

“A recreação, e divertimento do Menino **deve ser** aquella, que não sendo fastidiosa, nem repugnante a Deos, e á pessoa, dignidade, ou nobreza que goza, recrea, e alegra o Espirito (...)” p.31.

Parece haver uma falta de concordância entre sujeito e predicado e poderia propor-se a seguinte correcção:

A recreação, e divertimento do Menino devem ser aquelles que não sendo fastidiosos nem repugnantes a Deos (...) recream e alegrem o espirito”.

Na realidade, o segundo elemento do sujeito funciona como uma expansão que não lhe acrescenta uma significação plural.

4.6. Conjugação perifrástica

Os verbos na forma perifrástica adquirem tonalidades de sentido intrinsecamente relacionadas com o aspecto verbal. De todas as perífrases verbais que ocorrem no *corpus* apenas duas se registam com grande predominância, sendo estas: dever + infinitivo com trinta e quatro ocorrências, seguida de haver de + infinitivo com catorze. Há, no entanto, orações em que coexistem as duas conjugações perifrásticas:

a) **dever de + V. infinitivo** – remete para uma probabilidade ou para um dever, no contexto de *Escola Nova* refere-se essencialmente a uma série de preceitos que deve constar na formação e edificação do menino cristão:

- 1) Na qual se ensinaõ os primeiros rudimentos, que **deve saber** (...) p.1.
- 2) Como o Ministro **deve ministrar** ao Sacerdote. p. 26.
- 3) (...) uzando de especial attenção com os Sarcedotes, e Religiosos, aos quaes **deve respeitar** como Ministros de Deos. p.30.

- 4) A recreação, e divertimento do Menino **deve ser** aquella, que não sendo fastidiosa, nem repugnante a Deos, e á pessoa, dignidade, ou nobreza que goza, recrea, e alegra o Espirito (...) p. 31.
- 5) Na obediencia para com seus Pais **deve ser** prompto, alegre, e soffrido (...) p. 32.
- 6) Quanto ao vestido, **deve ser** honesto, limpo, e não de muito custo. p. 32.
- 7) (...) para que a pronunciação da syllaba seja inteira, e verdadeira, se **deve dar** a cada letra seu nome distincto, e inteiro. p. 44.
- 8) Este segundo modo he menos máo, sendo praticado como **deve ser**, fazendo que o menino pronuncie cada letra distinctamente, mostrando-as com o ponteiro ao tempo que as for proferindo (...) p. 47.
- 9) O Menino que principia a escrever, **deve sentar**-se de sôrte, que fique com o corpo direito (...) p. 71.
- 10) Como se **deve pegar** na penna. p. 72.
- 11) O papel **deve estar** direito com o braço, para não entortar as regras, e a palma da mão inclinada algum tanto a elle, para que a penna fique direita. p. 73.
- 12) Como se **deve formar** as letras. p. 74.
- 13) O Papel **deve ser** claro, lizo e igual, e bem collado, de sorte que tocando-o com a saliva, não passe de improvizo. p. 75.
- 14) Como **deve aparar** a penna. p. 75.
- 15) (...) e notem que o bico mais largo **deve ser** o da parte esquerda (...) p. 77.
- 16) (...) attendendo-se tambem á altura da letra, pois segundo esta, **deve ser** a grossura da penna (...) p. 77.
- 17) A letra grifa, e bastarda pede o mesmo comprimento de aparo, e só differe nos bicos, porque o da parte esquerda **deve ser** algum tanto largo (...) p. 77.
- 18) (...) mas isto depende de maior cautella no tomar da tinta, a qual para ter bom preto, se **deve fazer** do seguinte modo. p. 78.
- 19) COmo se **deve pronunciar** a letra c? p. 83.
- 20) O que **deve observar** o que deseja escrever certo? p. 91.

- 21) (...) quero advertir-vos algumas observaçoens, que tenho feito sobre a certeza, com que se **deve escrever**, em Authores dignos de veneraçãõ. p. 91.
- 22) O que he nobre, **deve ser** bom, prudente, liberal, &c. p. 94.
- 23) Na qual se ensinaõ os primeiros rudimentos, que **deve saber** (...) p.1.
- 24) Como o Ministro **deve ministrar** ao Sacerdote. p. 26.
- 25) (...) uzando de especial attençãõ com os Sarcedotes, e Religiosos, aos quaes **deve respeitar** como Ministros de Deos. p.30.
- 26) A recreaçãõ, e divertimento do Menino **deve ser** aquella, que não sendo fastidiosa, nem repugnante a Deos, e á pessoa, dignidade, ou nobreza que goza, recrea, e alegra o Espirito (...) p. 31.
- 27) Na obediencia para com seus Pais **deve ser** prompto, alegre, e soffrido (...) p. 32.
- 28) Quanto ao vestido, **deve ser** honesto, limpo, e não de muito custo. p. 32.
- 29) (...) para que a pronunciaçãõ da syllaba seja inteira, e verdadeira, se **deve dar** a cada letra seu nome distincto, e inteiro. p. 44.
- 30) Este segundo modo he menos máo, sendo praticado como **deve ser**, fazendo que o menino pronuncie cada letra distinctamente, mostrando-as com o ponteiro ao tempo que as for proferindo (...) p. 47.
- 31) O Menino que principia a escrever, **deve sentar**-se de sôrte, que fique com o corpo direito (...) p. 71.
- 32) Como se **deve pegar** na penna. p. 72.
- 33) O papel **deve estar** direito com o braço, para não entortar as regras, e a palma da mão inclinada algum tanto a elle, para que a penna fique direita. p. 73.
- 34) Como se deve formar as letras. p. 74.
- 35) O Papel **deve ser** claro, lizo e igual, e bem collado, de sorte que tocando-o com a saliva, não passe de improvizo. p. 75.
- 36) Como **deve aparar** a penna. p. 75.
- 37) (...) e notem que o bico mais largo **deve ser** o da parte esquerda(...) p. 77.
- 38) (...) attendendo-se tambem á altura da letra, pois segundo esta, **deve ser** a grossura da penna (...) p. 77.

- 39) A letra grifa, e bastarda pede o mesmo comprimento de aparo, e só differe nos bicos, porque o da parte esquerda **deve ser** algum tanto largo (...) p. 77.
- 40) (...) mas isto depende de maior cautella no tomar da tinta, a qual para ter bom preto, se **deve fazer** do seguinte modo. p. 78.
- 41) COmo se **deve pronunciar** a letra c? p. 83.
- 42) O que deve observar o que deseja escrever certo? p. 91.
- 43) (...) quero advertir-vos algumas observaçoens, que tenho feito sobre a certeza, com que se **deve escrever**, em Authores dignos de veneraçã. p. 91.
- 44) O que he nobre, **deve ser** bom, prudente, liberal, &c. p. 94.

b) haver de + V. infinitivo – remete para uma noção de futuro, associada a uma obrigatoriedade ou resolução determinada de executar algo:

- 1) (...) está assentado á Mão direita de Deos Padre todo Poderoso: donde **ha-de vir** a julgar os vivos, e os mortos (...) p.6.
- 2) O septimo, crer que **ha-de vir** a julgar os vivos, e os mortos dos bens, e males, que fizeraõ. p. 11.
- 3) (...) e o mesmo se **ha-de dizer** de Christo a respeito do Espirito Santo. p. 15.
- 4) Que todos os homens bons e máos, **haõ-de resuscitar** no fim do Mundo tornando as Almas a seus Corpos, que entãõ se formarãõ de novo, sendo os mesmos individualmẽte, que nesta vida tiveraõ. p. 16.
- 5) Esperança, he huma confiança certa em que Deos nos **ha-de salvar** pelos merecimentos de Christo, mas fazendo nõs da nossa parte o que elle manda. p. 18.
- 6) Se no prato lhe lançarem maior porçaõ que a que póde comer, separe aquella parte, que lhe parecer bastante para si, e a outra deixe intacta; pois he contra toda a politica manusear o que outrem **ha-de comer** (...) p. 33.
- 7) (...) no Templo sagrado se **ha-de temer**, adorar, e reverenciar, pois nelle habita a Magestade de Jesus Christo, Deos e Homem verdadeiro occulto, e cuberto no Augusto Sacramento do Altar com o véo dos accidentes do Pão. p. 35.

- 8) (...) porém á ceia, que he com que terminaõ as obras do dia, se segue o descanso mas este não se **ha-de tomar** taõ depressa, que da meza vá logo para a cama, se não passear hum breve espaço de tempo (...) pp. 40- 41.
 - 9) (...) se lança huma pouca da dita agua, e com hum pincel se vai destemperando, até que esteja bem ligado; e para escrever com elle, se **ha-de tomar** o Ouro com o pincel (...) p.80.
 - 10) A letra muda, porém (pergunto agora) quando estiver antes da liquida, e a unir, a que parte **ha-de pertencer**, á regra em que principia a dicção, ou á em que acaba? p.89.
 - 11) Multiplicar hum numero por outro, he buscar hum terceiro numero, que contenha tantas vezes ao que se **ha-de multiplicar** (...) p.103.
 - 12) Ao numero, que se **ha-de multiplicar**, chamaremos quantidade; ao numero por quem se **ha-de multiplicar**, multiplicador (...) p.103.
 - 13) (...) ponho cifra por baixo do 2, para signal de que já se não **ha-de fallar** com elle. p.107.
- c) Orações em que coexistem as duas perífrases: **haver de + V. infinitivo** e **dever de + V. infinitivo**:
- 1) A companhia, que **deve buscar** o Menino Christão, **ha-de ser** a mais virtuosa, igual á sua pessoa, em qualidade, e esfera. p.30.
 - 2) Na Igreja esteja com muita modestia, attenção, e reverencia: considerando, que ainda que em todo o lugar vive, e domina Deos, e que em todo o lugar se **deve temer**; no Templo sagrado se **ha-de temer**, p.35.
 - 3) Que **havendo-os de apartar** da boa Orthografia, seja para a Latina, descobrindo das palavras a origem; o que muito se **deve attender** (...) p. 93.

4.7. Marcas diacrónicas na *Escola Nova*

A *Escola Nova* oferece-nos um conjunto de textos de referência ao longo do percurso histórico da língua portuguesa, que nos permitem observar uma série de indicadores diacrónicos, particularmente no âmbito da memória lexical. Trata-se de textos rituais e canónicos, da liturgia e da espiritualidade católica. O confronto desses registos do século XVIII com as versões actualizadas do final do século XX constitui um exercício muito informativo sobre a diacronia da língua portuguesa. Dá-nos conta de estádios diferentes da língua, particularmente na sua componente lexical, mas também no respeitante a aspectos estilísticos, morfológicos e sintácticos.

PAI NOSSO

Escola Nova

Século XVIII

PAdre Nosso, que estás em os Céos: santificado seja o teu nome: venha a nós o teu Reino: seja feita a tua vontade assim na terra, como no Céu: o pão nosso de cada dia nos dá hoje: e perdoa-nos nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores: e não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos de mal. Amen
Jesus

Século XX

Pai nosso, que estais no céu: santificado seja o vosso nome; venha a nós o Vosso Reino; seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no Céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje; perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido; e não nos deixeis cair na tentação; mas livrai-nos de mal.

Da confrontação destes dois registos, do Pai Nosso, apercebemo-nos de diferenças significativas que ressaltam.

No texto do século XVIII encontramos a forma **Padre**, em vez de **Pai**. Também a preposição *em* mais o determinante artigo definido *o* apresentam uma ocorrência em que não aparecem contraídos, contrariamente ao que sucede no texto do séc. XX, no qual a preposição e determinante artigo definido se contraem em – *no*.

De igual modo, a nível morfológico verificam-se diferenças significativas nas formas de tratamento. No texto que corresponde ao manual setecentista utilizam-se as formas –

“estás”, “teu”, “tua”, “dá”, “perdoa-nos”, “deixes” e livra-nos”, relativas à segunda pessoa do singular; ao passo que no registo actual, as formas utilizadas são – “estais”, “vosso”, “vossa”, dai-nos”, “perdoai-nos” e “deixeis” que correspondem à segunda pessoa do plural – vós.

Os vocábulos – Céos, Céu, cahir e tentação – são grafados de forma diferente daquela que vigora hoje em dia, como já explicitámos na parte relativa à análise dos aspectos ortográficos (ponto 3).

Regista-se um aspecto interessante, no âmbito da diacronia lexical e, provavelmente, estilística, na medida em que os termos, “dividas” e “devedores”, presentes em *Escola Nova* são substituídos por: “ofensas” e “a quem nos tem ofendido”, respectivamente.

A nível dos sinais auxiliares do alfabeto – a pontuação –, nesta oração específica não se registam variações consideráveis, à excepção da utilização dos (:) em “santificado seja o teu nome: venha a nós”, que é substituído pelo ponto e vírgula (;)

De modo análogo, na oração que se segue, AVE, MARIA, detectam-se outras diferenças que dão conta deste fenómeno de evolução da língua.

AVE, MARIA

Escola Nova

Século XVIII

AVE Maria cheia de graça: o Senhor he contigo: benta es tu entre as mulheres, e bento he o fructo do teu ventre Jesus. Santa Maria Mãi de Deos, roga por nós peccadores, agora, e na hora da nossa morte. Ámen Jesus

Século XX

Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sóis Vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora, e na hora da nossa morte. Ámen.

Para além dos aspectos ortográficos que já foram anotados e sistematizados, existem alguns aspectos lexicais a salientar, nomeadamente a forma “benta”, que contrasta com a forma actual “bendita”.

Nesta oração verificam-se, novamente, diferenças nas formas de adereçamento: o “Senhor he contigo”, que contrasta com a forma do texto actual – “o Senhor é convosco”; “benta es tu”/ “Bendita sóis Vós; bento he o fructo do teu ventre”/ “bendito é o fruto do vosso ventre; roga por nós”/ “rogai por nós”.

A nível morfológico, substituem-se as formas de segunda pessoa do singular pela segunda do plural, como podemos constatar pela substituição dos pronomes: tu e teu por vós e vosso, respectivamente. Esta substituição tem repercussões ao nível da flexão verbal: “es”/ “sóis” e “roga”/ “rogai”.

No que respeita à pontuação registam-se diferenças mais acentuadas, comparativamente à oração anterior, sobretudo no texto de *Escola Nova*, em que se verifica o uso, quanto a nós, injustificado de dois pontos (:).

SALVE, RAINHA

Escola Nova

Século XVIII

Salve Rainha, Mãi de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve. A ti bradamos os degradados filhos de Eva. A ti suspiramos gemendo, e chorando neste valle de lagrimas. Eia pois, Advogada nossa, esses teus olhos misericordiosos a nós volve. E depois deste desterro nos mostra a Jesus, bento fructo do teu ventre. O' clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria, roga por nós Santa Madre de Deos, para que sejamos dignos das promessas de Christo. Ámen Jesus.

Século XX

Salve Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve. A vós bradamos os degradados filhos de Eva; A Vós suspiramos gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois advogada nossa, esses olhos misericordiosos a nós volvei. E depois deste desterro nos mostrai Jesus, bendito fruto do Vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria!

– Rogai por nós, Santa Mãe de Deus: para que sejamos dignos das promessas de Cristo■

Em Salve Rainha também registamos algumas diferenças a nível ortográfico, sendo estas: “Mãi”, “esperansa”, “valle”, “fructo” e “Christo”.

No âmbito lexical, e à semelhança do que sucede na oração anterior, o termo “benta” é substituído por “bendita”. Em *Escola Nova* as formas de adereçamento, de segunda pessoa do singular– “ti”, “teu”, “teus” – são substituídas por – “vós” e “nos”. Esta alteração reflecte-se ao nível da flexão verbal, em que se substituem as formas: volve; mostra e roga, por volvei; mostrai e rogai, respectivamente.

É de ressaltar ainda algumas diferenças ao nível da pontuação que têm repercussões a nível semântico.

CREDO

Escola Nova

Século XVIII

Creio em Deos Padre todo poderoso, Creador do Céu, e da terra. E em Jesus Christo hum só seu Filho nosso Senhor: o qual foi concebido do Espirito Santo, nasceo de Maria Virgem: padeceo sob poder de Poncio Pilato: foi crucificado, morto, e sepultado: desceo aos infernos: ao terceiro dia resurgio dos mortos: subio aos Céos, está assentado á Mão direita de Deos Padre todo Poderoso: donde ha-de vir a julgar os vivos, e os mortos. Creio no Espirito Santo, a Santa Igreja Catholica, a Communicação dos Santos, a Remissão dos peccados, a Resurreição da carne, e a vida eterna. Ámen. Jesus.

Século XX

– Creio em Deus, Pai todo-poderoso, criador do Céu, e da Terra; – E em Jesus Cristo, Seu único Filho, nosso Senhor; que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Maria Virgem; padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia; subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso; de novo há-de vir a julgar os vivos e os mortos.

– Creio no Espírito Santo; na Santa Igreja Católica; na Comunhão dos Santos; na remissão dos pecados; na ressurreição da carne; na vida eterna.

– Amen.

Além dos aspectos que têm sido anotados, deparamo-nos, nesta oração, com um indicador da diacronia lexical e estilística. A expressão “desceo aos infernos” ganha outros contornos, através do recurso ao eufemismo e é substituída por “mansão dos mortos”. De modo análogo, também a expressão “resurgio dos mortos”, presente no registo do século XVIII, é substituída por “ressuscitou”

A substituição das palavras “comunicação” por “comunhão” constitui um aspecto curioso, dado que comunicação provém do latim *communicare* e significa dizer, transmitir, participar, isto é, tornar comum, indo ao encontro do actual termo: comunhão.

Os sinais indicadores da acentuação tonal manifestam diferenças substanciais: repare-se, por exemplo, na ausência destes sinais prosódicos nas palavras – “Espírito”, “Poncio”, “ha-de”, “Catholica”, e na presença dos indicadores tonais em: “á Remissão”

e “Resurreição”. Estas ocorrências não suscitam, todavia, dificuldades na compreensão dos textos.

MANDAMENTOS DA LEI DE DEUS

Escola Nova

Século XVIII

OS Mandamentos da Lei de Deos são dez: os tres primeiros pertencem á honra de Deos, e os outros sete ao proveito do Proximo.

O primeiro, Honrarás a hum sóDeos.

O segundo, Não jurarás o seu santo Nome em vão.

O terceiro, Guardarás os Domingos, e as Festas. O quarto, Honrarás a teu Pai, e a tua Mãi.

O quinto, Não matarás.

O sexto, Não fornicarás.

O setimo, Não furtarás.

O oitavo, Não levantarás falso testemunho.

O Nono, Não dezejarás a mulher do teu proximo.

O decimo, Não cubiçarás as couzas alheias.

Estes dez Mandamentos se encerraõ em dois: convém a saber, amar a Deos sobre todas as couzas, e ao próximo como a ti mesmo.

Século XX

1º Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.

2º Não invocar o santo nome de Deus em vão.

3º Santificar os Domingos, e festas de guarda.

4º Honrar pai e mãe (e os outros legítimos superiores).

5º Não matar (nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo).

6º Guardar castidade nas palavras e nas obras.

7º Não furtar (nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo).

8º Não levantar falsos testemunhos (nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo).

9º Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos.

10º Não cobiçar as coisas alheias.

Estes dez Mandamentos resumem-se em são: Amar a Deu sobre todas as coisas, e próximo como a nós mesmos.

A oração Os Mandamentos da Lei de Deus é, provavelmente, aquela onde as marcas diacrónicas são mais abundantes e, concomitantemente, mais evidentes. Verificam-se, quer a nível lexical, quer a nível estilístico, diferenças significativas. Repare-se, por exemplo, na forma como a oração era proferida no texto do século XVIII – “Guardarás os Domingos”, que tem como expressão correspondente, no texto do século XX – “Santificar os Domingos”. De modo análogo, a expressão “Não fornicarás” é substituída, no registo do século XX, por um eufemismo, resultando – “Guardar castidade”.

No que respeita ao nono mandamento, no texto do século XX, os conteúdos parecem suavizar-se. Se no século XVIII se proferia “Não dezejarás a mulher do teu próximo”, este imperioso princípio parece adquirir contornos mais amplos e globais, como se pode verificar pela expressão: “Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos”, pois a pureza das condutas não se cinge apenas à contenção do desejo pela “mulher do próximo”, como também a outros campos da realidade. É necessário que o espírito se mantenha numa contenção de atitudes, na temperança dos desejos e na clareza e pureza de pensamentos.

Verificam-se, igualmente, diferenças notórias ao nível do domínio morfológico e das estruturas sintáctica e enunciativa, com uma diferença fortemente marcada nas modalidades jussivas – o uso do modo imperativo, no texto do século XVII: – “**Naõ matarás**”; “**Naõ fornicarás**”; “**Naõ furtarás**”; “**Naõ levantarás**” – é substituído pelo modo infinitivo, no texto do século XX – “**Não matar**”; “**Guardar castidade**”; “**Não furtar e Não levantar**”.

Um último aspecto reside na formulação declarativa/enumerativa – “Estes dez Mandamentos se encerraõ em dois: convém a saber” – que tem como correspondente, no século XX: “Estes dez Mandamentos resumem-se em dois, que são”. Centrando ainda a nossa atenção nestas expressões, verificamos que existe uma alteração que merece ser anotada e que diz respeito à posição dos clíticos. Na expressão “**se encerraõ**”, relativamente ao texto de *Escola Nova*, o pronome átono *se* antecede o verbo, ao passo que na expressão que lhe corresponde no século XX “resumem-**se**”, o clítico procede o verbo.

ACTO DE CONTRIÇÃO

Escola Nova

Século XVIII

Senhor meu Jesus Christo, Deos, e Homem verdadeiro, Creador, e Redemptor meu, em quem creio firmemente, por serdes vós quem sois; e porque vos amo, e estimo sobre todas as couzas, me peza muito de todo o coração de vos haver offendido; mas proponho com a vossa graça de nunca mais vos tornar a offender; e das offendas que vos tenho feito, vos peço perdão, e o espero alcançar pelos merecimentos de vosso precioso sangue, sacratissima morte, e Paixaõ. Amen.

Século XX

Meu Deus, porque sois infinitamente bom e Vos amo todo o meu coração: pesa-me de Vos ter ofendido, e com o auxílio da Vossa divina graça, proponho firmemente emendar-me e nunca mais Vos tornar a ofender. Peço e espero o perdão das minhas culpas pela Vossa infinita misericórdia. Amen.

Deparamo-nos nesta última oração com uma simplificação notória. Apesar de os conteúdos serem basicamente os mesmos, assiste-se a uma mudança nas modalidades de expressão. O registo correspondente ao manual *Escola Nova* é mais extenso e desenvolvido, concorrendo para este efeito os numerosos atributos conferidos à entidade divina: “verdadeiro”, “Creador”, e “Redemptor” que são substituídos pelos advérbios, “infinitamente” e “bom”. A formulação discursiva assenta em termos marcadamente valorativos: “creio firmemente”; “porque vos amo, e estimo sobre todas as”, entre outras que pululam nesta oração.

O confronto destes textos com três séculos de distância demonstra a variação que a língua foi sofrendo com o passar do tempo. Apesar de já no século XVI o português estar “quase completamente fixado como idioma escrito”⁹⁷, ainda nos textos do século XVIII se verificam alguns aspectos de carácter fónico, morfossintáctico, bem como as alterações a nível lexical e semântico que diferem do português actual.

⁹⁷ Pilar Vásquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70, 1980, p. 190.

5. Considerações finais

1. A *Escola Nova Cristã e Política* é um pequeno manual pedagógico que deve ter servido para escolarizar muitos milhares de portugueses, desde 1756 até aos primeiros decénios do século XIX. Ensinava as primeiras letras e transmitia também um conjunto de saberes elementares que deveriam ser suficientes para integrar e distinguir socialmente os indivíduos que começaram a aceder, cada vez em maior número, ao privilégio de saber ler e escrever. A *Escola Nova Cristã e Política* ocupou um lugar certamente importante, no progrediente processo de institucionalização da escola primária e no correspondente percurso de democratização da escrita e da leitura. Independentemente dos seus conteúdos, só pela sua dinâmica escolarizante, merece ser considerada como um testemunho eloquente da história do ensino e da cultura em Portugal. Para além destes aspectos, a sua leitura é ainda particularmente gratificante como documento linguístico e como lugar de encontro com uma fascinante personagem do século XVIII, que é o impressor e homem de letras Francisco Luís Ameno.

2. O percurso biográfico de Francisco Luís Ameno pautou-se por uma série de indefinições e ambiguidades. Se, por um lado, existem documentos que clarificam com exactidão passagens da sua vida, nomeadamente a certidão de baptismo e registos de matrícula, deparamo-nos, por outro lado, com dúvidas e incertezas que poderão ter sido deliberadamente criadas pelo autor.

Há, com efeito, um período relativamente extenso da sua vida, difícil de decifrar. Depois da sua breve e discreta passagem por Coimbra, estabeleceu-se anos mais tarde em Lisboa onde abriu a sua oficina tipográfica. Mas não se dedicou apenas à impressão, pois foi também autor, tradutor e compilador das suas publicações.

3. O considerável número de exemplares que saiu dos seus prelos revela a enorme importância deste tipógrafo no espaço editorial da língua portuguesa, não só pela quantiosa difusão de obras impressas, mas também pela qualidade dos seus títulos e pela intenção, certamente deliberada, de intervir na formação cultural e na escolarização dos seus contemporâneos. Foi, de facto, notável a acção desenvolvida por Ameno nos diferentes domínios.

As obras que editou, especialmente as de carácter didáctico, linguístico-literário e metalinguístico, revelam a preocupação do autor com o estudo e a promoção da língua portuguesa e algumas delas mereceram destaque no nosso trabalho.

4. Assim, no âmbito da produção metalinguística, demos particular atenção ao *Dicionário Exegético*, um trabalho erudito que denota o desejo do autor de depurar e racionalizar a língua portuguesa, manifestando a necessidade de esclarecer o significado dos vocábulos menos frequentes. Apesar da sua pequena dimensão, formato “in octavo”, com trezentas páginas, o dicionário contempla diferentes aspectos: a ortografia, a acentuação e uma breve compilação de provérbios.

Esta obra testemunha a preocupação do autor com a uniformização da língua e com a divulgação dos vocábulos ignotos. Todavia, este esforço não se reflecte unicamente neste dicionário, mas também na publicação de outras obras de carácter pedagógico-didáctico.

5. Francisco Luís Ameno deve ser lembrado e integrado com toda a justiça, na galeria dos grandes pedagogos portugueses.

A *Escola Nova Cristã e Política* revela a preocupação do autor face às questões pedagógicas e evidencia o seu interesse e empenhamento no ensino das primeiras letras às crianças. A sua missão educativa incide, primeiramente, na doutrina cristã, concebida não só como uma instrução sobre a fé, mas também como um meio de transmissão de conhecimentos e uma base sólida para a formação humana.

A educação é, nesta obra, indissociável do pensamento religioso que conduz o homem para a esfera dos valores e, conseqüentemente, para o Bem. Para tal, é necessário actuar sobre a razão e sobre o coração. O exercício da razão ensina o aluno a ser ponderado e racional, na medida em que acciona o intelecto, permitindo-lhe, assim, moldar os sentimentos e subordinar a conduta aos princípios morais, isto é, ensina-o a ser virtuoso. Este é o principal objectivo do compêndio dedicado à instrução política: facultar ao aluno uma série de preceitos morais e sociais, com o objectivo de lhe proporcionar uma sólida formação.

Se os capítulos iniciais são indispensáveis para facultar normas de civilidade e preparar o indivíduo para a vida em sociedade, também os restantes dedicados a outras ciências permitem que este se eleve culturalmente.

6. O capítulo dedicado ao ensino da leitura sobressai pela sua preponderante importância, uma vez que o seu domínio permite libertar a rudeza do espírito e abri-lo para o campo largo do conhecimento elaborado e cultivado. A leitura proporciona o acesso ao universo das ciências veiculadas pela escrita e facilita a organização de um saber enciclopédico.

Para Ameno, a maneira de aprender a ler bem consiste em bem dizer e pronunciar. O autor de *Escola Nova* sabe que o homem para se exprimir, para persuadir, agradar e convencer, tem, em primeiro lugar, de falar correctamente, ou seja, saber dizer. Interessa na formação do menino cristão prepará-lo no sentido de o tornar eloquente e erudito, pois é através da erudição, da eloquência e da formação moral que o homem se eleva. Saber ler e saber pronunciar para falar correctamente, garantem “a capacidade de se exprimir” e alarga a dimensão da *humanitas*. Para maior eficácia na obtenção destes objectivos, o autor tece neste capítulo considerações sobre os métodos mais adequados que deviam ser adoptados pelos mestres.

Na parte destinada às "Regras Geraes para Aprender a Ler", Ameno enumera uma série de preceitos a ter em conta e que dizem respeito à postura do corpo, ao modo de pegar na pena, de elaborar as tintas e apela à atenção dos mestres, no sentido de evitar os dislates dos alunos.

No capítulo dedicado às "Regras da orthografia", o autor teoriza sobre a ortografia, a pronúncia, a pontuação e acentuação, revelando o aprofundado domínio desta matéria.

7. Os capítulos referenciados detiveram o nosso particular interesse, não por descurarmos o ensino da aritmética e da geografia, que também é contemplado neste manual, mas por considerarmos que é sobretudo nos capítulos que visam a instrução política, o ensino da língua e da leitura que o autor põe em evidência o seu sentido pedagógico, fundamentado na sua experiência de mestre das primeiras letras. Ameno distancia-se do modelo do mestre teorizador autoritário, problematiza o processo ensino-aprendizagem, pondera e tece considerações sobre a eficácia/ineficácia das metodologias adoptadas.

8. Para além dos aspectos mencionadas, convém ainda retomar a importância deste documento para o estudo da língua. Com efeito, o século XVIII corresponde a um momento crucial da história do nosso idioma. A *Escola Nova Cristã e Política* é, a este propósito, um excelente documento. Valorizamos a análise das soluções ortográficas e, mais especificamente, a parte relativa aos grupos consonânticos latinos, pela importância do processo de relatinização que atravessa o século XVIII. Focámos ainda os aspectos lexicais, morfossintácticos, relevando algumas diferenças entre o texto setecentista e o português actual.

9. Sabemos que não esgotámos as possibilidades de análise da obra, nem do preenchido percurso biográfico do seu autor nas diversas vertentes. Tal tarefa exigiria um estudo mais sistemático e moroso que não é compatível com um trabalho desta índole.

Cremos, contudo, ter cumprido o nosso objectivo: contrariar o esquecimento a que foram votadas as obras e a memória desta importante figura do panorama cultural português.

Esperamos ainda poder com esta reflexão despertar a curiosidade e prestar, assim, um contributo para investigações futuras.

Bibliografia

Fontes manuscritas

Arquivo Distrital de Bragança, Certidão de Baptismo de Francisco Luís Ameno, ADBGC/PRQ/PVM503/Cx1 Lv1, f.141.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João V*, livro 106, f. 235- 235v.

Arquivo da Universidade de Coimbra, *Livro de Matrículas*, 1727-128 – IV/1ª D/ III/53 – fl.313v.

Arquivo da Universidade de Coimbra, *Livro de Matrículas*, 1728-1729 – IV/1ª D/ III/54 – fl.107v.

Biblioteca Nacional, *Relação da livraria de Francisco Luís Ameno* (COD. 913, f. 163-166).

Fontes impressas

ADÃO, Áurea, *Estado absoluto e ensino das primeiras letras. As escolas régias (1772-1794). Textos de educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

ALEXANDRE, Maria Isabel Vieira Martins, *Inventário dos livreiros, impressores e mercadores de livros de Lisboa, no Séc. XVIII, citados na Gazeta de Lisboa*, 1985.

AMENO, Francisco Luís, *Escolla Nova Chirstã e Política*, Lisboa, Officina Joaquim Bulhoens, 1799.

AMENO, Francisco Luís, *Escolla Nova Chirstã e Política*, Lisboa, Officina Joaquim Bulhoens, 1813.

AMENO, Francisco Luís; *Diccionario Exegético que declara a genuína e própria significação dos vocábulos da língua portugueza*, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco de Luiz Ameno, 1781.

BARATA, José Oliveira, “Ameno, Francisco Luís”, *Biblos, Enciclopédia Verbo das Literaturas da Língua Portuguesa*, Lisboa, Verbo Editora, 1995, vol. 1, pp. 216-218.

_____, *António José da Silva criação e realidade*. Dissertação de Doutoramento. Coimbra, Serviço de Documentação e Publicações da Universidade, 1985, vv. I e II.

CARVALHO, Rómulo de, *História do ensino em Portugal*, 2ª ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

COELHO, Adolfo, *Para a história da instrução popular*, Introdução, notas, traduções e bibliografia de Rogério Fernandes, Lisboa, Instituto Gulbenkian de Ciência, 1973.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do português contemporâneo*, Lisboa, edições João Sá da Costa, Lda., 1986.

DEUSDADO, Manuel António Ferreira; *Educadores portugueses. Bosquejo histórico de puericultura*, Coimbra, Livraria Franco Amaro, 1909.

FERREIRA, António Gomes Alves, *A criança no Portugal de setecentos, contributos para o estudo da evolução dos cuidados e atitudes para com a infância*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1996.

FONSECA, Martinho Augusto da, *Subsidios para um dicionario de pseudonyms iniciaes e obras anonimas de escriptores portuguezes*. Reprodução fac-similada pela edição de 1896, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972.

GAMA, Angela Maria, *Livreiros, editores e impressores em Lisboa no sec. XVIII*, Arquivo de Bibliografia Portuguesa, n.º 49/52, 1967, pp. 8-81.

GOMES, Ferreira, J., *Martinho de Mendonça e sua obra pedagógica*, com a edição crítica dos Aparentamentos para a educação de hum menino nobre, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1964.

MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca lusitana*, Coimbra, Atlântida, 1965-1967.

MACHADO, José Pedro, *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 5ª ed., Lisboa: Livros Horizonte, 1989.

MARQUILHAS, Rita, *O original da imprensa e a normalização gráfica no século XVIII* Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa 1988.

MENÉNDEZ; Fernanda Miranda, *A «Construção do discurso» setecentista dos processos discursivos à história da Língua*. Dissertação de Doutoramento em Linguística. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1997.

PEIXOTO, José Carlos Gonçalves, *Pensamento social e pedagógico de D. Frei Caetano Brandão*, Braga, Oficinas gráficas do Diário do Minho, Lda, 1991.

RIBEIRO, José Vitorino, *A imprensa nacional de Lisboa. Aparentamentos e subsídios para a sua história 1768-1912*, Lisboa, Imprensa Nacional 1912.

RODRIGUES, A., Gonçalves, *A tradução em Portugal: tentativa de resenha cronológica das traduções em língua portuguesa excluindo o Brasil de 1495 a 1950*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992.

ROCHA, Maria Helena Pereira, da, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

SILVA, Inocêncio Francisco da et alii, *Dicionário bibliográfico português: estudos de Inocêncio Francisco da Silva aplicáveis a Portugal e ao Brasil*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1973.

VERDELHO, Telmo, *História da língua portuguesa*. Aveiro, Universidade de Aveiro, 1997.

_____, “Garrett e o pensamento normativo na língua portuguesa”, *Colóquio Letras*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Julho-Dezembro de 1999.

VERNEY, Luís António, *Verdadeiro Método de Estudar* – edição organizada por António Salgado Júnior, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1949.vol. I,

ANEXO I – Lista alfabética dos autores editados por Ameno

FRANCISCO LUÍS AMENO
Lista alfabética dos autores editados

		<i>Coleção de muitos, e excelentes papeis politicos, militares, istoricos, elogios funebres, panegyricos, oratorios, comicos, poeticos, astrologicos, mathematicos, impreços, e manuscritos, antigos, e modernos [Manuscrito]</i> 1781 Siqueira, Manuel Franco de Livraria Antiquária do Calhariz	
		<i>Culto funebre à memoria sempre saudosa do... Senhor D. João V Rey de Portugal</i> 1750 Ameno, Francisco Luís	
		<i>D. João de Nossa Senhora da Porta, conego regular de Santo Agostinho, por mercê de Deos, e da Santa Sé Apostolica Bispo de Leiria... a todos os Fieis desta nossa Diocese..</i> 1759 Leiria. Bispo, 1746-1760 (João Cosme da Cunha) Ameno, Francisco Luís	
		<i>Diario dos sucessos da Nova Colonia do Sacramento, ou Relação das ephocas em que foi povoada pelos portuguezes, dos sitios que lhe poseram os hespanhoes, particularmente o governador de Buenos Ayres, D. Miguel de Salcedo, sendo governador da mesma o brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos no anno de 1735] [Manuscrito]</i> [depois de 1735] Silva, Silvestre Ferreira da, fl. 17--- Congregação da Missão (Lisboa)	
		<i>Diccionario geographico</i> P. LUIZ CARDOZO (v. Dicc., tomo V, pag. 278). .. A mim me disse Manuel Pereira, official que trabalhava na officina do Ameno, onde se imprimiram os taes livros, ...	
		<i>Drama intitulado Alexandre na India [Manuscrito</i> 1783 Mar. 28 Metastasio, Pietro, 1698-1782 Oliveira, António José de Ameno, Francisco Luís	
		<i>Egloga ao... Senhor Sebastião Joseph de Carvalho e Mello...</i> 1757 Quita, Domingos dos Reis, 1728-1770 Ameno, Francisco Luís	
		<i>Elegia in augustissimum, ac fidelissimum Josephum I, lusitaniae regem ad Rempublicam feliciter adeuntem</i> 1750 Melo, António José de 1734- Ameno, Francisco Luís	
		<i>Elogio historico de Joseph Rebello Palhares...</i> 1757 Porciuncula, António da, fl. 1757, O.S.S.T. Ameno, Francisco Luís	
		<i>Elogio poetico, canto heroico ao Senhor Joseph de Vasconcellos Sarmento e Sá</i>	

		1750 <i>César, Claudio, fl. 1750</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	
		<i>Immaculatae Dei Matris Mariae à primo instanti suae conceptionis : parthenius paeon per argumenta in octo elegiacis canticis... 1752, Vaccari, Dominico Maria, fl. 1752, Francisco Luís Ameno</i>	
		Maximas de Salomão commentadas por hum anonymo na lingua Franceza, e traduzidas no idioma Portuguez por huma curiosa, Lisboa : na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno 1762, (16), XX, 415, (8) p. ; ; 4 (22 cm)	
		<i>Relaçam dos felices successos da India... no governo do... Senhor D. Pedro Miguel de Almeida e Portugal, Marquez de Alorna, Conde de Assumar</i> 1748-1749 <i>Meireles, Manuel António de, 1715-?</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	
		<i>Relação da morte, e caracter do Principe Eugenio de Saboya [Manuscrito</i> [depois de 1736] Tarouca, 4 Conde de, 1671-1738 Tarouca, Família	
		<i>Relação do formidavel, e lastimoso terremoto succedido no Reino de Valença no dia 23 de Março deste... anno de 1748...</i> 1748 <i>Ameno, Francisco Luís</i>	
		<i>Theatro comico portuguez, ou collecção das operas portuguezas, que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa...</i> 1747-1761 <i>Silva, António José da, 1705-1739</i> <i>Corvete, Roberto</i> <i>Ameno, Francisco Luís, 1713-1793</i> <i>Debrie, Guilherme Francisco Lourenço, ?-1755</i> Segunda impressão, Lisboa : na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, 1747-1761, 4 v. : il. ; 8'(16 cm) (Os 1 e 2 v. ostentam portadas de Debrié) contém : 1 v.: Vida de D. Quixote de la Mancha; Esopaida, ou Vida de Esopo; Os encantos de Medéa; Amphitryão, ou Jupiter, e Alcmena / António José da Silva. - [22], 494, [4] p. - 2 v.: Labyrintho de Creta; Guerras do alecrim, e mangerona; Variedades de Protheo; Precipicio de Faetonte / António José da Silva. - 538, [4] p. - 3 v.: Adolonimodonia; A ninfa Siringa; Novos encantos de amor; Adriano em Syria. - Lisboa : na Of. Patr. de Franc. Luiz Ameno, 1760. - 452 p. - 4 v.: Filinto; Encantos de Circe; Semiramis; Encantos de Merlim. - Lisboa : na Of. Patr. Franc. Luiz Ameno, 1761. - 391 p.	
AIRES	MATIAS V. EÇA		
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Elogio (segundo) na morte de Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Dom Francisco de Almeida Mascarenhas, [...]</i> <i>Ameno, Francisco Luís, Oficina Silviana</i>	***
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Escola nova christã e politica</i> 1799, reed.1813	

AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Indice geral de todos os appellidos, e cousas notaveis que se comprehendem nos dezenove tomos da Historia genealogica da Casa Real portugueza.</i> Lisboa, na Regia Offic. Silviana 1749. fol.-Por inadvertencia lancei no tomo I do <i>Diccionario</i> , n.º A, 491 este <i>Indice</i> , por modo que parece ser obra do mesmo auctor da <i>Historia</i> , D. Antonio Caetano de Sousa, quando é realmente um trabalho (posto que ingrato, mui util para os que têm de compulsar aquella vastissima collecção) emprehendido pela diligente curiosidade do impressor Ameno.	
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793) Alvim	<i>Temistocles: opera de Metastasio, traduzida.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno (sem data). 8.º de 160 pag. (em prosa, com as arias, etc., em verso lyrico, sob o nome de Fernando Lucas Alvim, supposto traductor)	
ANDREA	HENRIQUE DE (1711-?)	<i>A verdadeira fé triumphante. Explicação do mysterio da Sanctissima Trindade. Disputa entre um hebreu e um christão. Obra de Jacome Cavalli, traduzida do italiano.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de XLIV - 222 pag. (Traz no principio um epitome da vida do auctor, judeu convertido.) A noticia d'esta obra escapou ás indagações do abbade Barbosa, que alias faz menção do nome do traductor. É ainda mais para extranhar, que d'ella não tivesse noticia Antonio Ribeiro dos Sanctos, que havendo-a, não deixaria por certo de incluil-a no seu <i>Ensaio de Bibliotheca Lusitana antirabbínica</i> , que anda no tomo VII das <i>Mem. de Litter.</i> Da Academia, de pag. 308 em diante.	
BAIÃO	JOSÉ PEREIRA V. Figueiredo, Manuel de		
BERREDO	BERNARDO PEREIRA DE, (+1748)	<i>Annaes Historicos do estado do Maranhão, em que se dá noticia do seu descobrimento, e tudo o mais que n'elle tem succedido desde o anno em que fôí descoberto até o de 1718.</i> Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno 1749. fol. de XXVI-710 p	
CARDOSO	JOSÉ MARQUES	<i>Elementos da arte militar</i> , impressa na off. de Francisco Luiz Ameno. 8.º de VIII-284 pag., e mais 5 innumeradas no fim, e 2 estampas. (v <i>Dicc.</i> , tomo V, pag. 59).	
CONTRERAS	LUIZ TELLES DE MIRANDA E	<i>Funebres saudades, clamores tristes que na morte do? fidelissimo monarcha e sempre memoravel senhor D. João V, offerece ao magnificentissimo rei D. José</i> , etc. Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, MDCCII. 4.º de IV-6 pag.— Consta de 12 oitavas e 2 sonetos.	
COSTA	JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA 1757- 1832	Correcção de maos costumes pelos sete vicios sextinas liricas por Joseph Daniel Rodriguez da Costa, na Off. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1786, 16 p.	
COSTA	JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA 1757- 1832	Mudança das estrellas, que nos felicissimos desposorios da... Infanta de Hespanha D. Carlota Joaquina de Borbon com o... Infante de Portugal D. João... dedica e consagra Joseph Daniel Rodrigues da Costa PUBLICAÇÃO Lisboa : Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1785 DESC. FÍS. 15, [1 br.] p. ; 4 (20 cm) REF. EXT. UCBG 6530 TÍT. UNIF. Mudança das estrellas...	
LISBOA v. Freire	AMADOR PATRICIO DE		
ROCHA	P. MANUEL RIBEIRO	<i>Ethiope</i> (n.º 1226) impressa na offic. de Francisco Luiz Ameno; tem XXXVI-367 pag. (v. <i>Dicc.</i> , tomo VI, pag. 91).	

SARRE	P. JOSÉ ANTONIO DE	<i>Sermão gratulatorio prégado na igreja de Nossa Senhora da Conceição da cidade da Bahia, pelas melhoras de el-rei D. José I.</i> Lisboa, na off. de Francisco Luiz Ameno... 4.º de XVI-46 pag	
SILVA	ANTONIO JOSÉ DA (1705-1739)		
SILVA	D. LEONOR THOMASIA DE SOUSA E. (Vej. Francisco Luis Ameno.)		
SILVA	JULIÃO FERNANDES DA	<i>Exame de sangradores.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis? Ameno 17... 8.º.	
VERNEY	LUIS ANTONIO, (1713-1792)		
MELLO	JOSÉ MASCARENHAS PACHECO PEREIRA COELHO DE (1720-?)	<i>A el-rei D. Joseph I nosso senhor, no dia da sua exaltação ao throno. Romance hendecasyllabo.</i> Sahiu nos <i>Jubilos de Portugal etc.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1740. 4.º Vem a pag. 19.	1740
LISBOA,	D. FR. CHRISTOVAM DE (irmão de Manuel Severim de Faria) +1652.	<i>Consolação de afflictos e allivio de lastimados. Dialogo entre dous philosophos Vacrisso e Pontonio. No qual se mostra o justo e devido sentimento que deve haver nas adversidades humanas.</i> Lisboa, por Antonio Isidoro da Fonseca 1742. 8.º de XX-192 pag.- Sahiu posthuma por diligencia de Francisco Luis Ameno.-	1742)
		<i>Vieira defendido, dialogo apologetico em que se mostra que não é o verdadeiro auctor do livro intitulado Arte de Furtar o P. Antonio Vieira da Companhia de Jesus; respondendo-se ás razões de uma nova Dissertação em que se impugnando os fundamentos da Carta Apologetica se pretende mostrar que a dita Arte é obra do mesmo padre. Escrita por um zeloso da memoria illustre deste insigne escriptor e offerecido ao senhor Joseph Felix Ribeiro... por Francisco Luiz Ameno. Lisboa na Reg. Offic. Silviana. 1746. Opúsculo de XII + 67 pág. da autoria do P. Francisco José Freire.</i>	1746
SOUSA	JOSÉ DE, (1680-1744)	<i>Collecção de algumas obras posthumas, que em prosa e verso deixou José de Sousa, cégo desde o berço. Feita e offerecida ao sr. desembargador Diogo de Sousa Mexia, do conselho de S. M. etc., por Francisco Luis Ameno.</i> Lisboa, na Regia Offic. Silviana 1746. 8.º de XLVIII-270 pag.	1746
VIEIRA	P. ANTONIO (1608-1697)	<i>Voz Sagrada politica, rhetorica, e metrica ou supplemento as Vozes Saudosas.</i> Lisboa. Na Officina de Francisco Luiz Ameno MDCCXLVIII. - XL+247 pág	1747
ARAÚJO	P. JOSÉ DE, (1680: -c. 1759)	<i>Reflexões apologeticas á obra intitulada «Verdadeiro methodo de estudar etc.»</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º de VI-66 pag. (Vej. Luis Antonio Verney). - Este opusculo sahiu com o nome supposto de Fr. Arsenio da Piedade.	1748
BARBOSA	D. JOSÉ 1674-1750	<i>Historia da fundação do real convento do Sancto Christol das religiosas capuchinhas francezas.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º de XVI-477 pag	1748
CARVALHO	GUILHERME TEIXEIRA DE	<i>Sermão nas exequias do excellent. e reverend. senhor D. Joseph Fialho Bispo de Parnambuco [sic], ...</i> , Lisboa, na Officina de Francisco Luiz Ameno, Impressor da Congregação Cameraria da S. Igreja de Lisboa, MDCCXLVIII	1748

FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Arte Poetica, ou regras da verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tractadas com juizo critico. Dedicada ao sr. Filippe de Barros e Almeida, Cavalleiro da insigne ordem militar de S. João de Malta.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1748. 4.º de LII-431 pag. -	1748
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Methodo breve e facil para estudar a historia portugueza formado em umas taboas chronologicas e historicas dos Reis, Rainhas e Principes de Portugal, filhos illegitimos, Duques, Duquezas de Bragança, e seus filhos.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º de XXXII-336 pag. – Comprei um exemplar por 400 reis.	1748
JORDÃO	FRANCISCO DE ALMEIDA (1712-?)	<i>Cintra (Relação do castello e serra de) e do que ha que ver de raro em toda ella, por Francisco de Almeida Jordão.</i> Lisboa, imp. de Francisco Luiz Ameno, 1748, 4.o de VIII-35 pag.	1748
JORDÃO	FRANCISCO DE ALMEIDA, (1712- c.1759)	<i>Relação do castello e serra de Cintra, e do que ha que ver de raro em todo elle, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º de VIII-35 pag.	1748
MEIRELLES	MANUEL ANTONIO DE,	<i>Relação dos felizes successos da India, desde 20 de Dezembro de 1746 até 28 do dito de 1747, no governo do ill.mº e ex.mº sr. D. Pedro Miguel de Almeida e Portugal, marquez d'Alorna. conde de Assumar, etc. Parte 3.ª</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º.	1748
PAIVA	MANUEL JOSÉ DE (1706-p.1759)	<i>Governo do mundo em secco, palavras embrulhadas em papeis, ou escriptorio da Razão: exposto no progresso de um dialogo em que são interlocutores um letrado e seu escrevente, e as mais pessoas que se propuzerem Auctor Sylvestre Sylverio da Sylveira e Sylva.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º	1748
PORTUGAL	D. JOSÉ MIGUEL JOÃO DE, (1776)	<i>Elogios das Princezas portuguezas, descendentes do primeiro Duque de Bragança, que tiveram soberania.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 12.º.	1748
RODRIGUES	FR. MANUEL. (3.º), (1697.p.1747)	<i>Sermão de acção de graças na solemnidade consagrada ao glorioso S. Luiz, rei de França, no dia em que celebrava a igreja o glorioso Santo Estevão, rei de Hungria, pelo prodigioso milagre de restituir a falla a Catharina Rosa de Jesus.</i> Ibi, por Francisco Luiz Ameno, 1748. 4.º.	1748
SILVA	SILVESTRE FERREIRA DA,	<i>Relação do sitio que o governador de Buenos-ayres D. Miguel de Salcedo poz no anno de 1735 á nova colonia do Sacramento, sendo governador da mesma praça Antonio Pedro de Vascondellos, brigadeiro dos exercitos de Sua Magestade. Com algumas plantas necessarias para a intelligencia da mesma relação.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º de VIII-107 pag. com cinco estampas gravadas por Ocor.	1748
VIEIRA	P. ANTONIO (1608-1697)	<i>Voz sagrada, politica, rhetorica e metrica ou supplemento ás Vozes saudosas da eloquencia do P. Vieira. Offerecida ao sr. Dr. Joseph de Lima Pinheiro Aragão por Francisco Luis Ameno.</i> Lisboa, 1748 na Off. de Francisco Luis Ameno. 4.o de XL-247 pag.	1748
		<i>Relação verdadeira, e individual do incendio, que se ateou no famoso Templo de S. Antonio na cidade de Padua em a noite de 28 de Março do presente anno de 1749, extrahida de noticias fidedignas vindas da mesma Cidade</i> 1749	1749

		<i>Ameno, Francisco Luís</i>	
ARAÚJO	JOSÉ	<i>Reflexões apologeticas á obra intitulada: «Verdadeiro Methodo de estudar»... expendidas para desaggravo dos portuguezes em uma carta que... escreveu... o P. Fr. Arsenio da Piedade, religioso da provincia dos capuchos. Offerecidas ao ill.mo e ex.mo sr. D. João José Ansberto de Noronha, conde de S. Lourenço etc., Por Nicolau Francez Sion. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1749. 4.º de VI-66 pag. - Attribute-se esta obra ao P. José de Araujo, jesuita. O nome do editor Nicolau Francez Sion é, como se vê, anagramma perfeito de Francisco Luis Ameno, que a imprimiu.</i>	1749
CASTRO	DAMIÃO ANTONIO DE LEMOS FARIA E (1715-1789)	<i>Epidictico luctuoso, obsequioso epicedio do Ex.mo Sr. D. Francisco de Portugal e Castro, Marquez de Valença. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1749. 4.º</i>	1749
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Elogio do ill.mo e ex.mº sr. D. Francisco Paulo de Portugal e Castro, segundo Marquez de Valença. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1749. 4.º de IV-50 pag.</i>	1749
MEIRELLES	MANUEL ANTONIO DE,	<i>Relação dos felizes successos da India, desde o 1.º de Janeiro até o ultimo de Dezembro de 1748, no governo do ill.mº e ex.mº sr. D. Pedro Miguel de Almeida, etc. Parte 4.ª Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1749. 4.º.</i>	1749
MEXIA	BARTHOLOMEU DE SOUSA, (1723)	<i>Elogio do Ill.mo e Ex.mo Sr. D. Francisco Paulo de Portugal, segundo Marquez de Valença, septimo Conde de Vimioso etc. Lisboa, por Francisco Luis Ameno. 4.º de VIII-11 pag. Sahiu com o nome de Maximo Vaz Botelho e Vedras</i>	1749
TEIXEIRA	FR. DOMINGOS (c.1675/80 - 1726)	<i>Vida de D. Nuno Alvares Pereira, segundo Condestavel de Portugal, progenitor da Casa Real pela Serenissima de Bragança, etc. etc. Lisboa, 2ª ed, á custa do livreiro Ignacio Nogueira Xisto: na Offic. de Francisco Luis Ameno 1749. 4.º de VIII-74, pag (1ª. Ed.1723)</i>	1749
CASTRO	DAMIÃO ANTONIO DE LEMOS FARIA E (1715-1789)	<i>Politica moral, e civil, aula da nobreza lusitana autorizada com todo o genero de erudição sagrada, e profana para a doutrina, e direcção dos principes e mais politicos... por? Damian Antonio de Lemos Faria e Castro, Lisboa : Na Offic. de Francisco Luiz Ameno, 1749-1761, 7 v. ; 21 cm</i>	1749-1754(1761)
		<i>JUBILOS DE PORTUGAL na gloriosa aclamação do fidelissimo e augusto monarcha D. Joseph, nosso senhor. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1750. 4.º de 61 pag.</i>	1750
CASTELLO-BRANCO	P. MANUEL ANTONIO DE (1720-)	<i>Sermão do enterro de Christo senhor nosso. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1750. 4.º.</i>	1750
COSTA	MANUEL PEREIRA DA, (1697-p.1768)	<i>Applauso harmonioso com que se celebram algumas acções dos progenitores da ex.ma Casa de Abrantes. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1750. 4.º - São dezeseis sonetos.</i>	1750
FIGUEIREDO	ALBERTO CAETANO DE	<i>Sermão da paixao de Christo nosso Redemptor, prégado na Santa Igreja Patriarcal no anno de 1750... Figueiredo, Alberto Caetano de Ameno, Francisco Luís, 1750</i>	1750
MEIRELLES	MANUEL ANTONIO DE,	<i>Relação dos felizes successos da India desde Janeiro de 1749 até o de 1750, no governo do ill.mº e ex.mº sr. D. Pedro Miguel de Almeida, etc. etc. Parte 5.ª Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1750. 4.º.</i>	1750
MENDONÇA	FRANCISCO XAVIER TEIXEIRA DE (1713-	<i>Petição de revista, que pediu Gonçalo Christovam... da</i>	1750

	post 1758)	sentença proferida a favor de Sebastião José de Carvalho e Mello sobre os morgados que instituíram Pedro de Magalhães e seu filho... vagos por falta de descendentes dos Marquezes de Montalvão, etc. - Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1750. fol. (O que havia de ser Marquez de Pombal) venceu a causa, como era de esperar. Tanto o réo, como o seu advogado, foram presos ao fim de alguns annos, aquelle em 1756 e este em 1758, e passaram-se muitos mais, sem que se soubesse o destino que tiveram. As <i>Allegações</i> parece que foram mandadas recolher, de sorte que se tornaram raras, e pela minha parte declaro que ainda não pude vêr algum exemplar de qualquer d'ellas.)	
MENDONÇA	P. BRAZ DA COSTA DE	<i>Suspiros do Tejo na sentidissima morte do senhor rei D. João V de saudosa memoria.</i> - Em tercetos. Sahiram no <i>Culto funebre á memoria saudosa do mesmo Monarcha</i> , Collecção 2. ^a Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1750. 4.º, a pag. 31.	1750
PORTUGAL	D. JOSÉ MIGUEL JOÃO DE, (1776)	<i>Discurso á Soledade da Virgem senhora nossa.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1750. 4.º de 12 pag.	1750
VALLADARES	MANUEL PACHECO DE SAMPAIO, (c.1673-1737)	<i>Arte de Rhetorica, que ensina a falar, escrever e orar, com uma rhetorica particular; para o uso dos prégadores.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1750. 8.º de xx-196 pag.	1750
		<i>BREVE DO SANCTISSIMO PADRE BENEDICTO PAPA XIV, pelo qual concede para sempre ao serenissimo rei de Portugal D. João V, e aos reis seus successores o titulo de Fidelissimos, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de 7 pag. - Vem primeiro a versão portugueza, e segue-se o texto latino.	1751
CASTRO	DAMIÃO ANTONIO DE LEMOS FARIA E (1715-1789)	<i>Elogio do Em.mo Sr. Nuno da Cunha de Ataíde Cardeal da Sancta Igreja Romana, etc.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de VI-35 pag.	1751
CONCEIÇÃO	JOSÉ MANUEL (1714-1767)	<i>Oração consolatoria recitada na conferencia que a Academia Scalabitana consagrou á saudade da Serenissima Rainha a senhora D. Maria Anna de Austria pela morte de seu fidelissimo esposo o Senhor D. João V... pelo... Padre Mestre Fr. Joseph Manoel da Conceição...</i> , Lisboa : na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1751, [2], 18, [3] p. ; 21 cm	1751
CONCEIÇÃO	FR. JOSÉ MANUEL DA (1714-1767)	<i>Oração consolatoria recitada na conferencia que a Academia Scalabitana consagrou á saudade da serenissima rainha D. Marianna de Austria pela morte de seu fidelissimo esposo o sr. D. João V, em 30 de Novembro de 1750.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de 21 pag.	1751
REBELO	FRANCISCO	<i>Oração funebre e panegyrica para se recitar nas exequias do sabio, pacifico, pio e religioso monarcha o senhor D. João V etc. Por D. Francisco Rebello clérigo regular.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de 26 pag	1751
TEIXEIRA	P. MANUEL LUIS,	<i>Oração funebre nas exequias que á magestade fidelissima do sr. rei D. João V, celebrou na cathedral de Faro em 29 de Agosto de 1750 o ex.mo e rev.mo sr. D. Ignacio de Sancta Theresa, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis	1751

		Ameno 1751. 4.º de VI-38 pag.	
TEIXEIRA	MIGUEL LUÍS,	<i>Oração funebre nas exequias que á magestade fidelissima... do sr. D. João V celebrou na Cathedral de Faro o ex.mo Arcebispo d'aquella diocese, etc. recitado pelo P. Dr. Miguel Luis Teixeira, provisor e vigario geral do mesmo bispado. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de VIII (innumeradas)-38 pag. - Tem no fim uma elegia e varios epigrammas em latim.</i>	1751
TEXEDOR	AFONSO	<i>Discurso sagrado, politico-moral, nas sumptuosas exequias que a muito nobre e mui leal cidade de Sevilha consagrou ao fidelissimo senhor rei D. João V de Portugal e Algarves, no magnifico templo da sancta metropolitana e patriarchal igreja da mesma cidade, etc. Prégado pelo dr. D. Affonso Texedor collegial no collegio maior de Sancto Ildefonso da Universidade d'Alcalá, etc. etc. traduzido da lingua castelhana. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1751. 4.º de XVIII (innumeradas)-28 pag.</i>	1751
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Novenas de Sancta Ignez, Sancta Agueda, da Maternidade de Maria Sanctissima, da Fugida da Senhora, da Pureza da mesma, de Sancta Isabel, S. Camillo de Lellis, e S. Vicente de Paulo.-Sahiram todas (anonymas) insertas nos tomos I a III do Novenario geral, Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1751-1752. 12.º</i>	1751-1752
		<i>AUTO DO LEVANTAMENTO E JURAMENTO que os Grandes, Titulos seculares, Ecclesiasticos, e mais pessoas que se acharam presentes, fizeram ao fidelissimo, muito alto, e muito poderoso senhor D. José I na Corôa d'estes Reinos e senhorios de Portugal, em 7 de Setembro de 1750. Lisboa, por Francisco Luis Ameno. fol.</i>	1752
ARTHUR	MIGUEL LOPES CALDEIRA E, (1703-?)	<i>Elogio funebre do senhor Francisco de Mello, quarto senhor da villa de Ficalho, commendador das commendas de S. Martinho de Pinhel, e S. Pedro de Gouvêa, etc. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1752. 4.º.</i>	1752
AZEVEDO	P. JOSÉ PEGADO DA SILVA E, (1726-1754)	<i>Sermão de Sancto Antonio, na festa que os estudantes conclusionistas da Universidade de Coimbra lhe costumam fazer, na Ermida de Nossa Senhora da Esperança da mesma cidade, prégado em 8 de Maio de 1750. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1752. 4.º de XXVIII-26 pag.</i>	1752
CORREA	D. SEBASTIÃO MARIA,	<i>Oratio in funere Fidelissimi Lusitaniæ Regis Joannis V etc. Ex Typ. Hieronymi Mainard 1752. 4.º - Sahiu tambem impressa em Lisboa, e com a traducção portugueza em frente, cujo titulo e: Oração nas exequias do fidelissimo rei de Portugal D. João V, que em nome de Sua Magestade se celebraram na igreja de Sancto Antonio da nação portugueza. Recitada por Sebastião Maria Corrêa, etc. Traduzida por Manuet Carlos da Silva. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1752. 4.º de VII-35 pag. - De pag. 30 em diante vem: Carta apologetica, em que se impugnem os fundamentos de outra, que Theotonio Montano escreveu a favor das traducções litteraes, e imprimiu na traducção que fez da oração de Luis Antonio Verney.-É assignada por «Patricio Egerio Ulyssiponense», pseudonymo que não sei decifrar. (V. P. Thomas José de Aquino).</i>	1752
EÇA	MATHIAS AYRES RAMOS DA SILVA, D' (1705-a,1770)	<i>Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou discursos moraes sobre os effeitos da vaidade. Lisboa, por Francisco</i>	1752

		Luis Ameno 1752. 4.º-	
SILVA	MANUEL CARLOS DA, (1732-?)	<i>Oração nas exequias do Fidelissimo Rei de Portugal D. João V, que em nome de Sua Magestade se celebraram na igreja de Sancto Antonio da nação portugueza (em Roma). Recitada por Sebastião Maria Corrêa, prelado domestico de S. Sanctidade, e presidente da Capella Real da mesma nação. Traduzida em portuguez por Manuel Carlos da Silva (com o texto em latim). Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1752. 4.º de V-35 pag.</i> Traz no fim uma carta assignada por <i>Patricio Egerio Ulyssiponense</i> , na qual se impugnaram os fundamentos de outra, que <i>Theotónio Montano</i> escrevera a favor das traducções litteraes, e imprimira na traducção por elle feita da <i>Oração</i> de Luis Antonio Verney. (V. P. <i>Thomás José de Aquino</i> .)	1752
VASCONCELLOS	FRANCISCO BOTELHO DE MORAES E, natural da villa da Torre de Moncorvo (1670-1717)	<i>Discurso politico, historico e critico, que em fôrma de carta escreveu a certo amigo, passando deste reino para o de Hespanha, sobre alguns abusos que notou em Portugal.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1752. 4.º de 22 pag. - Pela data da impressão parece ter sahido posthumo	1752
FARO	D. JOSÉ DE	<i>Elogio de Simão dos Sanctos, cavalleiro na Ordem de Christo, sargento mór de batalha, e governador da praça de Castello de Vide.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1753 (e não 1755 como tem Barbosa). 4.º de IV-18 pag.	1753
LIMA	D. LUIZ CAETANO DE	<i>Epigrammata, quibus aliquot gesta Augustissimi Lusitanorum Regis Joannis V, memoriae produntur.</i> Olissipone, apud Franciscum Ludovicum Ameno. 1753. 8.º de 218 pag. (v. <i>Dicc.</i> , tomo V, pag. 238)	1753
PEREIRA	FRANCISCO RAIMUNDO DE MORAES	<i>Annal Indico-Lusitano dos successos quais memoraveis, e das acções particulares do primeiro anno do felicissimo governo do ill.mo e ex.mo sr. Francisco d'Assis de Tavora, marquez de Tavora, conde de S. João, do conselho de estado de S. M. F., vice-rei e capitão general da India, etc etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1753 4.º de VI-89 pag.	1753
VILLAS-BOAS	D. FR. MANUEL DO CENACULO, (1724-1814)	<i>Sanctissimo Domino nostro Benedicto XIV. P. O. M. Exercitationis Liturgicas, in quibus ejusdem B. P. doctrina de Sacrificio Missæ adstruitur et defenditur.</i> Lisbonæ: apud F. L. Ameno 1753. Fol. - Constam de 7 folhas de papel não numeradas, com uma dedicatória ao pontífice.	1753
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>ALMANACHS DE LISBOA.</i> - O primeiro ensaio ou tentativa que n'este genero appareceu em Portugal, e de que até agora obtive noticia, data do anno 1754, e foi emprehendido por industria de Francisco Luis Ameno, um dos mais habéis e intelligentes typographos que n'este reino floreceram	1754
CASTELLO-BRANCO	P. MANUEL ANTONIO DE (1720-)	<i>Carta apologetica a um seu compadre e amigo assistente em Lisboa, sobre o merecimento da obra intitulada «Verdadeiro methodo d'estudar».</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1754. 4.º de 26 pag. - Sahiu sob o anagramma de Teotónio Anselmo Brancanalco. (V. no presente volume o artigo <i>Luis Antonio Verney</i> .)	1754
CASTELLO-BRANCO	MANUEL ANTONIO DE	<i>Carta apologetica que escreveu Theotónio Anselmo Brancanalco... a um seu compadre e amigo, sobre o merecimento da obra «Verdadeiro Methodo d'estudar».</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1854. 4.º de 26	1754

		pag. - O referido nome é anagramma de Manuel António de Castello-branco.	
CASTRO	DAMIÃO ANTONIO DE LEMOS FARIA E (1715-1789)	<i>Relação panegyrica, jubilos do Algarve na feliz entrada que o Ex.mo Sr. D. Rodrigo Antonio de Noronha e Menezes fez em Lagos no 1.º de Abril de 1754.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1754. 4.º de 70 pag. Consta de prosa e verso.	1754
COSTA	JOÃO CARDOSO DA (1693-c. 1760)	Memorial histórico da criação do mundo celeste e do mundo elemental por João Cardoso da Costa, Lisboa : na off. de Francisco Luiz Ameno, 1754, [18], 391 p. ; 21 cm	1754
FERREIRA	FR. ANTONIO DAS ONZE MIL VIRGENS (1717-1761)	<i>Oração funebre, historica e panegyrica nas exequias do Rei Fidelissimo D. João V celebradas em Vianna do Alemtejo.</i> Ibi, na Off. de Francisco Luis Ameno 1754. 4.º	1754
OLIVEIRA	JOSÉ MONTEIRO DE (+1756)	<i>Perfeito contador, Arithmetico portuguez. Obra utilissima para se saberem ajustar todo o genero de contas nas suas especies etc.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1754. 4.º	1754
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Achilles em Sciro, opera composta em italiano por Pedro Metastasio, e traduzida em portuguez, etc.</i> Lisboa, na Imp. de Francisco Luis Ameno 1755. 8.º de 73 pag. (traduzida em verso, sahio anonyma, e ignora-se se pertence, ou não, a Francisco Luis Ameno)	1755
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Alexandre na India: opera composta por Metastasio, traduzida em portuguez.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1755. 8.º de 82 pag.	1755
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Antigono em Thessalonica: opera etc. traduzida...</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1755. 8.º de 67 pag.-	1755
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Demofonte em Thracia: opera etc. traduzida...</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1755. 8.º de 80 pag.	1755
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Zenobia em Armenia: opera etc. traduzida...</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1755. 8.º de 61 pag.	1755
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793) Alvim	<i>Semiramis reconhecida: opera do abbade Pedro Metastasio, traduzida, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1755. 8.º de 93 pag. (em prosa, com as arias, etc., em verso lyrico, sob o nome de Fernando Lucas Alvim, supposto traductor)	1755
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793) Alvim	<i>Theatro dramatico, ou collecção das operas que compoz na lingua italiana o abbade Pedro Metastasio, traduzidas em portuguez por Fernando Lucas Alvim.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1755. (D'estas seis operas, a primeira, que é traduzida em verso, sahio anonyma, e ignora-se se pertence, ou não, a Francisco Luis Ameno: as outras cinco, que são em prosa, sahiram todas sob o pseudonymo de Fernando Lucas Alvim, que e quasi o anagramma perfeito do nome do traductor, que consta ser sem duvida o dito Ameno. Todas seis costumam andar juntas enquadernadas em um só volume, e com um frontispicio geral, que diz:...))	1755
COSTA	MANUEL PEREIRA DA, (1697-p.1768)	<i>Achilles em Sciro: opera de Pedro Metastasio, traduzida em verso portuguez.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1755. 8.º de VI-73 pag. - Sem o nome do traductor.	1755
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Apparato Critico para a correcção do Diccionario intitulado: «Prosodia in vocabularium bilingue digesta»:</i> Offerecido aos que seriamente quizerem cuidar da sua emenda e reimpressão. Lisboa, 1755 na Off. de Francisco Luis Ameno. 4.º de 67 pag. Sahiu com o nome de André	1755

		Lucio de Resende.	
PACHECO	CORNÉLIO	Oração funebre, que recitou O. M. R. Padre Cornelio Pacheco da Companhia de Jesus Na Igreja de Nossa Senhora da graça do Real collegio da Cidade de Olinda nas exequias, ... de Antonio Borges Fonseca, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1755	1755
PAIVA	MANUEL JOSÉ DE (1706-p.1759)	<i>Oratorio Christão</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1755. 12.º	1755
VASCONCELLOS	P. MANUEL DE MACEDO PEREIRA DE, (1726-p.1788),	<i>Elogio de João Friderico, presbytero da Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1755. 4.º de 21 pag.-Sem o nome do auctor	1755
		<i>Problema Mariano...</i> 1756 <i>Ferreira, António das Onze Mil Virgens, 1717-1761, O.F.M.</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1756
		<i>Terræmotus... Poetica Descriptio, deque ejus causis poetica itidem dissertatio</i> , por José Xavier deValladares e Sousa. Ibi, Typ. de Francisco Luis Ameno 1756. 4.º - Diz Barbosa que consta de 128 distichos.	1756
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793) (D. Leonor Thomasia de Sousa e Silva,)	<i>Escola nova, christan e politica, na qual se ensinam os primeiros rudimentos que deve saber o menino christão, e se lhe dão regras para com facilidade aprender a ler, escrever e contar</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1756. 8.º - Sahiu com o nome supposto de D. Leonor Thomasia de Sousa e Silva.-Segunda edição, ibi, na Imp. Regia 1813. 8.º	1756
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Novo Methodo de Grammatica Latina, para uso das escholas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades. Ordenado e composto pela mesma Congregação</i> . Lisboa, 1756 <i>Terceira Edição</i> . na Off. de Francisco Luis Ameno. 8.o-No prologo da Syntaxe se cortou o que dizia respeito ao Mercurio Grammatical. Foi a primeira publicada com o nome do auctor.	1756
MIRANDA	THEODORICO SOARES DE,	<i>Peregrinação constrangida com nova mathematica descoberta. Dialogo entre um doutor e um estudante</i> . Lisboa, na Offic. Patriarchal de Francisco Luis Ameno, 1756. 4.º de 37 pag. Trata dos terremotos e de outros phenomenos physicos e astronomicos a proposito do terremoto do 1.º de novembro 1755 e com pouca ou nenhuma sciencia; é antes uma collecção de paradoxos e futilidades	1756
PADILHA	PEDRO NORBERTO DE AUCOURT E, (1704-?)	<i>Carta em que se mostra falsa a profecia do terremoto do 1.º de Novembro de 1755</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1756. 4.º de 16 pag. - Sem o nome do auctor, e tendo no fim a assignatura «Epicureo Alexandrino.»	1756
PADILHA	PEDRO NORBERTO DE AUCOURT E, (1704-?)	<i>Effeitos raros e formidaveis dos quatro elementos, que escreve e dedica ao senhor infante D. Manuel, etc</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1756. 4.º de XXIV-154 pag. - Obra escripta para confortar os animos, atterrados com os effeitos do terremoto do 1.º de Novembro antecedente.	1756
QUITA	Domingos dos Reis (1728-1770)	<i>Sylva no lamentavel terremoto do primeiro de Novembro de 1755...</i> , 1756, Francisco Luís Ameno	1756
		<i>Observador (O) hollandez ou primeira carta de Mons Van** a Mons. H. da Haya sobre o estado presente dos negocios da Europa</i>	1757

		1758 <i>Silveira, António José de Miranda e Ameno, Francisco Luís</i>	
ALBUQUERQUE	JOSÉ PIRES DE CARVALHO E, (1701-1759).	<i>Culto metrico, tributo obsequioso dedicado nas aras da sanctissima pureza de Maria Sacratissima senhora nossa, etc.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1757. 4.º de 47 pag. Consta de 88 oitavas.	1757
BERNARDES	P. MANUEL (1644-1710)	<i>Direcção para ter os nove dias de exercicios espirituaes,</i> etc. Terceira impressão. Lisboa, na offic. patriarchal de Francisco Luiz Ameno, M.DCC.LVII. Com as licenças necessarias. 8.º pequeno de 14 (innumeradas) - 280 pag.	1757
CÂMARA	ANTÔNIO PEREIRA DA	Sermão da Conceição da Senhora Em festa votiva, ...Prégado na Paroquial da Senhora da Candelaria Pelo Padre Antonio Pereira da Camara,... do Rio de Janeiro. Em 2 de Maio de 1756. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLVII	1757
CÂMARA	ANTÔNIO PEREIRA DA	Sermão de N. S. da Lapa na noite da Procissam ... Prégado pelo padre Antonio Pereira da Camara, ... Rio de Janeiro. Em 3 de abril de 1756. Impresso á custa de Antonio Araujo Braga. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLVII	1757
CASTRO	PADRE JOÃO BAUTISTA DE	MAPPA DE PORTUGAL. Lisboa, Tomo V, na Off. de Francisco Luis Ameno 1757. 8.º.(t,I,II,III e IV Off. de Miguel Manescal da Costa, 1745 a 1749)	1757
IVO	MIGUEL TIBERIO PEDEGACHE BRANDÃO, (c.1730-1791)	<i>Conjecturas de varios philosophos ácerca dos cometas,</i> expostas e impugnadas. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1757. 4.º de VIII-98 pag. com estampas.	1757
LIMA	JOÃO ANTONIO BEZERRA DE (1737-1812)	Declamação sagrada na ruina de Lisboa, causada pelo terremoto do primeiro de Novembro de 1755, e pelo incendio, que se lhe seguio... por João Antonio Bezerra e Lima, Lisboa : na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1757, [10], 14, [4] p. ;	1757
ROGER	JOSÉ	<i>Relação dos successos prosperos e infelizes do ill.mo ex.mo sr. D. Luiz Mascarenhas, conde de Alvor, vice-rei dos estados da India, referida a todo o tempo do seu governo,</i> etc. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1757. 4.º de 21 pag., e mais 1 com as licenças	1757
VIEIRA	P. ANTONIO (1608-1697)	<i>Ecco das Vozes saudosas, formado em uma Carta apologetica escrita na lingua castelhana pelo P. Antonio Vieira ao P. Jacome Iquazafigo; dado ao prelo pelo P. José Francisco d'Aguiar.</i> Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno.. 4.º de X-143 pag. - É toda em castelhano, como o titulo declara.	1757
VILLAS-BOAS	D. FR. MANUEL DO CENACULO, (1724-1814)	<i>Elogio funebre do P. Fr. Joaquim de S. José, doutor theologo conimbricense, definidor geral da religião franciscana, e provincial da terceira ordem da penitencia. Dado á luz por Joaquim Rodrigues Pimenta.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1757. 4.º de XII-24 pag. com um retrato do padre elogiado. Sem o nome do auctor.	1757
		<i>Observador (O) hollandez ou quarta carta de Mons Van** a Mons. H. da Haya sobre o estado presente dos negocios da Europa</i> 1758 <i>Silveira, António José de Miranda e Ameno, Francisco Luís</i>	1758
		<i>Observador (O) hollandez ou segunda carta de Mons Van** a Mons. H. da Haya sobre o estado presente dos</i>	1758

		<i>negocios da Europa</i> 1758 <i>Silveira, António José de Miranda e Ameno, Francisco Luís</i>	
		<i>Observador (O) hollandez ou terceira carta de Mons Van** a Mons. H. da Haya sobre o estado presente dos negocios da Europa</i> 1758 <i>Silveira, António José de Miranda e Ameno, Francisco Luís</i>	1758
BERNARDES	P. MANUEL (1644-1710)	<i>Luz e calor, obra espiritual para os que tractam do exercicio das virtudes e caminho da perfeição. Dividida em duas partes.</i> Lisboa, por Miguel Manescal 1696. 4.º de XVIII-584 pag. - Ibi, por Francisco Xavier de Andrade 1724. 4.º- <i>Quarta impressão:</i> ibi, por Francisco Luis Ameno 1758. 4.º de XVI-660 pag. O indice vae de pag. 623 a 660.	1758
CASTRO	JOAQUIM MACHADO DE, (1731-1822),	<i>Elogio ao sr. Francisco Vieira Lusitano, Cavalleiro professo na Ordem de S. Tiago, dignissimo pintor de Sua Magestade Fidelissima, etc. Em um soneto glosado.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1758. 4.º de 13 pag.	1758
CASTRO	P. JOÃO BAPTISTA DE, (1700-1775).	<i>Mappa de Portugal.</i> <i>Parte V. Recopila em taboas topographicas as principaes povoações da provincia da Estremadura, e descreve as partes mais notaveis da cidade de Lisboa, antes e depois do grande terremoto.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1758. 8.º de XVI-745 pag. Sahiu de novo este <i>Mappa</i> revisto e augmentado pelo auctor, com o titulo seguinte: <i>Mappa de Portugal antigo e moderno. Tomos 1.º, 2.º e 3.º</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762 - 1763. 3 vol. 4.º	1758
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Memoria das principaes providencias, que se deram no terremoto que padeceu a corte de Lisboa no anno de 1755. Ordenadas e offerecidas á Magestade Fidelissima d'elrei D. José I.</i> Sem logar, nem nome do impressor. 1758. foi. de XXX-355 pag. - A similhança de typos e vinhetas com os da Vida do infante D. Henrique me persuadem a que esta obra foi tambem estampada por Ameno. Sahiu com o nome de <i>Amador Patricio de Lisboa</i> . Uns a attribuem ao Marquez de Pombal, outros a Francisco José Freire. V. o que já disse d'esta obra no tomo I, n.º A, 273.	1758
FREIRE	FRANCISCO JOSÉ (Candido Lusitano.)	<i>Memorias das principaes providencias que se deram no terremoto que padeceu a Corte de Lisboa no anno de 1755. Ordenadas e offerecidas á Magestade Fidelissima d'Elrei D. Joseph I.</i> Sem logar, nem nome do impressor fol. de XXX-355 pag.	1758.
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Vida do infante D. Henrique, escripta e dedicada á Magestade d'elrei D. José I, nosso senhor.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1758. 4.º gr. ou folio de XVI-396 pag	1758
JOSÉ	P. THEOTONIO,	<i>Compendio da doutrina christã, ordenado na lingua bramana goana para ensinar os meninos.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1758. 32.º? (Vej. a <i>Introducção á Grammatica da lingua concani do P. Thomás Estevam</i> , pelo sr. Rivara, já por vezes citada, na	1758

		pag. CLXV.)	
LEITE	BRÁS JOSÉ REBELO	Clamor justificado na razão, direito, e motivos, para que se distribua parochianos, que estão dispersos por outros territorios, já antes do terramoto... Braz Joseph Rebello Leite..., Lisboa, na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1758, [8], 32, [5] p.	1758
ROCHA	P. MANUEL RIBEIRO	<i>Socorro dos fieis aos clamores das almas santas</i> , etc. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1758. 4.º de XXIV-451 pag.	1758
SANCTA ANNA	FR. JOAQUIM DE (1720-?)	<i>Oração gratulatoria, historica e panegyrica, na acção de graças que na igreja do Loreto ... Oração gratulatoria historica e panegyrica na acção de graças, que na Igreja do Loreto...celebrou a Nação Italiana... pela exaltação ao Pontificado do... Cardeal Carlos Rezzonico, agora... Santissimo Padre... Clemente XIII</i> Lisboa. na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1758. 4.º de 29 pag.	1758
SILVA	ANTÓNIO VICENTE DA (fl.1761-)	Livro de Ouro, que contém a Introducção à vida devota, a Declaração mystica do Cantico dos Canticos, Directorio de religiosas, Exercicio espiritual, e o Catecismo das tentações obras de S. Francisco de Sales,... com huma direcção para a oração mental, e mais exercicios espirituales, tirada de hum gravissimo author, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1758, [24], 497 p.	1758
SILVA	ALBERTO JOSÉ GOMES DA	<i>Regras de acompanhar para cravo ou órgão, e ainda tambem para qualquer outro instrumento de vozes, reduzidas a bom methodo e facil percepção.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1758. 4.º de VIII-39 pag.,	1758
		<i>Lettre pastorale de M. l'Evêque de Leiria</i> 1759 <i>Ameno, Francisco Luís, 1713-1793</i> <i>Almeida, Frederico de, 1889-196?</i> <i>Sousa, António Alberto Marinho Duarte de</i>	1759
		<i>Lettre pastorale d'Excellentissime & revêrendissime seigneur, don François Alexis de Miranda, de l'ordre des freres prêcheurs, conseiller d'Etat de sa majesté très-fidele, Evêque de Miranda</i> 1759 <i>Henriques, Aleixo de Miranda</i> <i>Sousa, António Alberto Marinho Duarte de, 1896-1950</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1759
		<i>Regimentos com força de ley pelos quaes ha por bem Sua magestade accrescentar os ordenados, e emolumentos dos desembargadores do Paço...</i> 1759 <i>Portugal.</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1759
BERNARDES	P. MANUEL (1644-1710)	<i>Nova floresta</i> , etc. Quarta impressão. Tomo III, Lisboa, na offic. patriarchal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX. Com as licenças necessarias e privilegio real. 8.º grande de 4 (innumeradas) - 538 pag	1759
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Elementos da invenção e locução rhetorica, ou principios da eloquencia: illustrados com breves notas.</i> Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno. 8.o de XXIV-92 pag.	1759
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Novo Methodo de Grammatica Latina, reduzido a compendio. Segunda edição para uso das escholastice deste reino e suas conquistas, por decreto de Sua Magestade.</i>	1759

		Lisboa, 1759na Off. de Francisco Luis Ameno. 8.o- Seguiram-se <i>terceira, quarta, quinta, sexta etc. edições</i> , sendo a ultima que vi do Porto, 1854. 8.o	
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Arte Poetica, ou regras da verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tractadas com juizo critico. Dedicada ao sr. Filippe de Barros e Almeida, Cavalleiro da insigne ordem militar de S. João de Malta. - Segunda edição:</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1759. (e não 1758, como tem inexactamente o catalogo do sr. Rivara) 8.º 2 tomos com XXIV-223, e VI-329 pag.	1759
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Maximas sobre a Arte oratoria, extrahidas das doutrinas dos antigos mestres.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1759. 8.º de XVI-191 pag. Com o nome de Candido Lusitano. -	1759
LASSO	CAETANO DE ARAUJO	<i>Ecloga de Florencio e Liberata.</i> Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno 1759. 4.º de VIII-24 pag.-É escripta em outava rima, e traz no principio uma carta de João Xavier de Mattos, amigo do auctor, na qual o elogia grandemente, e a sua composição.	1759
MACHADO	DIOGO BARBOSA (1682-1772)	<i>Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Chronologica, na qual se comprehende a noticia dos auctores portuguezes, e das obras que compuzeram desde o tempo da promulgação da Lei da Graça até o tempo presente.</i> Tomo IV. Lisboa, na Off. Patriarchal de Francisco Luis Ameno 1759. fol. gr. de VI-725 pag. (Contém addições, illustrações e emendas aos tres primeiros volumes, e os indices geraes de todos.)	1759
MACHADO	IGNACIO BARBOSA, 1686-1766,	<i>Historia critico-chronologica da instituição da festa, procissão, e officio do Corpo Sanctissimo de Christo no veneravel Sacramento da Eucharistia.... Mostra-se a sua verdadeira origem e antiguidade... e expõe-se uma distincta e panegyrica relação da magnificencia ornato e sumptuosos edificios, com que n'esta côrte de Lisboa, por ordem de Sua Magestade a celebraram os ecclesiasticos e seculares em 8 de Junho n'este anno de 1719.</i> Lisboa, na Offic. Patr. de Francisco Luis Ameno 1759. fol. do XXIV-216 pag. O auctor dá no prologo a razão da extranheza que poderia causar a serodia impressão d'esta obra, escripta quarenta annos antes. É uma bella edição, feita com esmero pelo typographo Ameno, e d'ella se tiraram alguns exemplares em papel de grande formato	1759
PADILHA	PEDRO NORBERTO DE AUCOURT E, (1704-?)	<i>Raridades da natureza e da arte, divididas pelos quatro elementos. Escriptas e dedicadas á magestade d'el-rei nosso senhor D. Joseph I.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1759. 4.º de 504 pag. - Livro de muita curiosidade e recreação, para o tempo em que seu auctor o publicou.	1759
REBELLO	FR. FRANCISCO DE S. LUIS	<i>Brado do zelo, para respeito dos monarchas e confusão dos rebeldes, em uma declamação evangelica em dia de Reis, na presença de SS. MM. e AA., na igreja da Senhora d'Ajuda, em 6 de Janeiro de 1759.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1759. 4.º de VIII-19 pag.	1759
REBELLO	FR. FRANCISCO DE S. LUIS	<i>Sermões que pregou, e dedica ao rev.mo P. M. Fr. Miguel de S. Boaventura, reitor geral da Ordem de S. Paulo, etc.</i>	1759

		<i>Tomo I. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1759. 4.º de 496 pag</i>	
SANCTA ANNA	FR. JOAQUIM DE (1720-?)	<i>Oração gratulatoria em acção de graças celebrada no mosteiro da serra de Ossa em 21 de janeiro de 1759 pela perservação da vida de el-rei D. Joseph I. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1759. 4.º de XX-38 pag.</i>	1759
SILVA	ANTÓNIO JOSÉ DA, (1705-1739)	<i>Theatro comico portuguez, ou collecção das operas portuguezas, que se representaraõ na Casa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa... , Quarta impressão, Lisboa : na Of. Patriarcal de Franc. Luiz Ameno, 1759-1761, 4 v. ; 8 (16 cm), contém: 1º v.: Vida de D. Quixote de la Mancha ; Esopaida, ou Vida de Esopo ; Os encantos de Medéa ; Amphitryão, ou Jupiter, e Alcmena / António José da Silva. - [22], 494, [4] p. - 2º v.: Labirinto de Creta ; Guerras do alecrim, e mangerona ; Variedades de Protheo ; Precipicio de Faetonte / António José da Silva. - 538, [4] p. - 3º v.: Adolonimodonia ; A ninfa Siringa ; Novos encantos de amor ; Adriano em Syria. - Lisboa : na Of. Patr. de Franc. Luiz Ameno, 1760. - 452 p. - 4º v.: Filinto ; Encantos de Circe ; Semiramis ; Encantos de Merlim. - Lisboa : na Of. Patr. Franc. Luiz Ameno, 1761. - 391 p.</i>	1759-1761
		<i>Oratio de praestantia ac necessitate rhetorices 1760 Fonseca, Pedro José da, 1737-1816 Ameno, Francisco Luís</i>	1760
ALBERGARIA	ANTÓNIO PEREIRA SOARES	<i>Sermão na solemne festa de Acção de Graças, que pela conservação da vida, e restauração da saude de Sua Magestade Fidelissima Elrey Nosso Senhor D. Joseph I. Fez na Igreja .. de Santo Antonio do Recife de Pernambuco em 6 de Junho de 1759, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDDDLX</i>	1760
ALBUQUERQUE	JOSÉ PIRES DE CARVALHO E, (1701-p.1759).	<i>Culto metrico, tributo obsequioso dedicado nas aras da sanctissima pureza de Maria Sacratissima senhora nossa, etc. Lisboa, por Francisco Luis Ameno, 2ª ed. 1760. 4.o de XXII (innumeradas) - 102 pag.</i>	1760
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793) Alvim	<i>Farnace em Eraclea: opera traduzida do italiano. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, na mesma Imp. 1760. 8.º de 75 pag. (em prosa, com as arias, etc., em verso lyrico, sob o nome de Fernando Lucas Alvim, supposto traductor)</i>	1760
CABREIRA	JOSÉ THOMÁS	<i>Arte de dançar á franceza, que ensina o modo de fazer todos os diferentes passos de minuete, com todas as suas regras, etc. etc. traduzida do idioma francez para o portuguez. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1760. 8.º de VIII-24 pag., com pequenas gravuras de madeira intercaladas no texto.</i>	1760
CROISSET	JEAN	<i>Epitome mariano das festas, e mysterios principaes de Maria Santissima... Padre João Croiset... trad. por D. M. de L., Lisboa : na Off. Patriarchal de Francisco Luiz Ameno, 1760, [12], 473, [3] p. ; 30 cm</i>	1760
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Breve Diccionario da Latinidade pura e impura, com a significação portugueza de ambas, Lisboa, 1760 na Off. de Francisco Luis Ameno. 8.o de XVI-50 pag.</i>	1760
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Novo Methodo de Grammatica Latina, para uso das escholas da Congregação do Oratorio na Real Casa de N. Senhora das Necessidades. Ordenado e composto pela</i>	1760

		<i>mesma Congregação.</i> Lisboa,. 1760, <i>Quarta Edição</i> , na Off. de Francisco Luis Ameno. 8.o	
FONSECA	PEDRO JOSÉ DA (1737-1816)	Oratio de praestantia ac necessitate rhetorices habita á Petro Josepho da Fonseca, Olisipone : Franciscum Ludovicum Ameno, 1760, 31 p. ; 4 (22 cm), Inoc. T. (VI-419) no menciona esta obra.	1760
SANCTA ANNA	FR. JOAQUIM DE (1720-?)	<i>Oração sagrada, historica e panegyrica do mysterio da Conceição... recitada na real capella de Villa Viçosa, em 8 de dezembro de 1759.</i> Lisboa. na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1760. 4.º de XII-31 pag.	1760
SERPA	JOSÉ DE OLIVEIRA	Sermão do Rosario da santissima virgem Maria nossa senhora, Na Igreja da Veneravel Ordem Terceira do Patriarca S. Domingos na Bahia em 7 de Outubro de 1758, ... Pelo ... Padre Joseph de Oliveira Serpa, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1760	1760
SOARES	MANUEL DE MORAES, (1727-c.1802)	<i>Memorial critico-medico, historico-physico-mechanico, offerecido a favor da Faculdade de Medicina e dos seus alumnos ao ex.mo e rev.mo sr. D. Thomas d'Almeida, principal da sancta Igreja de Lisboa director geral dos Estudos, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1760. 4.º de XII-72 pag.	1760
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Parabens ao ser.mo Principe da Beira pelo seu faustissimo nascimento.</i> Sem indicação de logar nem anno. Vê-se porém pelo exame e confrontação dos typos, que deve ter sido impresso na Offic. do proprio Ameno, em 1761. Fol. de 5 pag. com uma gravura allegorica e vinhetas. É um elogio em prosa, de que não vi até hoje outro exemplar além do que conservo em meu poder.	1761
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Vologeso e Berenice: opera traduzida do italiano.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, na mesma Imp. 1761. 8.º de 75 pag. (em prosa, com as arias, etc., em verso lyrico, sob o nome de Fernando Lucas Alvim, supposto traductor)	1761
COSTA	MANUEL PEREIRA DA, (1697-p.1768)	<i>Genethliacon, sive Carmen natalitium, quo Beria Principis natalis dies à Lusitania celebratur.</i> Olisipone, Typ. Patr. Francisci Ludovici Ameno 1761. Fol. de 7 pag. -	1761
COUTO	INNOCENCIO SEVERO DO	<i>Narração metrica da musa mais empenhada em relatar os jubilos de Portugal nos felicissimos dias do nascimento e baptismo do serenissimo principe da Beira D. José.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1761. 4.º de 16 pag. - Em fôrma de romance, de versos octosyllabos.	1761
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Principios da Mythologia, illustrados com breves notas.</i> Lisboa, 1761 na Off. de Francisco Luis Ameno.. 8.o	1761
FONSECA	PEDRO JOSÉ DA(1737-1816)	<i>Ecloga no felicissimo nascimento do ser.mo Principe da Beira.</i> - Lerenó. - Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1761. 4.º de 7 pag. - É escripta em tercetos hendecasyllabos rythmados..	1761
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Ulysses em Lisboa. Opera portugueza destinada a celebrar o feliz parto de S. A. R. a serenissima senhora Princeza do Brasil.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1761. 8.º de 84 pag. - Sem o nome do auctor, mas é-lhe attribuida com fundamento plausivel. Parece ter escapado ao sr. Rivara no seu catalogo. Tenho d'ella um exemplar	1761
HOMEM	FRANCISCO DE BARROS MORAES ARAUJO TEIXEIRA (+c.1791)	<i>Breve instrução militar sobre a infantaria etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno, 1761. 8.º 2 tomos com estampas	1761
PANTEZZE	JULIO SEVERIN,	<i>Methodo, ou explicação para aprender com perfeição d</i>	1761

		<i>dansar as contradansas: dado á luz e offerecido aos dignissimos srs. assignantes da casa da assembléa do Bairro Alto. Lisboa, na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1761. 8.º de 60 pag., e mais 3 innumeradas no fim, que contém as licenças. Com figuras intercaladas no texto.</i>	
SANCTA ANNA	FR. JOAQUIM DE (1720-?)	<i>Oração na accção de graças, que a ser.ma sr.ª Princeza do Brasil, e o ser.mo sr. infante D. Pedro celebraram na sua real capella da Bemposta a 25 de Setembro de 1761, ao Sanctissimo Coração de Jesus, pelo nascimento do ser.mo principe da Beira, o sr. D. José. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1761. 4.º de XVI-36 pag.</i>	1761
SANCTA ANNA	FR. JOAQUIM DE (1720-?)	<i>Oração panegyrica e encomiastica que offerece ao serenissimo sr. infante D. Pedro por occasião do nascimento do serenissimo principe da Beira. Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1761. 4.º de 11 pag.</i>	1761
VELLASCO	ANTONIO BAPTISTA	<i>Tratado das Evoluções militares do Conde de Bombelles traduzido do francez. Lisboa, por Francisco Luis Ameno. 8.º de 141 pag. Ibi, 1761. 8.º.</i>	1761
ALMADA	P. ANTONIO RODRIGUES D'	<i>Perfeito (O) Heroismo na preferencia de Julio Cesar a Alexandre Magno. Dedicado ao sr. D. Miguel Lucio de Portugal. Lisboa, por Francisco Luis Ameno. 4.º de 33 pag.</i>	1762
BARROS	MANUEL MOREIRA DA SILVA	<i>In Hispanos bellum temere ineuntes Lysiadum declamatio ab Emmanuele Moreira da Sylva Barros, Olisipone : Typis Patriarchalibus Francisci Ludovici Ameno, 1762, 7, [1] p. ; 21 cm</i>	1762
EPIPHANIA	FR. MANUEL DA, (1712-1768).	<i>Verdadeiro methodo de prégar, que contém algumas reflexões sobre a eloquencia sagrada, reparos sobre as orações dos nossos oradores, e alguns sermões. Tomo II. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 8.º de XXIV-365 pag.</i>	1762
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Athalia: Tragediade Mr. Racine, traduzida, illustrada, e offerecida á serenissima senhora D. Marianna, infanta de Portugal. Lisboa na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 8.º gr. de XXXVI-236 pag., com o texto francez em frente. - Com o nome de Candido Lusitano. - Reimpressa em 1783, e creio que ainda depois</i>	1762
LIMA	JOÃO ANTONIO BEZERRA DE (1737-1812)	<i>Resposta ao sabio auctor da Gazeta Litteraria, sobre o extracto da Oração inaugural, com que se abriu a conferencia publica da Real Academia de Cirurgia do Porto. Em duas cartas, a primeira de João Antonio Bezerra de Lima, e a segunda de Manuel Gomes de Lima. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 4.º de 35 pag</i>	1762
MENEZES	CARLOS BERNARDO DA SILVA TELLES DE	<i>Grammatica ingleza, ordenada em portuguez, na qual se explicam as regras fundamentaes para falar puramente aquella lingua. Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno 1762. 8.º de 268 pag.-Ainda ha pouco tempo consegui um exemplar d'este livro, que é mui pouco vulgar. O juizo critico acerca de tal composição acha-se na Gazeta Litteraria de Março de 1762, a pag. 64.</i>	1762
PONA	JOSÉ DE BARROS PAIVA E MORAES	<i>Manejo real; eschola moderna da cavallaria da brida, em que se propõem os documentos mais solidos para os cavalleiros conseguirem esta scientifica faculdade. Novo methodo para desembaraçar os potros, vencer os resabiados, e reduzil-os a uma total obediencia. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 4.º de XXXII-296 pag. com 17 estampas.</i>	1762

PORTUGAL	D. JOSÉ MIGUEL JOÃO DE, (1776)	<i>Collecção de duas relações; uma da morte e caracter do principe Eugenio de Saboia, por João Gomes da Silva, conde de Tarouca; outra da morte e caracter d'el-rei D. João V, composta por D. José Migel João de Portugal, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 4.º de 8 pag	1762
SOARES	MANUEL DE MORAES, (1727-c.1802)	<i>Memoria sobre a inoculação das bexigas.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 8.º.	1762
VOLTAIRE		<i>LOJA (A) DO CAFFÉ, ou a Escoceza, comedia de mr. Hume, cura da igreja d'Edimburgo, traduzida da lingua franceza na portugueza.</i> (Em prosa.) Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1762. 8.º de 102 pag.	1762
CASTRO	P. JOÃO BAPTISTA DE, (1700-1775).	<i>Mappa de Portugal antigo e moderno. Tomos 1.º, 2.º e 3.º</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 2ª.ed. 1762 - 1763. 3 vol. 4.º	1762, 1763
		<i>Relação dos Obsequiosos Festejos: Que se fizerão na Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, pela plausivel noticia do Nascimento Do Serenissimo Senhor D. Joseph No anno de 1762, ... Por hum seu cidadão, e Anonymo,</i> Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763	1763
CLEMENTE	P. JOSÉ	<i>Historia da fundação do real convento do Sancto Christo das religiosas capuchinhas francezas.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1748. 4.º de XVI-477 pag	1763
CLEMENTE	JOSÉ (1720-1798)	<i>Vida da veneravel Madre Teresa da Annunciada</i> Clemente, José, 1720-1798, C.O. Ameno, Francisco Luís, 1763	1763
MAGALHÃES	JOÃO JACINTO DE, 1722-1790	<i>A Fé dos catholicos: obra dirigida a instruir e confirmar na sua crença os catholicos, e mostrar aos que o não são que não têm razão alguma para os accusar de que vivem errados, etc. Escripita pelo abbade Platel (aliás Fr. Norberto, capuchinho) e traduzida do francez.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1763. 8.º de XX-253 pag. - Sem o nome do traductor no frontispicio; mas vem indicado em uma nota na advertencia prévia do editor	1763
SANSEVERINO	JOSEPH	<i>Balsamo (Do) Policreste, especifico vulnerario, segredo particular da Familia Sanseverino de Padua com varias attestações das experiencias feitas com elle em Lisboa... : catalogo... das curas feitas com o mesmo balsamo em Inglaterra pról. Joseph Sanseverino, Lisboa : na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1763, [38] p. ; 20 cm</i>	1763
MARQUES	P. JOSÉ	<i>Novo Diccionario das linguas portugueza e franceza, com os termos latinos tirados dos melhores auctores, e do vocabulario portuguez e latino do P. D. Raphael Bluteau, dos Diccionarios da Academia franceza, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, etc. Com os nomes proprios dos reinos, das provincias, das cidades, das comarcas, dos rios do mundo, etc. Pelo Padre Joseph Marques, capellão regente do côro, e mestre da musica da igreja de Nossa Senhora do Loreto. Primeira edição. Tomo II.</i> Lisboa, na Offic. Patriarcal de Francisco Luis Ameno 1764. De 763 pag.	1764
WEVER	P. ANTONIO	<i>Elogio da vida e virtudes do Reverendo Padre Francisco Manuel, da Congregação do Oratorio d'esta Côte.</i> Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno 1764. 4.º	1764
		<i>Macarronea latino-portugueza...</i> Lisboa : Off. de Francisco Luiz Ameno, 1765	1765

		176, [4] p. ; 12 (16 cm)	
		<i>Macarronea latino-portugueza...</i> 1765 <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1765
FIGUEIREDO	P. ANTONIO PEREIRA DE (1725-1797)	<i>Observações sobre a Lingua e Orthographia Latina, tiradas dos marmores, bronzes, e medalhas dos antigos Cesares, principalmente desde Augusto até os Antoninos.</i> Lisboa, 1765 na Off. de Francisco Luis Ameno. 4.o	1765
FREIRE	P. FRANCISCO JOSÉ (Cândido Lusitano) (1719-1773)	<i>Diccionario Poetico para uso dos que principiam a exercitar se na Poesia portugueza. Obra igualmente util ao orador principiante.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1765;. 8.º 2 vol	1765
		<i>Mémoires historiques sur les affaires des jésuites avec le Saint Siège...</i> 1766 <i>Platel, C. P.</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1766
PLATEL	C.P.	<i>Mémoires historiques sur les affaires des jésuites avec le Saint Siège...</i> par M. l'Abbé C. P. Platel..., A Lisbonne : chez François-Louis Ameno, 1766, 7 v. ; 25 cm	1766
BERNARDES	P. MANUEL (1644-1710)	<i>Sermões e praticas.</i> Parte I. Lisboa. na offic. patriarchal de Francisco Luiz Ameno. MDCCLXII. Com as licenças necessarias. 8.º grande de 16 (innumeradas) - 489 pag., nas quaes se incluem os indices de pag. 439 em diante.	1767
CORTE-REAL	JERONYMO (c.1540-c.1593)	<i>Auto dos quatro novissimos do homem, no qual entra tambem uma meditação das penas do Purgatorio.</i> Lisboa, na Offic. Patriarchal 1768. 4.º de 23 pag. Este poemeto, em versos soltos, cujo conhecimento escapou ás investigações de Barbosa (e de que o collector do chamado <i>Catalogo</i> da Academia parece não haver tambem tido noticia, ainda depois d'elle impresso) veio ter á mão de Francisco Luis Ameno, casualmente (como este diz) em um manuscripto antigo, que comprehendia em si obras de varios auctores: tractou pois de imprimil-o, e o deu à luz na sua officina	1768
IVO	MIGUEL TIBERIO PEDEGACHE BRANDÃO, (c.1730-1791)	<i>Epithalamio ás felicissimas vodas do ex.mo sr. João Vicente de Saldanha e Oliveira com a ex.ma sr.ª D. Maria Amalia de Daun.</i> Lisboa, na Offic. Patriarchal 1769. 4.º de 7 pag	1769
		<i>TRATADO sobre a igualdade dos sexos, ou Elogio do merecimento das mulheres.</i> Offerecido e dedicado ás senhoras illustres de Portugal por um amigo da Razão. Lisboa, na offic. de Francisco Luis Ameno, 1770. 4.º de 30 pag.	1770
IVO	MIGUEL TIBERIO PEDEGACHE BRANDÃO, (c.1730-1791)	<i>Estado (do) da Igreja e poder legitimo do Pontífice Romano: resumo da excellente obra de Justino Febronio, que da lingua franceza traduziu na vulgar, etc.</i> Lisboa, na Offic. Patriarchal 1770. 8.º 2 tomos, o primeiro com XII-276 pag. e duas de indice.	1770
CLEMENTE	JOSÉ	<i>Carta de hum amigo a outro, na qual se fôrma juizo da Edição novissima do Poema da Lusiada do Grande Luiz de Camões, que sahio á luz no anno de 1779.</i> Lisboa, na of. Patr. de Francisco Luiz Ameno. Anno MDCC LXXXIII. Com licença da Real Meza Censoria; 8.º de 80 pag. e 1 de erratas. - É do padre José Clemente, da congregação do Oratorio.	1779
CORTE REAL	MANUEL IGNACIO MARTINS	<i>Conclusões de logica, methaphysica e ethica, defendidas</i>	1779

	PAMPLONA,	no real collegio de Mafra, sendo presidente D. Thomaz da Virgem Maria, professor no mesmo collegio. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1779. 4.º de 35 pag. (v. <i>Dicc.</i> , tomo V, pag. 447).	
DANTAS	ANTÓNIO RODRIGUES fl. 1781	Arte latina, ou nova colleção dos melhores preceitos para se aprender breve e solidamente a grammatica da lingua latina disposta, correcta, e emendada pelo seu autor Antonio Rodrigues Dantas, 2 ed., Lisboa : Off. Francisco Luiz Ameno, 1779, 224 p. ; 15 cm	1779
DANTAS	ANTÓNIO RODRIGUES	Explicação da Syntaxe dividida em duas partes..., Lisboa, na Offic. Patriarcal de Francisco Luis Ameno, 1779, [4] 288p, 8º	1779
Rego	José Antonio da Silva	<i>Elementos de mathematica especulativa e pratica: Tomo I. Da Arithmetica, em que se explicaõ as principaes regras desta sciencia, com muitas particulares, e varios exemplos,</i> Lisboa, Francisco Luis Ameno, 1779, 8º [7 fs/n]+392p	1779
SILVA	THOMÁS ANTONIO DA,	<i>Nova instituição da Grammatica latina, dividida em tres partes: 1.ª da declinação dos nomes com seus generos, e das conjugações dos verbos com seus preteritos: 2.ª das regras geraes da concordancia e regencia por methodo muito claro: 3.ª da quantidade das syllabas e accentos, com uma é explicação dos versos mais faceis para os principiantes.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1779. 8.º de VI-254 pag.	1779
BANDEIRA	GASPAR ÁLVARES	<i>Exame espirital, que fez certo confessor a uma pessoa, que chegou a seus pés com ignorancia de quasi todas as cousas que n'este breve compendio se tractam.</i> Lisboa, na offic. dc Francisco Luis Ameno 1780. 12.º de 120 pag.	1780
CONSCIENCIA	P. MANUEL	<i>Abysmo (do) admiravel</i> (n.º 411) conheço mais duas edições: Lisboa, na offic. patriarchal de Francisco Luiz Ameno. Anno M.DCCL.XXX. 12.º de 142 (v. <i>Dicc.</i> , tomo V, pag. 401).	1780
JOSEPH	FR. MANUEL DE S.,	<i>Compendio historico da vida e milagres do beato e extatico P. Miguel dos Sanctos, da ordem dos descalços da Sanctissima Trindade, e resumo das actas da sua beatificação.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1780. 8.º de XXIV-220 pag.,	1780
LOURENÇO	ANTONIO GOMES	<i>Cirurgia Classica Lusitana, Anatomica, Pharmaceutica, Medica.</i> I e II partes: terceira impressão, Lisboa, por Francisco Luis Ameno. 4.o	1780
LUSITANO	FRANCISCO VIEIRA (1699-1783)	<i>Insigne (O) pintor e leal esposo Vieira Lusitano. Historia verdadeira que elle escreve em cantos lyricos e offerece ao Illmo. e Exmo. José da Cunha Gran Ataide e Mello, Conde e Senhor de Povolide</i> Lisboa, na Offic. Patriarchal de Francisco Luis Ameno 1780. 8.º de VIII-623 pag. <i>Vieira Lusitano, 1699-1783</i>	1780
REGO	JOSÉ ANTONIO DA SILVA	<i>Geographia moderna, precedida de um pequeno tractado da esphera e globo terrestre, ornada de varias passagens da historia natural, politica e commerciante. Com taboadas de longitudes e latitudes etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1780... 8.º 10 tomos. O tomo I de XX- 324 pag. é todo preenchido com a geographia de Portugal e Hespanha, e vendeu-se tambem separadamente	1780
RIGAUD	LUCAS (fl.1780)	Cozinheiro moderno, ou nova arte de cozinha, onde se ensina pelo methodo mais facil... dado a' luz por Lucas Rigaud..., Lisboa : na Offic. Patriarc. de Francisco Luiz Ameno, 1780, 508 p. ; 8 (15 cm)	1780

		(Inocência 5, p. 203 cita ed. de 1798)	
SOARES	MANUEL DE MORAES, (1727-1802)	<i>Oração panegyrica que á rainha fidelissima a sr.^a D. Maria I oferece na occasião de seus felizes annos. Ibidem, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1780. 4.º de 26 pag.</i>	1780
VASCONCELLOS	JOÃO JOSÉ PINTO DE	<i>Compendio historico da vida, acções e milagres de Sancta Margarida de Cortona, traduzido do italiano. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1780. 8.º.</i>	1780
		<i>Sacrosanto (O), e ecumenico Concilio de Trento em latim e portuguez 1781</i> <i>Igreja Católica. Concílio de Trento, 1545-1563</i> <i>Reycend, João Baptista, fl. 17</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1781
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Diccionario Exegetico da Lingua Portuguesa, que em 1781 imprimiu anonymo na sua Offic. (Vej. no presente volume o n.º D, 66): porém não posso affirmar-o por não ter a certeza necessaria. Tambem publicou uma obra com o nome de Nicolau Francez Siom, que é outro anagramma completo do seu. (V. P. José de Araujo.)</i>	1781
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>DICCIONARIO EXEGETICO que declara a genuina e propria significação dos vocabulos da lingua portugueza, adoptados unicamente pelos sabios da nação. Dado ao publico por um anonymo. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1781. 8.º de VIII-311 pag.</i> É hoje pouco vulgar este livro cujo auctor não pude ainda descobrir.-O sr. conselheiro J. Silvestre Ribeiro falando d'esta obra a pag. 323 do tomo I da sua <i>Resenha da Litter. Portuguesa</i> , parece considerá-la de alguma importancia, qualificando o auctor, quem quer que elle fosse, de benemerito das letras, que deveria ter publicado o seu nome. Outros porém ((136)) acharão este juizo indulgente em demasia, contestando o merito do livro, que reputam menos que mediocre, exiguo em demasia, e de pouca ou nenhuma utilidade. Sem aventurar opinião propria a este respeito, direi que alguns exemplares se venderam em tempo antigo por 720 e 800 réis: porem creio que modernamente desceram muito de valor.	1781
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Idéa de hum elogio historico de Maria Theresa Archiduqueza de Austria... 1781, Francisco Luís Ameno</i>	1781
CARVALHO	JOÃO JORGE DE	<i>Gaticanea, ou cruelissima guerra entre os cães e os gatos, decidida em uma sanguinolenta batalha na grande praça da real villa de Mafra. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1781. 8.º de XI - 126 pag. com tres estampas gravadas a buril.</i>	1781
CLAVIERE	LUIS CARLOS DE	<i>Instrucção dirigida aos officiaes de infantaria, para saberem delinear e construir toda a qualidade de obras de campanha, e para saberem pôr em estado de defensa diversos pequenos postos etc. Por F. de Gaudi. Traduzido na lingua portugueza. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1781. 8.º de XX-156 pag. com um retrato e 39 estampas.</i>	1781
GALVÃO	LOURENÇO ANASTASIO MEXIA (1739-1796)	<i>Elogio do senhor Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, fidalgo da Casa Real, cavalleiro da Ordem de Christo, etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1781. 4.º de 27 pag.</i>	1781
MILITÃO	JOSÉ JOAQUIM	<i>Elogio funebre consagrado á immortal memoria da augusta rainha de Portugal, a senhora D. Marianna</i>	1781

		<i>Victoria</i> . Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1781. 4.º	
VASCONCELLOS	JOÃO JOSÉ PINTO DE	<i>Elogio consagrado á saudosa memoria do sr. conselheiro Joaquim Ignacio da Cruz Sobral</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1781. 4.º	1781
		<i>COMPENDIO HISTORICO DA PRODIGIOSA VIDA do glorioso S. Macario Egypcio, escripto com reflexões politicas e moraes, para instrucção dos devotos que o veneram em sua milagrosa imagem, collocada na ermida de N. S. da Conceição de Val de Tojeiro. em Caparica termo de Almada</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1782. 16.º de 90 pag.	1782
		Plano de huma obra pia, geralmente util ao Reino de Portugal, para serviço da Igreja, e do Estado composto por Bernardo Ward trad. Joao Rosado de Villalobos e Vasconcellos, Lisboa : na Off. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1782, XXXII, 253 p. ; 16 cm	1782
SAGRADA FAMILIA	D. FR. ALEXANDRE DA (1734?-1818)	<i>Devoção das cores da Virgem mãe de Deus por um seu devoto</i> . Lisboa na Offic. de Francisco Luis Ameno 1782. 12.º de X-313 pag. - Outra edição, ibi, na Offic. de Antonio Lino de Oliveira 1837. 12.º de IX-311 pag	1782
XAVIER	P. FRANCISCO JOSÉ DA SERRA (+c.1803)	<i>Aos estudiosos portugueses. «Mais obriga a razão do que o costume.»</i> E no fim: Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1782. 4.º de 7 pag.-Sem indicação do nome do auctor.	1782
		<i>Pastoral dando conta da sua elevação à Dignidade Episcopal, exortando os fiéis e mais particularmente os eclesiásticos, ao cumprimento dos ensinamentos da Sagrada Escritura e pedindo orações de todos para que o faça um bom Pastor]</i> 1783, Rosário, Domingos do, fl. 17--., O.F.M. Ameno, Francisco Luís	1783
AMARAL	LUIS CORRÊA DE FRANÇA E, (1725-1808)	<i>Idyllios moraes sobre as quatro estações do anno</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 4.o	1783
AZEDO	MATHIAS JOSÉ DIAS, (1758-1821)	<i>Hymeneo: pequeno drama para se cantar no dia dos desposorios do ill.mo e ex.mo sr. José de Vasconcellos e Sousa com a ill.ma e ex.ma sr.a D. Maria Rita de Castello-branco: composto improvisamente por Mathias José Dias Azedo e Anacleto da Silva Moraes, e posto em musica por Jeronymo Francisco Lima</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 8.º de 14 pag.	1783
BARRUNCHO	P. MANUEL SIMÕES	<i>Paixão moralizada em sonetos moraes e anagogicos, segundo a narração dos quatro Evangelistas</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 8.º de VIII-192 pag., e mais 8 no fim innumeradas.	1783
CAMISÃO	RAFAEL MATIAS DE ARAÚJO	<i>Tractatus theologico juridicus de jure percipiendi jura, seu redditus ex contractu pecuniae, vulgo a razao de juro Raphaele Mathia d'Araujo Camizam</i> , Olisipone : Typis Patriarchal Francisci Ludovici Ameno, 1783, 2 v. ; 18 cm	1783
CARVALHO	JOÃO JORGE DE	<i>Ecloga. Desenganos de amor, ou pastores desconformes</i> . Lisboa, na Offic. Patriarchal de Francisco Luis Ameno 1783. 4.º de 31 pag. - Composta em tercetos, mas tem intercalados versos de differentes medidas.	1783
CASTRO	JOSÉ ANTONIO CARDOSO DE (1741-1807)	<i>A noiva de lucto: tragedia de Congreve, traduzida em versos portugueses</i> . Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 8.º	1783

CLEMENTE	JOSÉ	<i>Carta de um amigo a outro, em que se forma juízo da edição novíssima do poema da Lusíada do grande Luis de Camões, que sahiu em 1779.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 8.º de 80 pag., e mais uma de erratas. - Sahiu anonyma, porém consta que fôra seu auctor o P. José Clemente, da congregação do Oratorio. Vej. o que digo no <i>Diccionario</i> , tomo IV, n.º J, 2978.	1783
FALCÃO	VICTORIO	<i>Uso da agulha azimuthal reflexa de nova invenção, para achar a variação e altura do sol no mar, e na terra, com a taboada da declinação do sol.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 4.º de 24 pag.	1783
GALVÃO	LOURENÇO ANASTASIO MEXIA (1739-1796)	<i>Vida de Francisco Galvão, fidalgo da serenissima Casa de Bragança e estribeiro do senhor D. Theodosio II, pae do senhor rei D. João IV.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 8.º de 29 pag. com o retrato de Francisco Galvão. - Sahiu anonyma	1783
LEAL	P. MANUEL DOS SANTOS,	<i>Grammatica lusitano-latina, que ensina a lingua latina, regulada na maior parte pela portugueza, sem discrepancia dos escriptores latinos. Dedicada ao ill.mo sr. Gonçalo José da Silveira Preto, etc.</i> Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1783. 8.º de 20- (innumeradas)-315 pag.	1783
LUIZ	NICOLAU	<i>Lynceo e Hypermnestra</i> , Lisboa «Trad. de Metastasio. Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1783. 8.o de 128 pag. - Parece que nunca foi impressa em 4.o - Em prosa.» (v. <i>Dicc.</i> , tomo VI, pag. 274.s. e 282, n.o 107)	1783
MATTA	JOSÉ ANTONIO DA (+1814)	<i>Odes do poeta latino Q. Horacio Flacco, traduzidas litteralmente na lingua portugueza. Illustradas com copiosissimas notas, que evidentemente aclaram e manifestamente dissipam a escuridade de suas translações.</i> Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1783-1786. 8.º 2 tomos com 399 e 516 pag	1783
MAZZA	JOSÉ	<i>Oração consolatoria, que na sensível morte do senhor D. José, principe do Brasil, offerece ao ex.mo e rev.mo sr. Bispo de Beja.</i> Ibi, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1783. 4.º de 7 pag	1783
SOUTO-MAIOR	FRANCISCO FELIX CARNEIRO	<i>Orthographia portugueza, ou regras para escrever certo,</i> ordenadas para uso de quem se quizer applicar. Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1783, 8.º de XXXI-111 pag	1783
CARTAXO	FR. ANTONIO DE S. FRANCISCO DE PAULA,	<i>Discursos moraes e evangelicos sobre vicios e virtudes, para instrucção da vida christã. Tomos I e II.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 8.º - (T. III. Ibi. na R. Offic. Typographica 1789. 8.º.)	1783-1786
		<i>Carneiro (O), o pato e o gallo: fabula em fôrma de dialogo, ou viagem que fizeram pelo ar estes animaes na machina aerostatica, etc.</i> Traduzida do francez por ***. Ibi, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1784. 8.o de 24 pag.	1784
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Horas da semana sancta, offerecidas á senhora D. Maria Pacheco da Cruz.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1784. 8.º	1784
BRITO	FR. BERNARDO DE, 1569-1617	<i>Sylvia de Lisardo.</i> Lisboa, na Off. de Francisco Luis Ameno. 8.º de 128 pag. (1ª.ed. 1597)	1784
CLEMENTE	P. JOSÉ	<i>Juízo ao juízo imparcial do moderno anonimo, o qual em vão pertendeo defender os erros da Edição novíssima do Poema da Lusíada do grande Luiz de Camões.</i> Lisboa, na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno M.DCC.LXXXIV.	1784

		<i>Com licença da Real Meza Censoria. 8.º de 83 pag (VII,346,s; IV, 290, s)</i>	
COSTA	FRANCISCO JOSÉ DA (+1813)	<i>Elogio funebre consagrado á memoria do ill.mo e ex.mo sr. D. Rodrigo Xavier Telles de Castro da Gama etc., marquez de Niza. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1784. 4.º.</i>	1784
GUERREIRO	MIGUEL DO COUTO (c.1720-1793)	<i>Tratado da versificação portugueza, devidido em tres partes. A primeira contém um brevissimo compendio das regras mais practicaveis da metrificação; a segunda um amplissimo dictionario de consoantes; e a terceira, instrucções para a perfeita poetica. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1784. 8.º de VIII-521 pag.</i>	1784
MATTOS	JOÃO XAVIER DE (1789)	<i>Elegia na morte do ill.mo e ex.mo sr. Marquez de Niza. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1784. 4.º de 24 pag.</i>	1784
MONTALVERNE	FR. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE	<i>Descripção das notaveis acções com que se dispoz para a morte o ill.mo e ex.mo sr. D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, conde de Tentugal, marquez de Ferreira, duque de Cadaval, etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1784. 4.º.,[8], 21 p. ; 21 cm</i>	1784
PINTO	LUIS ALVARES	<i>Diccionario pueril para o uso dos meninos, ou dos que principiam o A B C, e a soletrar dicções por Luiz Alvares Pinto, Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1784. 8.º de VIII-74 pag. (obra de D. Joaquim de Azevedo, abbade de Sedavim, ??)</i>	1784
QUEIROZ	Fr. FRANCISCO JOSÉ DE S. THOMÁS E	<i>Elogio funebre nas exequias de Francisco Xavier de Mendonça, fidalgo da Casa de S. M., Cavalleiro da Ordem de Christo, celebradas na egreja matriz da villa do Sardoal a 12 de Dezembro de 1783. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1784. 4.º de 23 pag.</i>	1784
SANTOS	ANTONIO RIBEIRO DOS (V. Dicc., tomo I, pag. 247 a 256).	<i>Sonetos de D. Ignez de Castro. Lisboa, na offic. patriotica de Francisco Luiz Ameno, 1784. 8.º de 27 pag. Santos, António Ribeiro dos, 1745-1818 Livraria Antiquária do Calhariz (A 1 ed. é de Lisboa : Na Off. de Antonio Gomes, 1783 Menção ao autor no verso do primeiro fólio de guarda)</i>	1784
TRINDADE	FR. BENTO DA (v. Dicc., tomo I, pag. 355).	<i>Sermão do primeiro dia das quarenta horas, prégado na Sé da Bahia. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 4.º de 23 pag.</i>	1784
		<i>EPISTOLAS SELECTAS de S. Jeronymo, traduzidas na lingua vulgar por um Theologo portuguez. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1785. 8.º de 453 pag. - Contém cincoenta e tres cartas. Não pude ainda descobrir quem fosse o seu traductor.</i>	1785
		<i>NOITE de S. João ás escuras, posta ás claras em hum sonho, offerecido a todos os pais de familias que desejarem não cahir nos laços da logração. Por hum ex-official de versos aleijados. - Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1875. 4.o de 14 pag.</i>	1785?
		<i>Relação fiel e verdadeira das disputas, que huma mulher casada de fresco teve com seu marido pela não querer levar a ver as luminarias e o fogo... 1785 Ameno, Francisco Luís</i>	1785
		<i>Verdadeira (A) novella que entre os manuscriptos de Gioana Dulce Biliztoni se achou com o titulo de «Effeitos</i>	1785

		<i>da ruim educação ou a innocente infamada</i> 1785 <i>Biliztoni, Gioana Dulce</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	Despique da mulher casada, que teve as disputas com seu marido, pela não querer levar a ver as luminarias, e o fogo..., Lisboa : Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1785, 15, [1 br.] p. ; 4 (20 cm).	1785
AMENO		<i>Relação da viagem sonhada que fez pelas ruas de Lisboa hum homem dormindo,... desde o sítio de Valle de Lenções até Camarate composta por hum ex-official de versos aleijados e dada a'luz por hum mestre de poesia coxa,</i> Lisboa : Na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1785	1785
ANTAS	LEONARDO JOSÉ PIMENTA E (+p.1794)	<i>Entremez sobre o uso das alcachofras e machinas volantes.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1785. 4.º de 15 pag.	1785
FONSECA	JOÃO MENDES DA	<i>Interpretação litteral ás Satyras de Persio, com algumas annotações.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1785. 4.º de 156 pag.	1785
JOAQUIM	FR. ANTONIO (+1814)	<i>Adoração ao Sanctissimo Sacramento em lausperenne e oitavario, ordenado com varias meditações para todas as horas do dia de sua exposição.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 8.º.	1785
OLIVEIRA	JOSÉ JOAQUIM MONTERO DE CARVALHO E	<i>Elogio á Rainha Fidelissima nossa senhora, offerecido no dia dos seus annos.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1785. 4.º de 13 pag	1785
PIMENTA	LEONARDO JOSÉ	Bico de obra grossa em ar de festa que por morte do Neptuno do Rocio fizerão os agoadeiros do chafariz do Loreto ao seu Neptuno, Lisboa : Na Off. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1785, 15, [1 br.] p. ; 4 (21 cm) (Autor tirado da bibliografia No fim assinado: "De L. J. P.")	1785
SOUSA	JOAQUIM JOSÉ CAETANO PEREIRA E (c.1740-c.1818)	<i>Primeiras linhas sobre o processo criminal.</i> Lisboa, na Offic. Patr. de Francisco Luis Ameno 1785. 8.º de IV-62 pag	1785
TRINDADE	BENTO DA	Homilia, ou Exposição Parafraseada do Cantigo Magnificat, prégada Na Igreja da Misericórdia da Bahia em dia de Visitação de Nossa Senhora por Fr. Bento da Trindade, Eremita Descalço de Santo Agostinho, Oppositor ás Cadeiras de Theologia na Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio, e Examinador das Tres Ordens Militares. Lisboa, Na Offic. de Francisco Luiz Ameno, 1785	1785
VASCONCELLOS	P. MANUEL DE MACEDO PEREIRA DE, (1726-p.1788),	<i>Orações sacras, dedicadas ao muito excellente principe o ex.mo sr. D. Francisco de Lemos de Faria, bispo-conde de Arganil. Tomo I.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1785. 8.º de XIV-223 pag.- <i>Tomo II.</i> Ibi, na Regia Offic. Typ. 1787. 8.º de IV-206 pag.- <i>Tomo III.</i> Ibi, na mesma Offic. 1788. 8.º de IV-312 pag	1785
		<i>CARTAS INTERESSANTES DO PAPA CLEMENTE XIV (Ganganelli) traduzidas da lingua franceza, e offerecidas á ill.mª ex.mª sr.ª D. Marianna Xavier de Assis Mascarenhas, marquiza de Castello-melhor.</i> Tom. I. Lisboa, na Offic. Patr. de Francisco Luis Ameno 1785. 8.º de XXIV-344 pag. e mais duas de indice. - (<i>Tomo II</i> , na Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, Tomo III, na Offic. da Academia Real das Sciencias) <i>Tomo IV (Appendice ás cartas interessantes,</i>	1785 e 1786

		etc.): ibi, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de 245 pag. e duas de indice. Estas <i>Cartas</i> , ... são no original reconhecidas geralmente por apocryphas, e attribuidas, ao Marquez de Caraccioli. Ainda ignoro quem fosse o seu traductor.	
SOUSA	JOSÉ ROBERTO MONTEIRO DE CAMPOS COELHO fl. 1778	<i>Systema, ou collecção dos regimentos reaes...</i> 1783-1791 <i>Portugal...</i> Dado a luz por José Roberto Monteiro de Campos Coelho e Soisa, Lisboa : Officina de Francisco Borges de Soisa, 1783-1791, 6 t. Contém: 1 e 2 t. : Contém os regimentos pertencentes á administração da Fazenda Real ; . - 3 t. : Of. Patriarcal Francisco Luiz Ameno, 1785. - 673 p. ; . - 4 t. : Of. Simão Thaddeo Ferreira, 1785. - 576, [1] p. ; . - 5 t. : Contém os regimentos pertencentes á Fazenda Real, justiças e militares. - Of. Patriarcal Francisco Luiz Ameno, 1789. - 683 p. ; . - 6 t. : 519 p.	1785-1789
		<i>CONCILIO (O SACROSANCTO E ECUMENICO) DE TRENTO em latim e portuguez. Dedicada e consagra aos Ex.mos e Rev.mos Srs. Arcebispos e Bispos da Igreja Lusitana João Baptista Reycend. Segunda edição.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º 2 tomos com 415-634 pag. - Nova edição. Ibi, 1807. 8.º 2 tomos. É com pouca alteração a traducção que do Concilio fizera Francisco Ferreira da Silva (V. este nome no <i>Diccion.</i>) reformada na disposição, e mais correcta na phrase.	1786
		<i>DISSERTAÇÃO SOBRE O ESTADO RELIGIOSO, em que se mostra qual é o seu espirito, qual a sua origem, os seus progressos, os serviços que tem feito á igreja e á sociedade, a sua utilidade actual: e em que se tracta dos bens dos religiosos, e da reforma que podem ter as Ordens monasticas. Composta na lingua franceza pelo abbade de B. *** e pelo abbade de B. B. *** advogado no Parlamento. Traduzida em portuguez por um amigo da verdade.</i> Lisboa, na Typ. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de XVI-319 pag. e mais uma de errata. - V. sobre o assumpto <i>Pedro Diniz</i> no tomo IV, e no tomo II o artigo <i>Os Frades julgados no tribunal da razão.</i>	1786
		<i>Macarronea latino-portugueza(1.). Quer dizer: apontado de versos macarronicos latino-portuguezes, que alguns poetas de bom humor destilaram do alambique da cachimonia para desterro da melancolia.</i> Segunda impressão acrescentada com outras obras do auctor do <i>Palito metrico.</i> Lisboa, na offic. patr. de Francisco Luiz Ameno. MDCCLXXXVI. Com licença da real mesa censoria. 8.º de 235 pag. e mais 4 (innumeradas) de sonetos e indice. (v. <i>Dicc.</i> , tomo V, pag.343)	1786
		MACARRONEA LATINO-PORTUGUEZA) <i>Contrapezo da Macarronea, ou segundo apontado de algumas obras em verso e prosa, alinhavadas na linguagem portugueza, e guarnecidas de conceitos arrastados, e phrases estiradas, para instrucção de novatos boçaes e desfastio de leitores leigos.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786 (sic).	1786
		<i>Sacrosanto (O), e ecumenico Concilio de Trento em latim e portuguez</i> 1786	1786

		<i>Igreja Católica. Concílio de Trento, 1545-1563</i> <i>Reycend, João Baptista, fl. 17</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	
		<i>Verdades do mundo na vida da corte e do campo</i> 1786 <i>Costa, José Daniel Rodrigues da, 1757-1832</i> <i>Ameno, Francisco Luís</i>	1786
COSTA	NICOLAU LOPES DA	<i>Allegação final a favor do ex.mo conde de Oeiras sobre a reivindicação das casas chamadas o palacio das Janellas Verdes, na causa que lhe moveu com o inculcado pretexto de lesão enormissima o auctor Manuel Ignacio Ramos da Silva de Eça no juizo de commissão para se julgar em uma só instancia. Decreto, tenções, sentença e embargos a ella por parte do ex.mo réo. Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1786. Fol. de 48-66 pag.</i>	1786
COSTA	FRANCISCO RAYMUNDO XAVIER DA (v. Dicc., tomo III, pag 41).	<i>Apologia critico-chimica e pharmaceutica ao primeiro tomo da obra intitulada «Elementos de Chimica e Pharmacia» que ha pouco deu á luz Manuel Joaquim Henriques de Paiva, medico. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de VII-400 pag.</i>	1786
COSTA	JOSÉ DANIEL RODRIGUES DA 1757-1832	<i>Verdades do mundo na vida da corte, e do campo por Joseph Daniel Rodriguez da Costa, Lisboa, na Offic. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1786, 14 p.</i>	1786
FONSECA	P. FRANCISCO GOMES DA	<i>Hymnodia Lusitana, ou os hymnos traduzidos em poema portuguez concernente ao texto e metro latino adjunto, segundo a serie do Breviario Romano, que incluye inteiramente todos os officios dos sanctos, ainda novissimos, assim hespanhoes como franciscanos. Em tres classes dividida, com uma previa exposição a cada um dos hymnos respectivos, e com annotações commentarias para melhor intelligencia das metaphoras, figuras grammaticaes, e poeticas, que nelles pela maior parte se acham. Lisboa, na Offic. da Francisco Luis Ameno 1786. 4.º de XII-236 pag</i>	1786
GUERREIRO	MIGUEL DO COUTO (c.1720-1793)	<i>Satyras em desabono de muitos vicios, e Elegias sobre as misérias do homem. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de XVI-405 pag.</i>	1786
MATTA	JOSÉ ANTONIO DA (+1814)	<i>Odes do poeta latino Q. Horacio Flacco, traduzidas litteralmente na lingua portugueza. Illustradas com copiosissimas notas, que evidentemente aclaram e manifestamente dissipam a escuridade de suas translações. Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1783-1786. 8.º 2 tomos com 399 e 516 pag</i>	1786
OLIVEIRA	DOMINGOS NUNES DE (1807)	<i>Methodo novissimo para aprender a grammatica latina fundamentalmente e com brevidade. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 4.º de x-238 pag.-O auctor a destinou, segundo diz no seu prologo, a desenvolver e amplificar as doutrinas de Verney, tornando a grammatica d'este accessivel aos alumnos de tenra idade.</i>	1786
PAIVA	MANUEL JOAQUIM HENRIQUES DE (1752-1819)	<i>Elementos de Chimica e Pharmacia, relativamente á medicina, ás artes e ao commercio. Lisboa, na Offic. da Acad. Real das Sciencias 1783. 4.º - Ibi na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 4.º - Diz o sr. Gusmão. que esta obra fôra por elle ordenada originalmente em latim, e traduzida depois em portuguez por escriptor diverso.</i>	1786
PINHEIRO	FRANCISCO DE CARVALHO MORÃO (1745-1809)	<i>Acontecimentos(Os) da vida da celebre Eufemia, religiosa da Ordem de... Conto moral, dedicado á ill.mª e ex.mª sr.ª</i>	1786

		<i>D. Maria Antonia da Piedade de Sousa, marquezas das Minas. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de VI-198 pa</i>	
QUEVEDO	VASCO MOUSINHO DE	<i>Affonso Africano, poema de Vasco Mousinho de Quevedo, que sahiu: Lisboa, na Offic. Patriarchal de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º,</i>	1786
SOYÉ	LUIS RAPHAEL, (1760-1828)	<i>Sonho, poema erotico, que ás beneficas mãos do nosso augusto e amabilissimo Principe do Brasil offerece, etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de LXXXVIII-125 pag. com vinhetas e um retrato do principe D. José. - Consta de seis cantos em outava rythma</i>	1786
TEIVE	DIOGO DE (ca. 1514-ca. 1565)	<i>Epodos, que contém sentenças useis a todos os homens ás quaes se accrescentam Regras para a boa educação de um principe: composto tudo na lingua latina pelo insigne portuguez Diogo de Teive, e trad. em vulgar em verso solto por Francisco de Andrade. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 12.º de 163 pag (1ª.ed.1565) Por diligencia de Francisco de Sousa Pinto de Massuellos</i>	1786
VASCONCELLOS	LUIS MENDES DE	<i>Sitio (do)de Lisboa, sua grandeza povoação, e commercio, etc. Dialogos de Luis Mendes de Vasconcellos, reimpressos conforme a edição de 1608. Novamente correctos e emendados. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1786. 8.º de V-210 pag. - Ha terceira edição, Lisboa, na Imp. Regia 1803. 8.º</i>	1786
VASCONCELOS	JOÃO ROSADO VILALOBOS E (+C.1786)	<i>Elementos da policia geral de hum estado trad. João Rosado de Villalobos e Vasconcellos, Lisboa, na Off. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1786-1787, 2 v. ; 15 cm</i>	1786 1787
		<i>Anallyse do «Filosoio solitario» feita por um Filosofo sociavel. Ibi, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1787. 4.º de 37 pag.</i>	1787
		<i>Filosofo solitario» justificado, por F. X. da S. P. Parte II. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1787. 4.º de 33 pag.</i>	1787
		<i>Instituições logicas escritas para uzo da mocidade por seu auctor Antonio Genuense trad. e addicionadas em portuguez, por Guilherme Coelho Ferreira, 1 ed., Lisboa : Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1787, [14], 486 p. ; 15 cm</i>	1787
		<i>MACARRONEA LATINO-PORTUGUEZA) Meia hora de recreação passada na casa do opio, com os adherentes da toleima; offerecida enxertada em macarronico com o titulo de Lagartida a todo o escholar veterano etc. por Duarte Nunes Ferrão (?) etc. etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1787</i>	1787
ALMEIDA	FRANCISCO JOSÉ DE (1756-1844)	<i>Exposição fiel da molestia da ex.ma Marquessa das Minas, com um discurso sobre a utilidade dos fructos. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1787. 8.º de 80 pag.</i>	1787
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Introducção para a historia ecclesiastica do bispado Lamecense. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1787. 8.º de 50 pag.</i>	1787
FONSECA	P. FRANCISCO DA (1668-1738)	<i>Relação verdadeira da jornada que desde Lisboa fez á côrte de Vienna d'Austria o conde de Villar-maior, como embaixador do senhor rei D. João V a pedir ao imperador Joseph seu irmão, e a imperatriz viuva sua mãe, a sr.ª D. Marianna de Austria para rainha de Portugal... com uma breve descripção das terras por onde transitou, para instrucção dos curiosos. - Tudo escripto por um</i>	1787

		<i>ecclesiastico douto, que o conde levava por confessor... Impresso a primeira vez em Vienna, anno de 1717. Lisboa, na Offic. Patriarchal de Francisco Luis Ameno 1787. 4.º de 28 pag.</i>	
OSORIO	LUIZ OLIVEIRA DA COSTA ALMEIDA	<i>Tratado de tactica, dirigido a instruir os officiaes novos e cadetes de infantaria e cavallaria, dividido em tres partes, e offerecido a S. A real o sr. principe do Brazil por seu auctor, etc. Lisboa, na offic. de Francisco Luiz Ameno, 1787. 8.º de XII-703 pag. e 15 est (v. Dicc., tomo V, pag. 311).</i>	1787
RIBEIRO	JOAQUIM TIBURCIO DE CAMPOS	<i>Breve, mas cabal resposta á nova Dissertação do P. Fr. Manuel de Sancta Anna Braga sobre os juroz do dinheiro, em que com toda a clareza se mostra claudicar o seu denominado systema etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1787. 8.º de 117 pag. (V. ácerca d'esta polemica theologico-juridica os artigos João Henriques de Sousa, e Fr. Manuel de Sancta Anna Braga.)</i>	1787
		<i>Compendio chronologico das vidas dos papas com humal summa de todos os Concilios Geraes, Provinciaes e Diocesanos recopil. e trad. em portuguez por J. B. R. P., Lisboa : na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1788, 130, 284 p. ; 14 cm</i>	1788
		<i>Novo (O) pranto do Tejo na lacrimavel morte da Serenissima Senhora D. Marianna Victoria Infanta de Hespanha 1788 Ameno, Francisco Luís</i>	1788
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Manual chronologico que contem as principaes epocas da historia de cada hum dos povos ... ordenada por Lucas Moniz Cerafino (Serafino), Lisboa : na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1788,[12], 474 p. ; 15 cm</i>	1788
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Manual de cronologia Lucas Munis Cerafino (n.º 1214) Lisboa : Off. Patr. de Franc. Luis Ameno, 1788, comprehende XII (innumeradas)-474 pag. Serafino, Lucas Moniz Ameno, Francisco Luís</i> <i>Ha ainda de Francisco Luis Ameno na Bibl. Eborense varias operas e farças manuscriptas e autographas, cujos titulos podem ver-se no respectivo Catalogo, tomo II, pag. 131 e 132.</i>	1788
CONCEIÇÃO	FR. BERNARDO DA fl. 1788	<i>Ecclesiastico (O) instruido scientificamente na arte do Canto-chão. Música impressa composta pelo P. P. Fr. Bernardo da Conceição dado à luz por Jeronymo da Cunha Bandeira, Irmão do Author. Lisboa, Na Officina Patriarc. de Francisco Luiz Ameno. 1788, [6], XII, [1], 1091 [1] p.</i>	1788
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Descripção de Portugal, apontamentos e notas da sua historia antiga e moderna, ecclesiastica, civil e militar. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1788. 8.º de XXXII-242 pag.</i>	1788
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Dissertação historica-critica-apologetica, e convincente, da novissima opinião que seguiu: que o infante D. Luis, duque de Béja, fôra desherdado do direito de successão do reino pela desigualdade do casamento. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 4.º de 15 pag.</i> <i>Foi escripta para impugnar o Manual Chronologico, publicado pelo proprio impressor Ameno sob o</i>	1788

		pseudonymo de Lucas Moniz Cerafino, no qual se dava como certa a opinião que Figueiredo refuta n'este opusculo.	
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Provas da votiva acção do primeiro monarcha de Portugal, que na marcha para escalar Santarem prometteu a Deus a fundação de um mosteiro cisterciense, se pelas intercessões de S. Bernardo ficasse senhor da fortaleza que ia atacar.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 4.º de 15 pag.	1788
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Supplemento á Descrição de Portugal, em satisfação da carta que um prelado do reino escreveu ao auctor da mesma obra.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1788. 8.º de 26 pag., e mais quatro innumeradas com as erratas. - Estas obras trazem nos rostos as iniciaes F. M. D. F. C. DC. DP. EA., que significam Fr. Manuel de Figueiredo, chronista dos cistercienses de Portugal e Algarves. - Ha exemplares da mesma edição, com rosto contrafeito, que declara ser impresso na Officina Lacerdina, 1817.	1788
GUERREIRO	MIGUEL DO COUTO (c.1720-1793)	<i>Fabulas de Esopo, reduzidas a rima portugueza, com explicações accommodadas á moral christã.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 8.º de XVI-456 pag.	1788
JOAQUIM	P. ANTONIO, (+1814)	<i>Tractado da Doutrina Christã de Sancto Agostinho, traduzido em portuguez com o texto latino da edição que do mesmo opusculo se fez em Bergamo em 1747.</i> Lisboa, 8.o 2 tomos	1788
LEAL	FRANCISCO LUÍS (17..-1818) e Fr. Vicente Ferrer	<i>Historia dos filosofos antigos, e modernos para uso dos filosofos principiantes em que se relataõ as suas vidas, as suas acções, a parte da Filosofia, em que foraõ eminentes, os seus systemas, as suas descobertas, e a correcção dos seus erros por Francisco Luiz Leal,</i> Lisboa : Na Offic. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1788-1792, 2 v. ; 8(15 cm), V. I : [16], 538, (5, 1 br.] p. ; . - V. II : [4], 490 p.	1788 1792
MAZZA	JOSÉ (fl.1771)	<i>Oração consolatoria que na sensível morte do Serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brasil... Joseph Mazza...,</i> Lisboa : Na Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1788, 7 p. ; 19 cm.	1788
OLIVEIRA	FRANCISCO MANUEL DE	<i>Avisos interessantes á humanidade, ou collecção de alguns artigos concernentes á restauração da vida dos affogados, e outros casos de morte apparente, ou animação suspensa. Extrahidos de escriptos publicados em Inglaterra por ordem da Sociedade Humana... traduzidos por etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 8.º. (v. Dicc., tomo II, pag. 457 e 458)	1788
SOUSA	JOAQUIM JOSÉ CAETANO PEREIRA E (c.1740-c.1818)	<i>Aventuras de Telemaco, traduzidas em verso portuguez, a que se juntam algumas notas mythologicas e allegoricas para intelligencia do poema. Dedicadas ao ser.mo Principe do Brasil.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 8.º 2 tomos com IV-355, e 325 pag	1788
SOUSA	MANUEL IGNACIO DE	<i>Relação da conversão do rev.do sr. João Thayer, ha pouco ministro protestante em Boston, na America do norte, escripta por elle mesmo; a que vão annexos varios extractos etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 8.º de 155 pag. - É traducção do inglez, acompanhada do texto em frente, e sahiu sem o nome do traductor.	1788
SOYÉ	LUIS RAPHAEL, (1760-1828)	<i>Epicedio nas sentidissimas e lamentaveis mortes de SS. AA. RR. os serenissimos senhores D. José, principe do Brasil, e</i>	1788

		<i>D. Marianna Victoria, infanta de Portugal, por um coração dos mais magoados.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1788. 4.o de 7 pag. - Em quartetos hendecasyllabos	
		Sentença proferida na Primeira Vara da Correição do Cível da Corte a favor do Doutor João Fernandes Bicho contra o Procurador Geral dos religiosos da Terceira Ordem de S. Francisco do Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa, Lisboa : Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1789, 6 p. ; 18 cm	1789
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>O preto, e o bugio ambos no mato, discorrendo sobre a arte de ter dinheiro sem ir ao Brasil...</i> , Lisboa : Off. Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1789, 21 p. ; 20 cm	1789
BARBOSA	JOSÉ DA COSTA	<i>Ecloga pastoril de Myrtillo e Amphris, por M...</i> Lisboa, por Francisco Luiz Ameno, 1789. 4.º de 16 pag.	1789
CAMPOS	JOSÉ PAULO RODRIGUES DE	<i>Drama heroico pastoril denominado: O aprasivel alvoroço e alegrias vivas com que os pastores do Tejo applaudiram a restauração da saude preciosissima do seu bom pastor</i> (o principe do Brazil D. João). Lisboa, na off. de Francisco Luiz Ameno, 1789. 8.º de 22 pag. (v. <i>Dicc.</i> , tomo V, pag. 89).	1789
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Dissertação historica, e critica, que para distinguir D. Pedro Affonso, filho do conde D. Henrique, Religioso Cisterciense em Alcobaça, de D. Pedro Affonso, filho do Rei D. Affonso Henriques,</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1789. 4.º de 12 pag. innumeradas.	1789
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Dissertação historica-critica para apurar o catalogo dos Chronistas-móres do reino e ultramar.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1789. 4.º de 19 pag.	1789
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Mappa nominal de todos os Abbades de Alcobaça, Geraes da Congregação de S. Bernardo, com todas as declarações e circunstancias que os fazem conhecidos.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1789. 4.º de 7 pag. innumeradas.	1789
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Origem verdadeira do conde D. Henrique, soberano independente de Portugal, e por varonia da casa de Borgonha ducado, terceiro neto de Hugo Capeto, rei de França, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1789. 4.º de 48 pag. (Vej. <i>Duarte Ribeiro de Macedo, D. Thomás Caetano de Bem, e D. Fr. Fortunato de S. Boaventura.</i>)	1789
GUERREIRO	MIGUEL DO COUTO (c.1720-1793)	<i>Cartas de Ovidio, chamadas heroïdes, expurgadas de toda a obscenidade e traduzidas em rima vulgar: com as suas respostas, escriptas umas pela mesmo Ovidio, outras por Sabino e Sidronio, e a maior parte d'ellas pelo traductor; e um epilogo no fim de cada uma, em que se mostra a doutrina que d'ellas se pôde tirar, etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1789. 8.º 2 tomos com XXXVIII-312 pag. e 365 pag.	1789
MAZZA	JOSÉ	<i>Demonstração gratulatória nos completos alívios do sereníssimo senhor D. João príncipe do Brasil,</i> Ed. Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, Lisboa 1789	1789
XAVIER	P. FRANCISCO JOSÉ DA SERRA (+c.1803)	<i>No dia 21 de Setembro de 1788, faustissimo pelo nascimento do ill.mo e ex.mo sr. D. Thomás José de Mello, governador e capitão general de Pernambuco, etc.- Acahada a representação do drama de Metastasio intitulado «Ezio em Roma» recitou o primeiro actor a</i>	1789

		<i>seguinte Licença.-E no fim: Lisboa, por Francisco Luis Ameno 1789. 4.º de 15 pag.-É um elogio em verso, seguido de quatro sonetos. Sahiu com o nome de Francisco José de Sales</i>	
AMENO	FRANCISCO LUIS (1713-1793)	<i>Livro dos pontos, em que devem ser multados os Illustrissimos, e Reverendissimos Monsenhores Mitrados... da Santa Igreja Patriarcal, que não assistirem às horas, e mais funções no mez de [Abril] do anno de MDCCXC, Lisboa : Na Offic. Patriarc. de Francisc. Luiz Ameno, [1790]</i>	1790
BELEM	JOSÉ PEDRO HASSE DE, (c.1747-1805).	<i>Homilia recitada na festividade de S. João Nepomuceno, em a egreja dos religiosos allemães carmelitas descalços, a 16 de Maio de 1790. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1790. 4.º de 18 pag.</i>	1790
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Dissertação historica e critica, que mostra não deu o senhor rei D. Affonso Henriques ao mosteiro real de Sancta Cruz de Coimbra o dominio temporal de Leiria; nem na jurisdicção ecclesiastica que lhe doou foi comprehendida a villa de Aljubarrota, que não he em parte alguma do seu tempo sujeita às determinações do Foral de Porto de Mós... por Fr. Manoel de Figueiredo, chronista dos Cistercienses etc. etc. Lisboa, na Offic. Patriarcal de Francisco Luis Ameno 1790. 4.º de 23 pag.</i>	1790
OLIVEIRA	PEDRO FREIRE DE (1758-1814)	<i>Collecção das instruções, que dá aos seus discipulos no exercicio da latinidade Pedro Freire de Oliveira, professor etc. Tiradas dos bons auctores que sobre estas materias escreveram, e occommodadas á capacidade dos que aprendem. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1790. 8.º de XXXII-454 pag.</i>	1790
BENEDICTO	JOAQUIM DUARTE	<i>Elogio do grande Apelles portuquez Luis Gonçalves de Sena. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1791. 4.º de 22 pag</i>	1791
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Vida da augustissima rainha Sancta Theresa, filha do segundo rei de Portugal, e religiosa cisterciense; escripta por José Pereira Bayão; supplementada com dissertações, notas e documentos, e offerecida á senhora D. Abbadessa do mosteiro de Lervão, etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1791. 8.º de XII-227-142 pag., e mais uma que contém a errata. (Joseph Pereira Bayão 1690-1743) (Veja n'este volume o n.º J, 4545.)</i>	1791
JOAQUIM	P. ANTONIO, (+1814)	<i>Vida de S. Francisco de Sales, Bispo e Principe de Genebra, Patriarcha da Ordem da Visitação de Sancta Maria e, Fundador, e Preposito da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri, na cidade de Tonon, Lisboa, 1791, por Francisco Luis Ameno. 4.º 2 tomos com XIV-380, e 370 pag. - (Sahiu sem nome do auctor; ... historia, ... escripta com boa ordem e clareza, estylo adequado e linguagem correcta)</i>	1791
SANCTA CLARA	FR. ANASTASIO DE	<i>Guia de viajantes, ou roteiro de Lisboa para as cartas e cidades principaes da Europa, villas e logares mais notaveis de Portugal e Hespanha, etc. Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno. 1791, 8.º-Rpr.1807. - Sahiu com as iniciaes do nome do auctor Fr. A. de S. C. [12], 181, [15] p.</i>	1791
SOUSA	JOSÉ DE OLIVEIRA TROVÃO (fl.173-)	<i>Novum directorium chori, novo ordine contextum et pluribus mendis expurgatum ad usum basilicae S. ecclesiae patriarchalis Lisbonensis et omnium ecclesiarum Lusitano imperio subjectarum Música impressa opera et studio</i>	1791

		<i>Josephi de Oliveira Sousa...</i> Olisipone : Typis Patriarchal. Francisci Ludovici Ameno, 1791, [24], 470, CXXII, [1], 6 p. : not mus. ; 4 (22 cm)	
VELLASCO	ANTONIO BAPTISTA	<i>Tratado das Evoluções militares do Conde de Bombelles traduzido do francez.</i> Lisboa, por Francisco Luis Ameno.. 2 ^a . ed, 1791 (1 ^a , 1761).	1791
		MACARRONEA LATINO-PORTUGUEZA. Quer dizer: <i>Apontado de versos macarronicos latino-portuguezes, que alguns poetas de bom humor destilaram do lambique da cachimonia para desterro da melancholia. Quarta impressão, accrescentada com todas as obras que se publicaram na terceira edição d'este livro feita na cidade do Porto: agora mais augmentada esta de Lisboa, com outras obras, como se diz na advertencia que vai no fim.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1792. 8.o de 240-7-112 pag.	1792
ALMEIDA	P. THEODORO DE, (1722-1804)	<i>Cathecismo da doutrina christã: composto por mandado do em.mo e rev.mo sr. Cardeal de Mendonça, patriarcha de Lisboa.</i> Lisboa, na Offic. De Antonio Rodrigues Galhardo 1791. 8.º de XXIV-541 pag., e mais duas com o privilegio para a impressão. - Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1792. 8.º - Sahiu sem o seu nome, porém é incontestavelmente obra sua, e como tal foi sempre havido	1792
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Satisfação aos reparos e perguntas, que fez um viajante historiador portuguez, examinando os retratos dos augustissimos monarchas portuguezes, que estão na hospedaria do real mosteiro de Alcobaca Hum Monge do mesmo Mosteiro.</i> Lisboa, na Offic. Patr. de Francisco Luis Ameno 1792. 4.º de 17 pag. - Sem o nome do auctor.	1792
MALHÃO	FRANCISCO MANUEL GOMES DA SILVEIRA, 1757-1816	<i>Vida, e feitos de Francisco Manoel Gomes da Silveira Malhão escrita por elle mesmo,</i> Lisboa : na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1792-1806, 4 v. ; 15 cm	1792
FIGUEIREDO	FR. MANUEL DE (*c.1793).	<i>Resposta que deu a um Marchal (sic) das provincias do Norte, sobre o berço do papa S. Damaso, o primeiro do nome.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno 1793. 4.º de 10 pag.	1793
REGO	JOSÉ ANTONIO DA SILVA	<i>Geographia moderna, precedida de um pequeno tractado da esphera e globo terrestre, ornada de varias passagens da historia natural, politica e commerciante. Com taboadas de longitudes e latitudes etc.</i> Lisboa, na Offic. de Francisco Luis Ameno ,último tomo, 1793	1793

Quadro 17 – Lista alfabética dos autores editados por Ameno